

REVISTA DA SEMANA

Nº 21 ★ 21-5-49

CR\$ 3.00 EM TODO O BRASIL





As gigantescas sequoias, árvores milenárias, existentes no Sequoia National Park, são uma das principais atrações turísticas da Califórnia.



Os amenos e pitorescos recantos lacustres e montanhese oferecem aos forasteiros grande variedade de atividades sportivas.



Há muitos campos de golf em todo o país. Os torneios atraem milhares de adeptos deste popular sport.



Nas grandes cidades dos Estados Unidos, os turistas podem gozar das mil atrações da vida cosmopolita. Todavia, mesmo na maior delas, New York, V. S. encontrará também distrações ou atividades culturais. Os panoramas interessantes e o povo amigo são mais uma certeza de que V. S. gozará esplêndidas férias de verão.

O verão nos ESTADOS UNIDOS

oferece muitos aspectos agradáveis. Especialmente se V. S. viajar pelos Clippers da Pan American — rápidos, confortáveis e regulares. A PAA conduzirá V.S. com luxo e rapidez a qualquer dos 8 principais portos de entrada dos Estados Unidos. Daí, por meio de cómodas conexões, V.S. poderá chegar a qualquer cidade que pretenda visitar. As agências de turismo ou o mais próximo escritório da PAA terão prazer em preparar todos os detalhes da viagem.



Veja com seus próprios olhos. Viaje de Clipper aos Estados Unidos

PAA

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers Voadores

BP. 302-10143

A AGONIA DO TRÂNSITO NA CIDADE MARAVILHOSA

O trânsito na Cidade Maravilhosa! Haverá, por acaso, assunto mais velho e mais sovado e, por outro lado, mais atual e mais palpitante do que este? Haverá alguém no Distrito Federal que deixe de falar nele ao menos uma vez por dia? E há quanto tempo ele estará no cartaz? Eu, pelo menos, há 11 anos assisto a esta agonia interminável, desde o amanhecer, quando ponho o pé na rua, até às 7 da noite, à hora trágica de recolher.



São, portanto, mais de dois milhões de bocas a praguejar contra o trânsito diariamente. Todos, sem exceção, maldizem e criticam. A gente da fila grita contra a falta de veículos coletivos. Os pedestres rugem contra o excesso de veículos que atravancam as ruas. Os motoristas profissionais danam-se por que as ruas não são exclusivamente deles. Os automobilistas amadores vociferam contra os absolutistas do volante. Cada um desses maldizentes tem uma idéia firmada sobre o trânsito. Idéia sempre salvadora, segundo o seu ponto de vista particular.



Em contacto diário com tantos entendidos em matéria tão difícil e tão complicada, eu só nutria um desejo: conhecer de perto o sr. Edgard Estrêla, o Diretor do Trânsito. Pelos meus cálculos, ele devia ser um cidadão gasto, neurastênico, irritado e casmurro, encanecido por 18 longos anos de luta acérrima às rédeas desse irrefreável bicho de sete cabeças. Não podia ser melhor a minha concepção de um indivíduo que deve trabalhar 24 horas por dia, velando, há 216 meses, a arteriosclerose progressiva de uma cidade que é, por natureza, a mais intransitável do mundo.



E aconteceu, há poucos dias, o que eu muito desejava. Graças à fidalguia de um amigo, conheci de perto o sr. Edgard Estrêla. Foi, realmente, uma surpresa para mim. Ao invés de um cidadão gasto e neurastênico, defrontei um cavalheiro ainda jovem, alegre, vibrante e bem disposto, com uma exuberância caracteristicamente baiana, palpitando nas idéias, nas palavras e nos gestos. Por espaço de uns dez minutos falamos sobre muita coisa: lamentamos o calor, queixamo-nos do excesso de trabalho, tomamos café, fumamos, discutimos política e, quase acidentalmente, passamos de raspão sobre o trânsito. Nesta altura, lancei o anzol para ver se pescava algum juízo pessoal da autoridade sobre os duros ossos de seu ofício. Fiquei abismado. O sr. Edgard Estrêla é, talvez, o único cidadão no Rio de Janeiro que não tem idéias particulares sobre o trânsito.



Perdoem-me os dois milhões de maldizentes e palpiteiros da Cidade Maravilhosa, mas, neste ponto, eu estou com o sr. Edgard Estrêla. Não se pode resolver com pontos de vista privados sérios problemas de ordem pública de provada e comprovada complexidade. Não é com os pés chumbados às angustiantes vielas de nossa urbs e a cabeça pairando em New York, Chicago e Filadélfia, que encontraremos solução para os males crônicos que nos afligem. Não importa que essas cidades tenham veículos cem vezes mais do que a nossa, com trânsito regular. O que importa é que têm outra situação topográfica e amplas avenidas e trens subterrâneos e túneis em abundância e, sobretudo, prefeituras que esburacam menos as ruas e ajudam em vez de dificultarem o trânsito. A não ficar de acordo com o sr. Estrêla, fico mesmo com o meu ponto de vista particular (pois também tenho o meu), que é um tanto drástico, é verdade, mas de êxito e eficiência absolutos: — trata-se, muito naturalmente, de lançarmos uma bombinha atômica sobre esta metrópole feita para pedestres e, das suas ruínas, levantarmos outra, pensando também em veículos.

MARTINS D'ALVAREZ (Especial para REVISTA DA SEMANA)

Sumário:

SEÇÕES PERMANENTES

A agonia do trânsito na cidade maravilhosa (Martins d'Alvarez)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
Correio da REVISTA	49

REPORTAGENS

A Biblioteca Nacional, uma ilustre desconhecida (Milton Pedrosa)	4/ 6
Uma carioca nos Pampas (Luis Carlos Lessa)	33/35
A tragédia de Turim	54/58

BIOGRAFIA

A vida de Lord Kelvin	7
-----------------------------	---

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	16

CARICATURA

Com humor	11
Na terra de Tio Sam (Théo)	42

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

NOVELA

A denúncia do vestido amarelo (Helène) ..	14
---	----

MÚSICA

O Concurso Chopin	17
-------------------------	----

RÁDIO

Broadcast (A. Migueis)	18
------------------------------	----

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
Para a temporada elegante	20
Modelos infantis	23
O "tailleur"	24
Chapéus	25
Novos modelos	26
Os problemas da mulher (M. Mercedes Santos)	36
Interiores	36
Detalhes e novidades	37
Week-end na cozinha	38
Blusas	38/39
Camisolas	40
Noivas	41
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	26
O amor é assim (Lucille D'Arlemont)	25

CONTOS

Eusebinho (O. Gomes de Castro)	22
Sagitana (C. Elmano)	30

CINEMA

Cine-Revista	28/29
--------------------	-------

TEATRO (José Fomm)	44/45
--------------------------	-------

ARTES PLÁSTICAS (Angelus Ravel)	47
--------------------------------------	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	48
---	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	50
---	----

FOLHETIM

Scarlett	53
----------------	----

ILUSTRADORES

Orlando Matos	
Sibilla	
Jerônimo Ribeiro	



NOSSA CAPA

A graciosa "estrêla" de Hollywood Nan Leslie, dos estúdios da RKO, foi a escolhida para a capa da REVISTA DA SEMANA desta edição. Talentosa e dona de grande beleza, Nan Leslie está fadada a ser um dos grandes nomes da geração de "astrô" do futuro.

(Foto RKO)



A fachada da Biblioteca Nacional, na avenida principal da Capital da República, conhecida principalmente pelos que se servem de suas escadarias, durante a passagem dos prêmios carnavalescos ou dos desfiles das forças armadas...

A BIBLIOTECA NACIONAL, UMA ILUSTRE DESCONHECIDA

NÃO são muitas as pessoas que frequentam bibliotecas, públicas ou particulares, e, dessas, nem todas sabem como nascem, vivem e, às vezes, morrem as bibliotecas, pois que elas também morrem, queimadas pelo fogo, destruídas por tal ou qual bárbaro ou mesmo sob o desprezo e o abandono. Tal qual acontece com as pessoas, pois que, no fundo, uma biblioteca é um ser vivo. Acontece mesmo que vem um terremoto e depois o fogo e os dois se juntam para a sua destruição, como foi o caso da biblioteca real de Lisboa, em 1755.

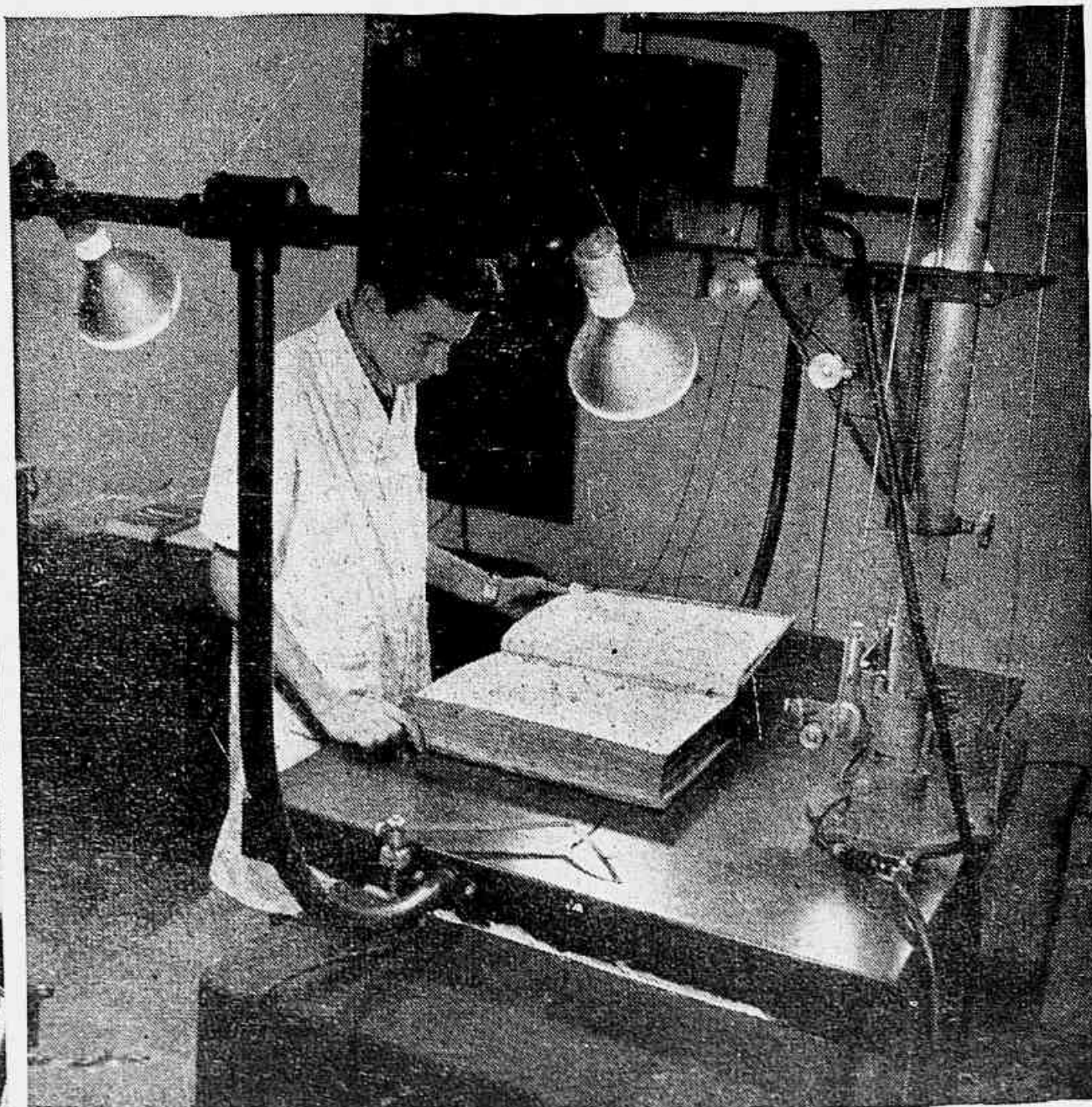
Falemos então de um desses grandes "repositórios do saber humano", conforme vejo numa publicação oficial, que é a

Devemos a Napoleão Bonaparte a sua origem ★ D. João VI, o primeiro diretor-bibliotecário ★ Cerca de dois milhões de volumes e apenas mais ou menos setenta mil leitores anuais ★ Salva pela atual administração a mais valiosa coleção de gravuras do mundo ★ O mais rico e mais importante acervo da América Latina ★ Como nasceu e como vive essa montanha de livros ★ Biblioteca Pública e Biblioteca Nacional, duas coisas diferentes ★ O que ninguém desconhece

Reportagem de MILTON PEDROSA
Fotos de OLÍMPIO DE ARAUJO BRAGA

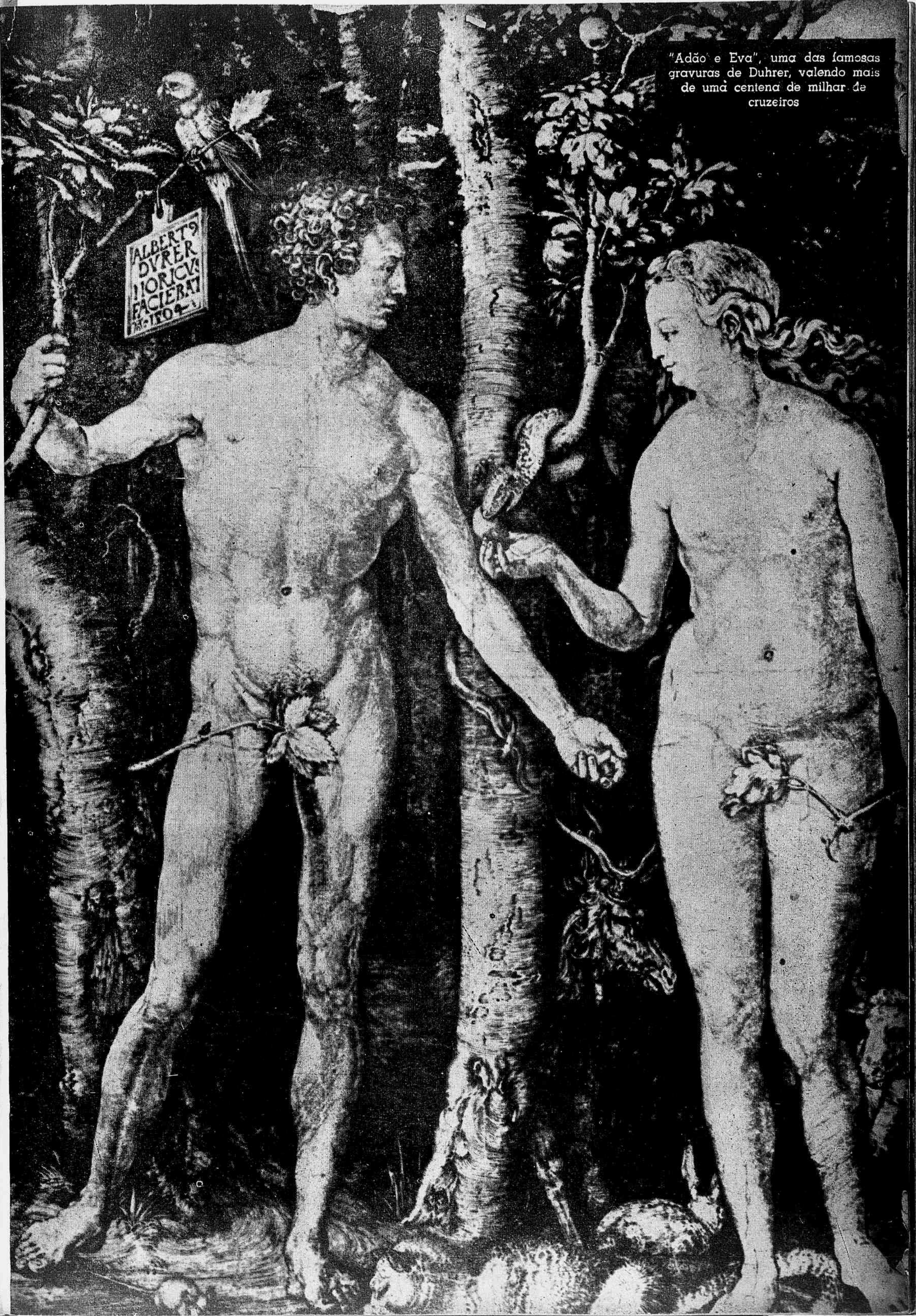
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, repositório grandemente ignorado, pois, numa capital com cerca de três milhões de habitantes, sua frequência diária é de apenas duzentas pessoas, o que dá a grosso modo 6.000 por mês ou mais ou menos 72 mil por ano, apesar de monumental fachada agressivamente visível no ponto mais central da capital do país.

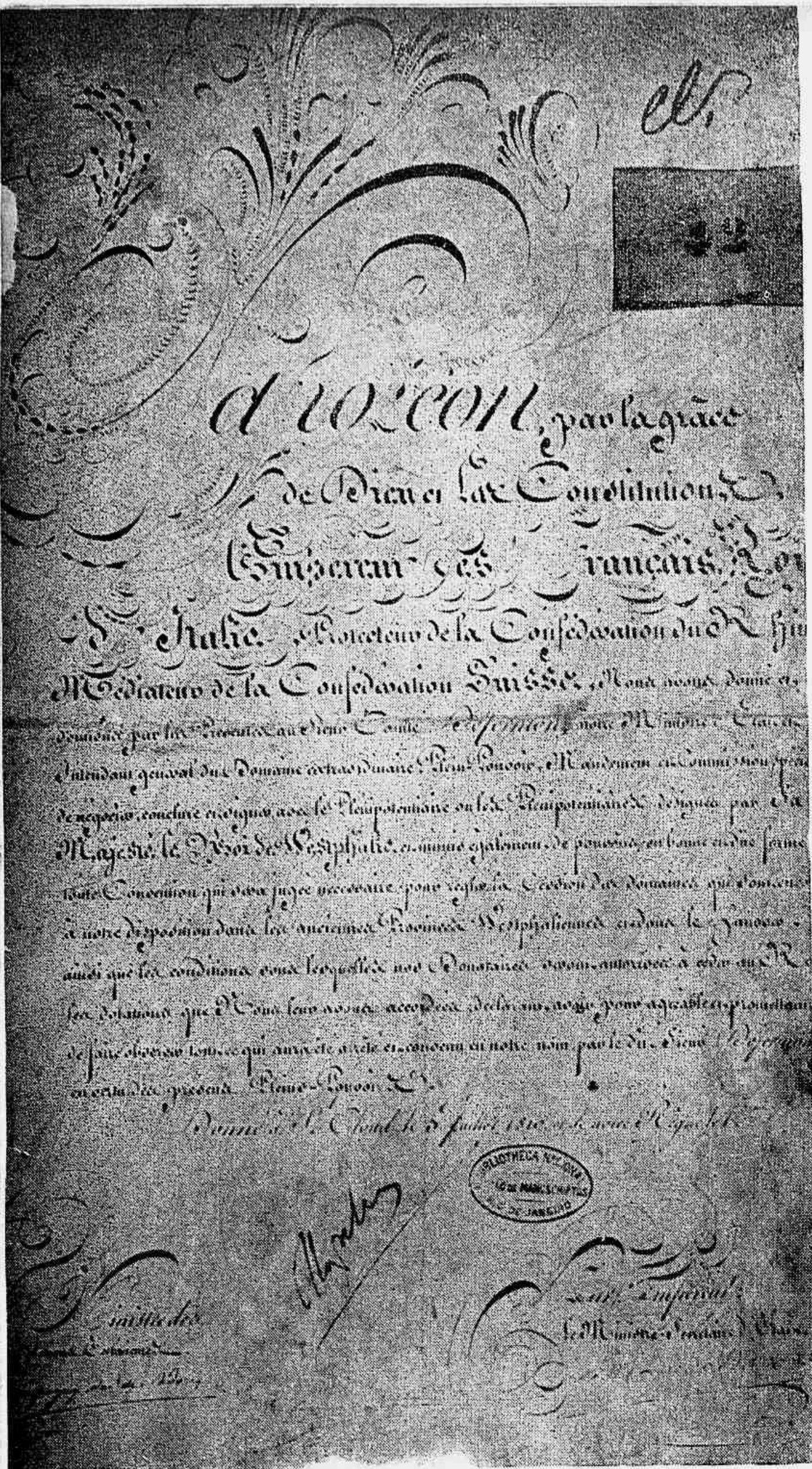
Talvez não se acrescente nada aos nossos foros de civilizados ocidentais, mas, vale a pena dizer que esta biblioteca nós devemo-la a Napoleão. Aliás, não é isso nenhuma novidade. Vem na história, contada de outra maneira, mas em síntese, é isso. Quando o imperador obri-



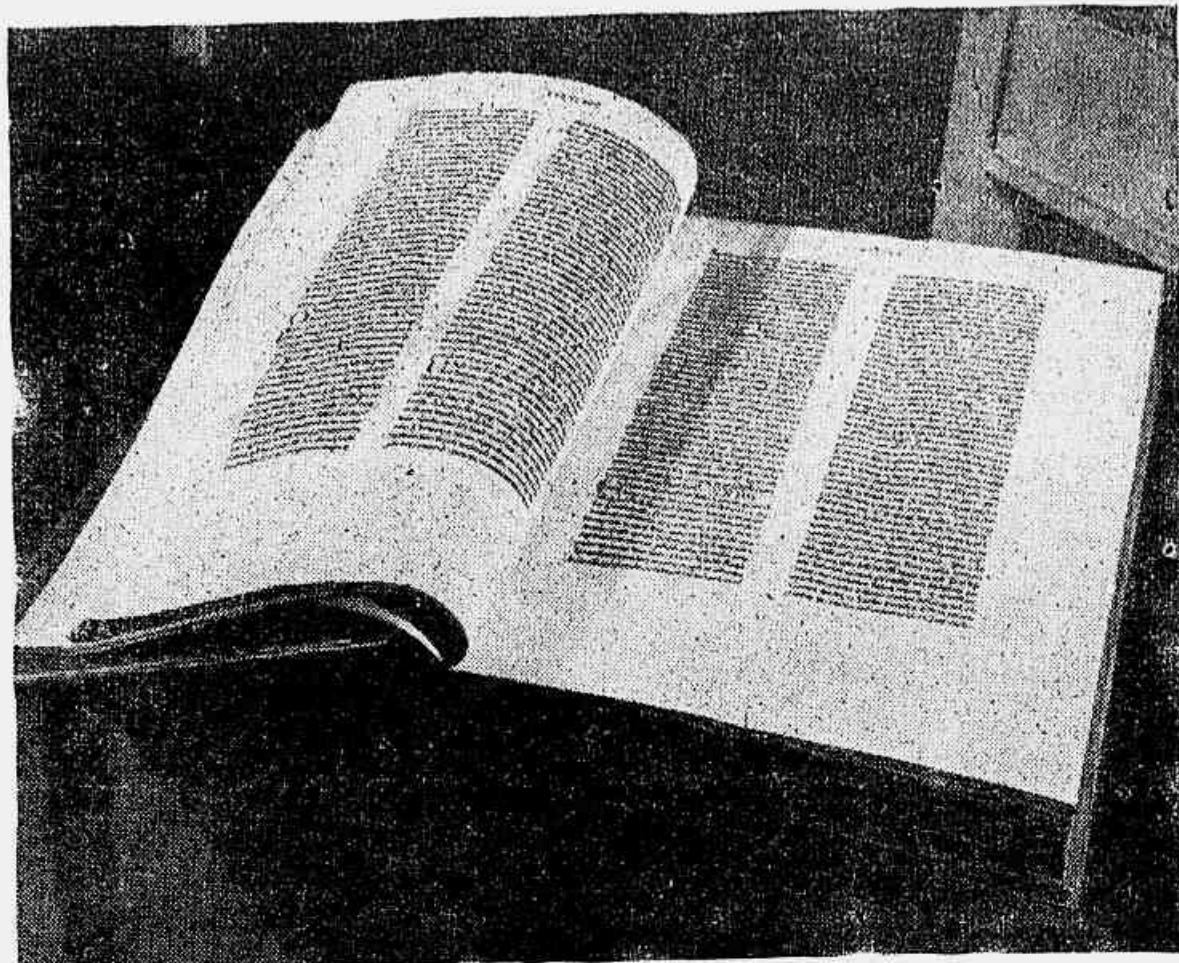
A esquerda: Sala de referências — de consultas de livros — na Biblioteca Nacional. A direita: Seção de microfilmagem, recentemente criada, onde as obras raras são reproduzidas, de modo a se tornarem acessíveis aos interessados. O custo da reprodução de um volume de 200 páginas, por exemplo, não irá além de quatro ou cinco cruzheiros

"Adão e Eva", uma das famosas gravuras de Dürer, valendo mais de uma centena de milhar de cruzeiros





Autógrafo de Napoleão, a quem, na prática, se deve o nascimento da Biblioteca Nacional



O incunábulo mais valioso da Biblioteca Nacional, a Bíblia de Mogúncia, edição de 1462

gou a D. João VI refugiar-se lá na Colônia, da bagagem deste faziam parte alguns milhares de volumes que constituíram o embrião do que é hoje a Biblioteca Nacional, considerada a maior e mais importante coleção da América Latina.

UMA MONTANHA DE LIVROS

O leitor já viu uma edição de mil exemplares de uma obra qualquer de uma de nossas editoras? É uma verdadeira montanha de livros. Arrumados em estantes, enche e atropela a sala de qualquer apartamento desses, que todos, inclusive o reporter, se esfalfam por conseguir sem o sacrifício das luvas.

Avalie-se, então, um milhão e oitocentos mil volumes de todos os tamanhos e formatos, mais 400.000 manuscritos, somados a mais 300.000 coleções de jornais e 200.000 estampas e pense então o leitor nessa coisa tremenda que é o acervo da Biblioteca Nacional, e na diversidade de serviços e número de funcionários e extensão de verba necessários ao funcionamento e conservação de tudo isso.

São meia dúzia de divisões: de pesquisas, de catalogação, de circulação, de obras raras e publicações, de serviços auxiliares, além de cursos, subdivididos em vinte e uma seções, com duzentos funcionários-bibliotecários, auxiliares de bibliotecários, técnicos em microfilmagem, em iconografia, conservadores de obras raras ou de obras comuns, burocratas, gente da limpeza e nem sei que mais. É um

serviço que vai de seis da manhã às dez da noite e, em todo ele, se consome uma dotação de perto de seis milhões de cruzeiros por ano.

Mas, este acervo não surgiu da noite para o dia. Ainda há pouco mais de um século, pouco depois de sua fundação, o total de volumes ia por uns sessenta mil. Veio depois a aquisição de novas coleções, recebimento de outras por doações de inúmeras pessoas e esse número cresceu tanto que ela teve de se mudar do Consistório da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Na sua febre de espaço, acabou desalojando até os doentes de uma sala de hospital, obrigando-os a se transferir para outro local.

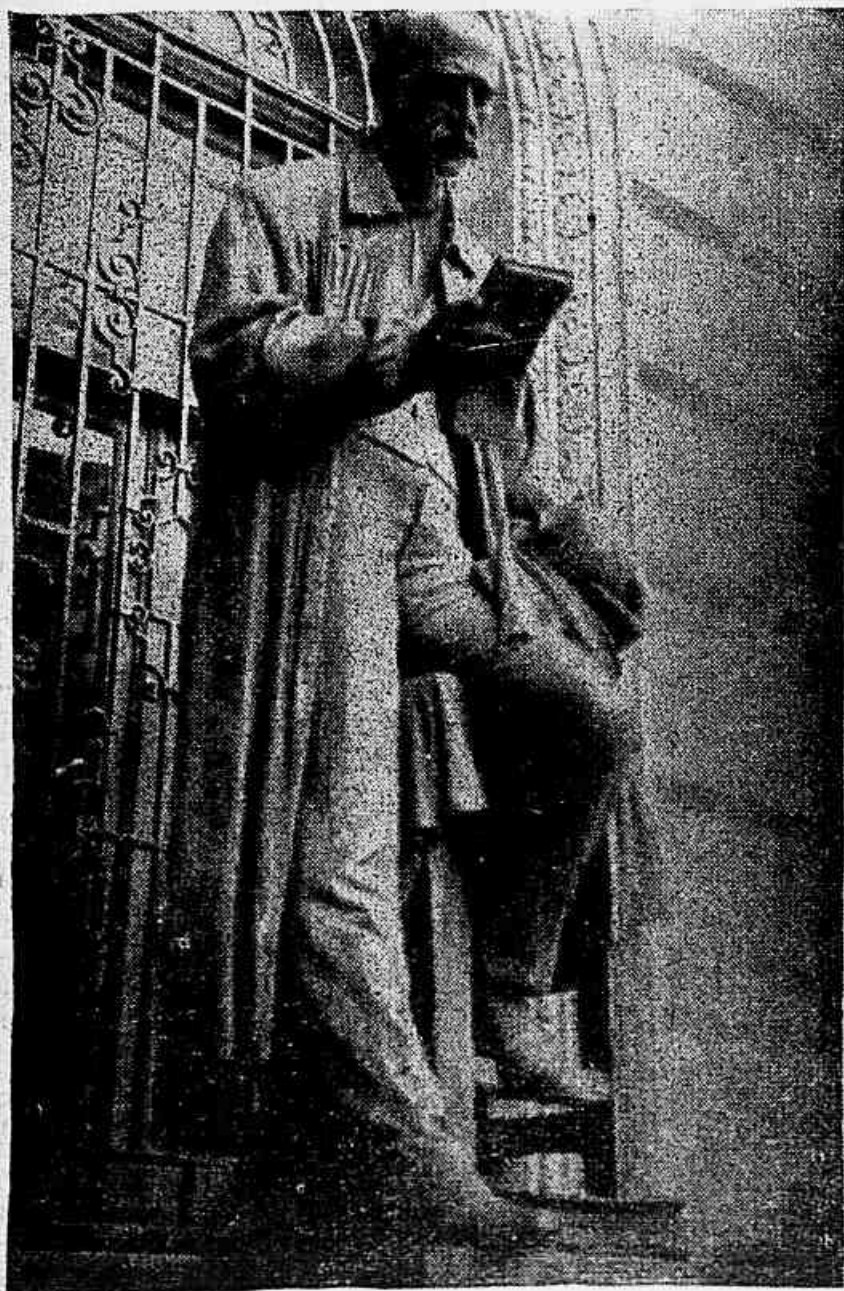
Entre as bibliotecas particulares famosas que vieram a crescer a seu acervo, está a do conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva, contendo cerca de 5.000 volumes, doada pelos herdeiros do Patriarca.

A Biblioteca é uma montanha de jornais, almanaques, folhetos em todos os idiomas. Encontram-se ali reunidos, obras mediocres, obras raras, mas guardadas e igualmente tratadas, num regime amplamente democrático...

A DOR DE CABEÇA DOS DIRETORES

Dezesseis diretores já administraram a Biblioteca Nacional nesses cento e tantos anos de existência. O primeiro deles foi, na realidade, D. João VI, e o último, o atual, o escritor Josué Montelo. E o primeiro...

(Continua na pág. 54)



Da esquerda para a direita: "O Estudo", uma das estátuas existentes na Biblioteca Nacional; a escalaria da Biblioteca, mais conhecida como palanque da cidade nos grandes dias de desfile; um aspecto do porão da Biblioteca Nacional, e o outro lado da casa

DESCENDIA de uma raça de Covenanters escoceses que haviam sido expulsos de sua terra pelas perseguições religiosas. Perdeu a mãe aos doze anos. O pai, professor de filosofia natural na Universidade de Glasgow, organizou para os seis filhos um sistema educativo que lhes robustecesse o espírito e enrijasse o coração. Planejava tornar esse sistema educativo tão amplo como profundo. Quase desde a infância os rapazes se afizeram aos vastos panoramas mentais. Absorveram os princípios da geologia e da astronomia. As plantas eram os seus companheiros de brinquedos. Estudaram as lutas dos impérios para alcançar novos triunfos e as lutas das idéias para lançar raízes entre os homens. Reunidos em torno da mesa, contemplavam com fascinação o pequeno globo terrestre e faziam imaginárias expedições às mais remotas paragens. Depois dirigiam os olhos para outro globo maior que o pai lhes comprara — a esfera do firmamento, com a sua épica história, de que a terra constituía apenas uma das sílabas.

William era o mais moço dos filhos, mas o que possuía a imaginação mais viva. Sentia-se enfeitado pela história dos dois globos. Com pouca idade ainda, aceitara o desafio de decifrar o mistério do seu enredo. Quando tinha dezesseis anos, transcreveu em seu diário um décimo primeiro mandamento — um apelo intelectual à sua razão, assim como os Dez Mandamentos eram um apelo religioso à sua consciência:

Sobe até onde a Ciência é o guia:
Vai, mede a terra, pesa o ar, anuncia a [maré;
Ensina os planetas a girar em sua órbita,
Corrige o velho Tempo, e regula o sol.

II

Seu acesso à maioridade intelectual foi rápido. Aos dezessete anos entrou na Universidade de Cambridge. Aos dezoito escreveu um ensaio notável sobre a dinâmica do calor, e contribuiu com vários artigos para o *Cambridge Mathematical Journal*. Depois de graduar-se, travou conhecimento com alguns dos maiores físicos da França e da Inglaterra, apresentando-lhes valiosas sugestões para as suas pesquisas. Aos vinte e dois anos foi nomeado professor da Universidade de Glasgow.

Sua vitalidade agressiva aturdiu um pouco os brandos colegas escoceses do corpo docente. Mal conquistara uma honra ambicionada por muitos rivais encanecidos, decidiu revolucionar o departamento de física de Glasgow. Dirigiu-se aos seus superiores para pedir-lhes uma sala onde realizar experiências fora das aulas. Era uma audácia sem precedentes. Desde muitas gerações os econômicos professores escoceses se conformavam com misturar de cambulhada as preleções e os experimentos. Para que precisaria esse jovem petulante de uma sala especial?

Mas a curiosidade sobrepujou o ressentimento. "Uma vez que insiste, pode ocupar a velha adega, de onde mandaremos retirar os barris de vinho".

E assim o primeiro laboratório moderno das Ilhas Britânicas nasceu numa adega.

O jovem Thomson começou a trabalhar com o ímpeto de um ciclone. Ele era a mais perfeita personificação da sua própria teoria dinâmica. Tendo selecionado um corpo de trinta voluntários da sua classe de noventa alunos, pô-los a trabalhar a uma velocidade furiosa. O trabalho se acumulou tão rapidamente que ele se viu necessitado de mais espaço — "uma sala adicional para pensar".

Novamente os colegas o olharam espantados. "Pode tomar conta da torre", disseram-lhe.

Da manhã à noite ele descia às profundezas e escalava as alturas. Da atividade experimental à especulação abstrata. E ao anoitecer ele se encaminhava para casa — que ficava a apenas cinquenta jardas de distância — e ali o corpo do técnico e a alma do filósofo se rendiam ao sono de um homem em perfeita saúde.

III

Mais uma vez a dinamite da sua energia explodiu em meio ao conservantismo dos colegas. Exigia ainda mais espaço. E novamente os colegas anuíram à sua exigência. "Professor Thomson, o senhor tem um extraordinário gênio para a anexação".

Seu entusiasmo transbordante assombrava tanto o mundo leigo como o acadêmico.

A VIDA DE LORD KELVIN

(WILLIAM THOMSON — 1824-1907)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

Durante algumas semanas, os visitantes que afluíam ao laboratório para vê-lo trabalhar se espantavam de encontrá-lo soprando bôlhas de sabão. E todos os estudantes passavam horas a caminhar de um lado para outro com as bochechas infladas e os olhos brilhantes, soltando no ar uma bôlha após outra. Um dos presentes aventurou-se a perguntar o motivo de toda aquela atividade.

O professor cravou os olhos nele por alguns segundos. Depois, num tom que expressava piedade por alguém incapaz de tirar conclusões pessoais de uma coisa tão evidente, respondeu: "Estou calculando a espessura da mancha descolorida das bôlhas de sabão. Descobri que mede um vigésimo-milionésimo de milímetro". No mês seguinte, revelou a outro visitante que por

logia, a rigidez da terra. De súbito pegou num martelo e golpeou violentamente o pião. O metal voou numa direção centrífuga e foi atravessar o chapéu de Helmholtz, que estava pendurado num cabide. Os alunos romperam em algazarra. Helmholtz também riu, constrangido. "Alguma coisa saiu errada", explicou o professor candidamente. "Comprar-lhe-ei um chapéu novo".

Seu ensino não tinha nada de enfadonho. "Pus um termo às leituras de ensaios rancosos", dizia. A aula e o laboratório de Thomson andavam sempre atravancadas de aparelhos de toda ordem. Nada ficava entregue à imaginação. Havia maquinismos empilhados sobre as mesas, pendentes do teto, presos às paredes. Osciladores triplices de molas em espiral, um pêndulo de

que a borracha se dilatou para baixo. Mais água. Por fim a borracha rebentou "como uma gota de orvalho sobrecarregada" — bem em cima das cabeças dos estudantes sentados na primeira fila. "Eu gosto que os alunos absorvam bem as minhas explicações", disse o professor com uma risadinha.

Suas "preleções" não eram preleções no sentido usual. Eram proezas de ginástica mental — e física. "Ele pulava para dentro da classe como um tigre", conta um dos seus alunos, "rasgando a beca de professor ao arremeter pela nave em direção à plataforma". Lia às pressas o texto bíblico obrigatório e depois olhava sorrindo para os alunos. "Hoje falarei sobre a propagação do movimento luminoso através de um líquido invíscido em turbulenta agitação".

Os estudantes mal compreendiam uma palavra do que Thomson dizia. Mas ficavam fascinados com os seus gestos. Quando falava na dança das estrélas, era muito capaz de executar uma jiga no estrado. Uma solene fórmula algébrica — e záz! Estendia a mão para um ponteiro e equilibrava-o na ponta do dedo, enquanto uma centena de pessoas continham a respiração. "Vejam. Se eu equilibrasse este ponteiro numa montanha de granito, ele exerceria pressão sobre a terra inteira". Quando dissertava acerca dos princípios do som, exibia um velho cornetim com que havia tocado numa orquestra nos tempos de colégio, e extraía do instrumento uma poderosa vibração sonora, enquanto os alunos se punham de pé e aplaudiam. Se falava sobre os princípios da velocidade, pegava de uma carabina que tinha usado quando era guarda nacional, e descarregava uma salva de tiros contra o pêndulo.

Como todos os homens de personalidade vigorosa, tinha os seus preconceitos. Irritava-o particularmente o "confuso sistema humano de pesos e medidas". E por boas razões. Uma vez, quando se preparava para alvejar o pêndulo, ordenou que o seu auxiliar carregasse a carabina com um "dracma" de pólvora. Referia-se ao dracma do sistema avoirdupois. Mas o ajudante julgou tratar-se do dracma farmacêutico, que corresponde ao dobro da unidade avoirdupois. E, assim, pôs na carabina uma carga de pólvora suficiente para fazer voar a cabeça do professor — e as de alguns dos seus melhores alunos também. Por felicidade, quando ia fazer fogo, o atirador descobriu o engano. "Sempre desconfiei das palavras e obras do espírito humano", suspirou o professor.

IV

Quanto a ele, era homem de palavras exatas e obras práticas. Tomava mais interesse pelas invenções mecânicas concretas que pelas leis mecânicas abstratas. Além do que ele denominava os seus deveres professorais "passivos", assumira a direção ativa de uma fábrica. Quando o físico francês Joule divulgou a teoria surpreendente de que o calor era uma energia suscetível de ser transformada em trabalho, Thomson imediatamente se voltou para as aplicações práticas dessa teoria, planejando utilizar a energia com fins industriais. Consagrou longas meditações ao conceito que começava a impor-se na física da metade do século — a energia como origem da matéria. No estudo da termodinâmica, entreviu o grande princípio da transformação e da indestrutibilidade da energia — e esse homem essencialmente prático, que encharava todo conhecimento sob o ponto de vista da sua "utilidade" para o gênero humano, achou-se paradoxalmente empenhado em formular uma filosofia teórica da vida. "Cada planeta", explicava aos discípulos, "é como um dançarino equilibrado nas pontas dos pés. Está constantemente a vibrar de energia viva". Mas qual era a natureza dessa energia? Aos cinquenta e três anos, Thomson começou a escrever um livro sobre o assunto. Mas nunca chegou a terminá-lo, pois não pôde encontrar resposta àquela pergunta.

Seus estudos sobre a termodinâmica — o poder energético do calor — estendiam-se dos mais remotos confins do universo até a sua própria pessoa. Usava um coléte de lã como uma espécie de termostato para regular a temperatura do corpo. Quando tinha frio, envergava numerosos colétes semelhantes; quando sentia calor, tirava-os. No inverno era comum ver Thomson usar oito ou nove desses colétes. Se os amigos riam da sua idiossincrasia, ele declarava

(Continua na pág. 47)



William Thomson, Lord Kelvin

sua ordem os alunos andavam fumando cachimbo e soltando anéis de fumaça dos lábios para ilustrar o modelo dinâmico do átomo. "Medi também o átomo", explicou, "e descobri que tem um duocentésimo-milionésimo de centímetro".

Era um estímulo para os alunos, esse azougado professor. Nunca se sabia o que esperar dele. Um dia seu amigo Helmholtz, o cientista alemão, foi visitá-lo no laboratório e viu-o experimentar com um giroscópio. Um pesado pião metálico girava rapidamente. O professor queria mostrar que o pião havia de tornar-se rígido na sua rotação, e esperava provar assim, por ana-

trinta pés de comprimento com uma bala de canhão de doze libras amarrada na ponta, uma aterradora máquina em que certo número de bolas de bilhar corriam de um lado para outro a fim de ilustrar a dinâmica das nebulosas, montes e montes de giroscópios. Ele fazia-os girar um em cima de outro, torcia-os, embaralhava-os, torturava-os, no esforço por estudar as revoluções dos planetas. A um canto, suspenso do teto, havia um mecanismo de aparência inócua — um aro de metal coberto de borracha "para ilustrar a natureza do orvalho". Certo dia, o professor pediu água e derramou-a sobre o aro, até

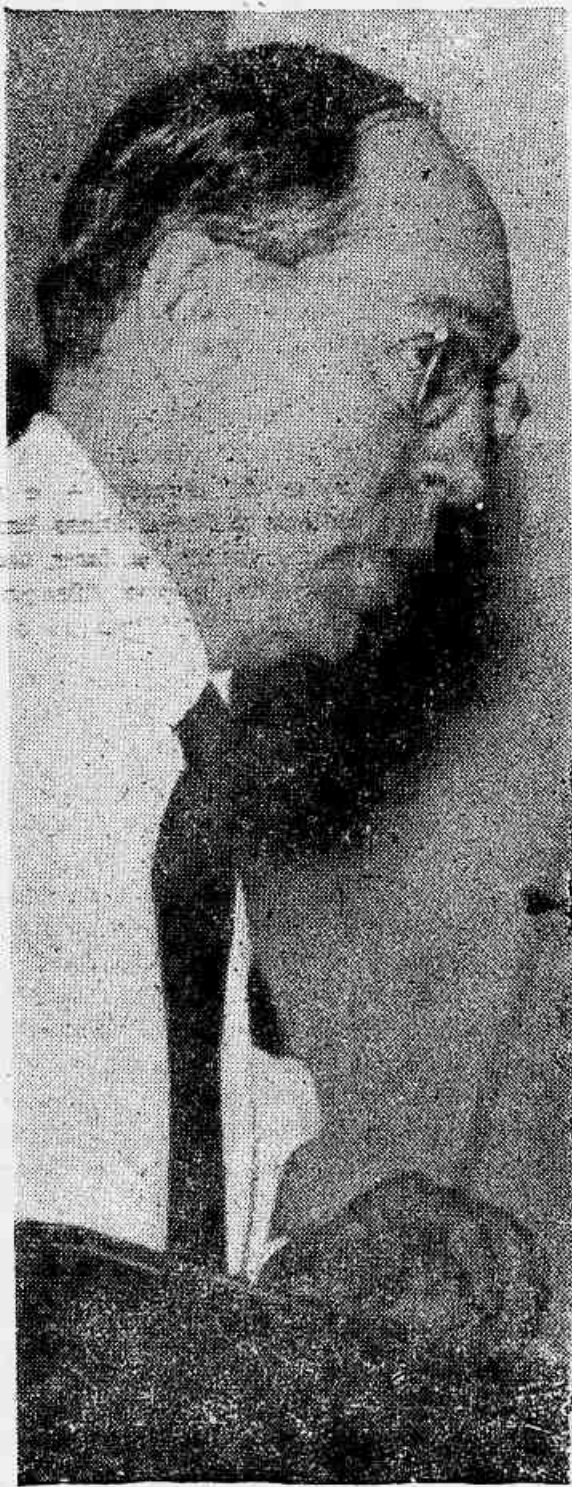


Há muito que se anunciava a viagem do Sr. General Eurico Gaspar Dutra, Presidente do Brasil, à República dos Estados Unidos da América do Norte. E, como todos sabem, a principal razão dessa visita oficial consiste na retribuição da visita com que o Sr. Harry S. Truman, Presidente da grande nação norte-americana, honrou o Brasil, quando, por sinal, foi alvo de todas as demonstrações de apreço, não só por parte do nosso mundo político, como, sobretudo por parte do povo brasileiro numa atitude realmente espontânea.

A viagem, do Presidente do Brasil aos Estados Unidos, constituirá, de fato, mais um laço a contribuir para a solidariedade brasileiro-americana, solidariedade que tanto se tem afirmado durante os tempos e ainda há pouco mais se acentuou por força da segunda Grande Guerra em cujos campos os soldados brasileiros e norte-americanos lutaram juntos.

O Sr. General Eurico Gaspar Dutra, o sua comitiva tomaram o avião no domingo próximo passado nesta capital, com destino à Norte América. Mas, desde a sexta-feira, 13 de maio, às dez horas da manhã, S. Excia. deixara o exercício do cargo, que passou a ser ocupado pelo Sr. Senador Nereu Ramos, Vice-Presidente da República.

A solenidade ocorreu no salão amarelo do Palácio do Catete, presentes represen-



Vice-presidente Nereu Ramos

tantes do Poder Legislativo e do Poder Judiciário.

O Sr. General Eurico Gaspar Dutra, ao transmitir o exercício do mais elevado cargo do país, pronunciou ligeiras palavras, às quais o Sr. Nereu Ramos respondeu, afirmando que a linha traçada pelo Chefe da Nação não seria alterada, terminando por fazer votos pela felicidade da viagem, do Presidente do Brasil.

A ausência do Sr. General Eurico Dutra será de quinze dias, segundo o programa pre-traçado e todo esse tempo destinado, especialmente a visitas a grandes obras hidráulicas do vale do Tennessee, havendo nesse intuito o desejo de aplicar em nosso São Francisco a experiência norte-americana na solução das zonas semi-áridas.

Especiais homenagens serão prestadas nos Estados Unidos ao Presidente do Brasil. E' durante essa quinzena, que o Sr. Nereu Ramos dirigirá os nossos destinos, tornando-se, pois, a mais importante personagem da semana.

a SEMANA EM REVISTA

PARA O SR. ESTRELA Os jornais estão cheios de notícias de acidentes do tráfego, muitos deles com perdas de vidas. Morrem crianças, adultos e velhos sob as rodas de caminhões e automóveis, ônibus e lotações. Há veículos que sobem aos passeios para matar o cidadão que está certo de sua segurança fora das ruas. As faixas também não oferecem garantias, uma vez que grande número de motoristas só as respeitam quando, além do sinal luminoso, há um inspetor de olho vivo nos transgressores. Na cidade de Guaíba, colocada em frente a Porto Alegre, o prefeito Paiva Guimarães teve uma idéia genial para evitar tanto desastre de automóvel. Mandou abrir valas nas entradas das ruas que dão acesso àquela cidade, com o que os senhores automobilistas que vão atravessar o Guaíba para a capital do Estado, não continuam a abusar, e atravessam a localidade nas costureiras disparadas rua fora como loucos a procura de vitimas. Valetas de uns vinte centímetros sempre servem para alguma cousa, e as de Guaíba são verdadeiras salva-vidas. Não somos técnicos em tais assuntos; mas diante da crise de inspetores de veículos, de sinais luminosos e de faixas de segurança, não seria de todo mau que o Sr. Estrela estudasse um jeito de evitar que os nossos autos, ônibus e caminhões businassem tanto, matassem tanto, desrespeitassem tanto as leis do tráfego urbano e suburbano. Uma valetazinha de segurança nas esquinas, em certos entroncamentos, em algumas praças, bem que dariam certo, pois é sabido que pneu e molas hoje em dia dão dor de cabeça quando se arrebitam...

GRANDE DATA NACIONAL Na opinião de Ruy Barbosa, como se lê em um dos capítulos de "Queda do Império", é o treze de maio de 1888, a maior data de nossa história. Qual o motivo por que o imortal civilista assim julgava? Simplesmente porque toda a vida de Ruy foi uma luta entre o Direito e a Liberdade, entre a Justiça e a Cultura, entre a Redenção e o Espírito. 13 de maio já foi feriado nacional. Nesse dia, desde a capital da República aos mais humildes logarejos do interior do país, comemorava-se a Data da Libertação dos escravos negros. Luiz Gama, Rebouças, Patrocínio, Castro Alves, Nabuco e tantos outros defensores da emancipação negra no Brasil, eram festejados, louvados, citados como exemplos de dignidade humana. A Princesa Isabel, cognominada "A Redentora", título que historiadores e analistas dos fatos nacionais acham imerecido, recebia as homenagens do povo, dos governos, das sociedades de cultura. Havia passeatas, sessões cívicas, teatro, discursos, conferências. E hoje? Nada. A data decorre despercebida, nem mesmo merecendo da imprensa um cantinho de coluna e um pouquinho de história sobre os heróis que lutaram pela libertação dos escravos no país. Seja como for, é necessário que o povo brasileiro não deixe que se extinga de seu calendário cívico o grande evento. Mesmo que o poder público não o consagre, devemos manter aquela mesmo culto dos passados tempos, em que, ao lado de 13 de maio, também se comemorava o 21 de abril, ambos dignos de nossa veneração.

AS MULHERES NO VOLANTE A capital paulista tem uma motorista de taxi. Chama-se Maria Josefa de Léo e seu carro de praça tem o número 47.297. Maria Josefa é mãe de dois belos e robustos garotinhos, internos de um colégio da capital bandeirante. Como veio essa corajosa mulher preferir a direção de um taxi à profissão que desempenhava, até pouco tempo? Ela era enfermeira; mas, como isso não lhe dresse o bastante para viver e educar os filhos menores, achou que ser "chauffeuse" de carro de praça seria muito mais produtivo e com muito mais independência. E' escusado dizer que o público de S. Paulo acolheu a decisão de Maria Josefa com a maior simpatia, prestigiando-lhe a nova profissão. Mas, ao contrário do que muita gente pensa, não cabe à capital bandeirante a inovação. O Rio de Janeiro, antes de lá, também teve a sua motorista profissional. Por mera coincidência também tinha o nome de Maria. Maria de quê? Só era conhecida por "Maria Chauffeuse". Isso foi aí pelo ano de 1927 ou pouco mais. Já lá se vão mais de vinte anos. Que é feito dela? Por que abandonou o volante? Talvez tenha trocado o taxi pela touca da enfermeira. O mundo tem desses contrastes. Dizem, porém, que uma das grandes dificuldades que há entre nós para que as mulheres se firmem nos volantes dos autos de aluguel, não é a guerra fria dos seus colegas de calça, nem o calote dos clientes sem coração, nem as multas da Inspetoria, nem os impostos. A dificuldade está apenas no nome que se lhes pode dar. Se o homem é chofer, a mulher passaria a ser chofera. E nenhuma filha de Eva suportaria esse apelido, mesmo já sendo uma Léo

HOSPITAL PARA SADIOS Antigamente inventaram um ditado que dizia assim: "Fulano não tem onde cair morto". Espíritos mais atilados descobriram que o anexam não estava certo, pois, o verdadeiro seria assim: "Fulano não tem onde cair vivo". Sim, porque, para cair morto se cai em qualquer lugar. Mas, cair vivo?... Ai é que está, com efeito, o grande problema. Foi pensando nisso que, em Liverpool acaba de ser fundado um hospital, com certeza o único no mundo, pela originalidade. Chama-se "Instituto de Pesquisas para Prevenção de Doenças", e só se interessa por pessoas de mais de 35 anos e que estejam perfeitamente sadias! A finalidade é quase desportiva, isto é, desejam os seus fundadores verificar quantas pessoas existem exatamente sãs, podendo, então, diagnosticar as doenças em suas fases iniciais. Dirige o estabelecimento o eminente cardiologista, Dr. L. Harris, o qual se impressionou sempre com o número dos cardíacos naquela cidade, e chegou à conclusão de que, com dietas, exercícios, etc., pode-se anular o avanço da doença do coração e seus vasos, logo de começo. Como a um indivíduo que se julga perfeitamente sã, nunca lhe dá na telha procurar médicos para descobrir-lhe molestias, é claro que somente depois de tais doenças se manifestarem através de sintomas ou síndromes, vai ele pressuroso ao Raio X, ao clínico de sua confiança, ao médico especialista. Muitas vezes, porém, já é tarde, muito tarde... Por esse motivo, o hospital de Liverpool para pessoas com saúde, maiores de 35 anos, pode ser paradoxal, mas é lógico. E gratuito...

MORATORIA DO AMOR Segundo notícias de Toquio, o médico japonês, dr. Choso Toda, acaba de sugerir que as famílias japonesas, nos próximos vinte anos, fossem proibidas de ter mais de dois filhos, cada uma, como método para reduzir a população do país à pacífica população de setenta milhões de habitantes. O dr. Toda que é professor da Universidade de Kioto, também sugeriu que as mulheres, durante os próximos cinco anos, adiassem os casamentos, como outro meio de evitar o aumento da população. Paralelamente a isto, mostrou esse professor a necessidade de intensificar-se uma campanha educativa para que as moças solteiras de mais de trinta anos não fossem consideradas "solteironas". Trata-se, pois de verdadeira guerra ao amor... Os casais que já têm filhos na base restritiva de dois pimpolhos, estão convidados a parar, detendo essa finalidade precipua do matrimônio, que é justamente a de ter filhos. Se não há meninos, os lares ficam tristes, melancólicos, com casais bocejantes. Em face das noivas, pede o dr. Toda, toda cautela nesse negócio de casamento, devendo haver uma moratória amorosa de cinco anos... O terceiro ponto do projeto do japonês de Kioto é o mais interessante: — pede que as senhoritas titias de mais de 30 anos, não sejam chamadas de "solteironas". Como passam a ser conhecidas? "Solteirinhas"? No norte do Brasil dão-lhes o nome popular de "barricão". Quando uma jovem vai ficando para um lado e chega aos 30, entra no barricão! E que trabalhadeira para arrancá-la de lá!

O POSTE DE MUSSOLINI Foi em abril de 1945 que, na Praça Loreto, na cidade de Milão, os guerrilheiros italianos dependuraram o cadáver de Benito Mussolini, exercendo uma das mais impressionantes vinganças de que fala a história de todos os tempos. Ao lado do "Duce" fascista, foi também dependurada sua amante Clara Petacci, bem como alguns outros líderes do Império Italiano sob o domínio dos Camisas Pretas. A cena foi verificada em um posto de venda de gasolina e óleo daquela cidade industrial do norte da Itália, e ninguém mais se lembrava de reviver a tragédia. Um americano, porém, interessou-se pelos postes em que ficaram tristemente sangrados, de pernas para o ar, o chefe fascista e seus companheiros. Foi ao dono do posto de lubrificantes e propôs comprá-los. Depois da necessária combinação foi fechado o negócio pela importância do três milhões de liras, sendo imediatamente embarcados para os Estados Unidos aquelas relíquias macabras. Que espera esse excêntrico filho do Tio Sam com o madeirame dramático da Praça Loreto? Apenas isto: destiná-los ao Museu Histórico de Los Angeles, cujas coleções ficarão assim enriquecidas com esses objetos relacionados com a queda do totalitarismo imperialista da Itália. E' lamentável que o governo italiano permitisse nessa transação, e, em seguida, nesse embarque, desfalcando-se o próprio país de elementos preciosos para enriquecimento dos museus do país. Os norte-americanos, porém, não dormem, e viram no assunto um meio excelente para aumentar as rendas de turismo, com a original força de Mussolini armada pelo povo italiano, em tremenda onda de punição.

ANO XLVII

REVISTA DA SEMANA

N.º 21 — 21-5-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00
---------------------------	-------------	------------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp.: — Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-8718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-prensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ESTE NUMERO CONSTA DE 80 PAGINAS



A Comissão Pública Especial da ONU resolveu recomendar à Assembléia que admita Israel como 59º membro. Tropas comunistas chinesas chegam a vinte quilômetros de Xangai. Grã-Bretanha e Itália chegam a um acordo sobre a questão das antigas colônias italianas do norte da África. Desmentido de Washington a respeito de um próximo encontro Truman-Stalin. Falleceu o príncipe Luis II, de Mônaco, aos 79 anos de idade. Passageiros do "Magdalena", ora em Londres, enaltecem os socorros prestados pela Marinha brasileira. Estendem-se as chuvas a todo o Estado do Ceará, agravando-se a situação da cidade de Fortaleza. Manifesta-se a Conferência de Goiânia contra o Instituto da Hileia Amazônica. Instala-se no Rio a Conferência Nacional do Negro. Prepara-se Xangai para um sítio prolongado. Fuzilados, em Copenhague, cinco nazistas, acusados de aterrorizarem o povo dinamarquês durante a ocupação alemã. A Rádio de Moscou exorta os Estados Unidos e a Grã-Bretanha a colaborarem com a União Soviética, da mesma forma como o fizeram durante a guerra. Anunciado, por um astrônomo norte-americano, o descobrimento de uma nova lua no planeta Netuno. Recebida pelo Papa Pio XII a princesa Margaret, da Inglaterra. Segundo declarações de um membro da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos, é muito caro o emprego da energia atômica para fins civis. Os conservadores britânicos levam vantagem no pleito municipal, para eleição dos Conselhos Distritais. Aumentados os preços das passagens entre Rio e Niterói. Mantida a isenção do imposto de Vendas e Consignações para os produtos de Volta Redonda. Decretada pelo ministro do Trabalho a intervenção no Sindicato de Jornalistas Profissionais de São Luís, no Maranhão. Tomou posse, na Academia Brasileira de Letras, na vaga aberta com o falecimento do senador Roberto Simonsen, o sr. Aníbal Freire. Rigor ainda maior no controle do intercâmbio comercial do Brasil, prestando o ministro da Fazenda declarações sobre a escassez de cambiais de dólares. Apela para o presidente da República funcionários da Navegação Aérea Brasileira, em face da situação de insolvência em que se encontra aquela companhia de aviação. Projeto de lei apresentado à Câmara dos Deputados, sugerindo preferência para o material produzido no país, nas aquisições feitas pelo Governo, desde que em igualdade de preços com o similar estrangeiro. Cairam na Alemanha as barreiras do bloqueio, depois de um sítio de 327 dias. Intensifica-se a pressão comunista sobre Xangai. Plenas garantias dos direitos civis para o povo alemão, é o que reivindicarão as potências ocidentais na próxima conferência dos chanceleres das quatro potências sobre a Alemanha. Na iminência de perder o seu mandato o deputado Edmundo de Barreto Pinto, em consequência da publicação de suas memórias, num vespertino do Rio. Novamente na Câmara o "caso Ivo Bercioni". Derrotando a equipe do Paraguai por 7x0, sagrou-se o Brasil campeão sul-americano de Futebol. Reclamação do Tribunal de Contas ao presidente da República contra as autarquias que fogem à fiscalização. Elevado para 40 centavos o preço do "cafezinho"; foi isso o que resolveu a Comissão Local de Preços, numa reunião em que não participaram representantes dos consumidores. Será escoada pelos portos de Caravelas e Ponta D'Areia a produção do norte de Minas e sul da Bahia. Ratificado pela Inglaterra o Pacto do Atlântico Norte. Não têm os Estados Unidos, por enquanto, o propósito de enviar embaixador a Madrid, declara o presidente Truman. O Senado de Montevideu aprovou um projeto em que se recomenda a nacionalização dos serviços de águas e esgotos da capital portenha. Içada na ONU a bandeira de Israel. Apesar do acordo firmado, reiniciaram os choques armados holandeses e indonésios, em Batávia. Recrudescer a má vontade entre irlandeses e ingleses. Truman confia no brilhantismo da recepção ao general Dutra, certo de que o povo dos Estados Unidos dará ao presidente brasileiro a mesma acolhida cordial e entusiástica que o mandatário americano teve no Rio. Afetado o crédito do Brasil no Exterior, declarando-se no Conselho Federal de Comércio Exterior que é preciso liquidar os atrasados comerciais do País. Segundo declarações do líder da Confederação Geral dos Trabalhadores da França, não aceitam os operários franceses a interferência do governo em suas organizações, tendo assegurado o direito de greve, inclusive os funcionários públicos daquele país. Queixam-se oficiais e praças do Corpo de Bombeiros contra serviços de que teriam sido vítimas naquela corporação, pelo simples fato de haverem sido apontados como suspeitos no roubo de oitocentos mil cruzeiros ali cometido em fins da semana transata. Checa ao Rio a equipe de jogadores profissionais do Arsenal, de Londres. "Se a ONU como organização para a segurança nos depreciona e se tivemos que apoiar para medidas complementares para enfrentar ameaças presentes ou potenciais, não é porque os Estados Unidos tenham poupado esforços para desenvolvê-la em toda a sua estrutura", declara o presidente Truman comentando o parecer do sr. Dean Acheson sobre as Nações Unidas. Comemorado solenemente pela A.B.I. o "Dia da Imprensa". Os governantes militares das potências ocidentais aprovaram a Constituição para a Alemanha Ocidental. Preço pela polícia carioca um indivíduo encarregado especialmente de realizar cobranças dos excedentes da majoração nos preços da carne, vendida pelo Frigorífico Três Corações. Cerimônia da transmissão do Governo ao sr. Nereu Ramos, realizada no Palácio do Catete. Informam as autoridades ocidentais que os aviões que abastecem Berlim continuarão voando até que a cidade tenha acumulado uma reserva de 20 mil toneladas de alimentos. Regressou a Lisboa o embaixador Júlio Dantas. Apreendida no Estado do Rio parte do dinheiro roubado ao Corpo de Bombeiros. Prontos mais seis navios de guerra para o Brasil, tudo feito no arsenal da Ilha das Cobras, sendo nacionais também os próprios canhões. Projeto apresentado à Câmara dos Deputados referente a nova tabela de "salário-família". Anuncia-se próximo reajustamento das passagens na Central do Brasil. Iminente a queda de Hankow, sitiada pelos exércitos comunistas chineses. Será televisionado o desembarque do presidente Dutra nos Estados Unidos. As novas instalações de maquinaria na Casa da Moeda permitem a impressão do nosso papel moeda. Comemorado solenemente o 140º aniversário da fundação da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Projeto de lei apresentado à Câmara em que se estabelece que somente os juizes poderão apreender as carteiras dos motoristas. Em vigor no Rio de Janeiro uma lei municipal que cria a responsabilidade das oficinas mecânicas nos consertos e alterações feitos em automóveis. Duzentas pessoas vitimadas com o desabamento de uma arquibancada do Circo Transatlântico, que se exibia em Barbacena, no interior de Minas Gerais. Segundo Drew Pearson, famoso jornalista norte-americano, o objetivo da visita do general Dutra aos Estados Unidos é a obtenção de um empréstimo de 150 milhões de dólares para a construção de três fábricas de armamentos no norte do Brasil. As companhias de seguro britânicas pagaram à Mala Real 2.300.000 libras esterlinas pela perda do navio "Magdalena". Uma bomba — que não explodiu — foi depositada à porta da Embaixada brasileira em Madrid, explicando a polícia de Barcelona o fato como resultante das atividades do Brasil na ONU, em favor da volta dos embaixadores à Espanha. O quadro do Arsenal, de Londres, derrota o Fluminense por 5x1, num prêmio cuja renda de Cr\$ 994.510,00 bateu o "record" da venda de ingresso para futebol em toda a América do Sul!

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Êsses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!



A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

MINHA JANGADA DE BAMBU

UM ROMANCE DE AMOR, DE RENÚNCIA, DE PAIXÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA DIVERTIDA DE UMA CRIANÇA.

FOLCLORE DO NORDESTE, COM O CARNAVAL E O SEU ENTRUDO DOS COMEÇOS DO SÉCULO, OS PASTORIS, AS "SENTINELAS" AOS MORTOS.

O DUÉLO ENTRE UM MAÇON E O CLÉRO LOCAL, A PLUTOCRACIA DOS PODEROSOS, AS INGENUIDADES DOS HUMILDES.

MINHA JANGADA DE BAMBU

DE RENATO DE ALENCAR É UM LIVRO QUE DEVE SER LIDO POR TODOS OS BRASILEIROS.

Preço: Cr\$ 25,00

Pedidos pelo Reembolso Postal à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Visc. de Maranguape n.º 15 — Lapa — Rio de Janeiro

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

DUTRA

★

Biografia por JOSÉ CAÓ

★

Instituto Progresso
Editorial S. A.
São Paulo
1949

tenso, o dia e o lugar do nascimento, o primeiro colégio, o primeiro exame, outras particularidades, numa ordem inalterável de datas e acontecimentos. O que, neste livro, vem em primeiro lugar é a figura do homem, rapidamente traçada, mas num desenho tendente a logo a explicar e impor. "Escrever sobre um homem que está no poder — observa, de início, o sr. José Caó — ou é muito fácil ou muito difícil". Para o primeiro resultado, basta agradar deveras ao poderoso em questão. Para este, o melhor retrato, o que lhe parecerá mais fiel, será o que mais ampla e veementemente o lisonjeia. E o pintor que se arranje depois, como puder, com a sua consciência — e com a crítica.

Entre, porém, a facilidade e a dificuldade previstas na execução da sua tarefa, não teve este biógrafo que escolher nem que hesitar. A obra se lhe afigurou, desde logo, não de todo simples ou comensal, mas bastante clara em bloco como em detalhe. O general Eurico Dutra lhe dava a impressão iniludível de uma pessoa que a si mesma se julga e em qualquer momento se pode considerar dentro de si, em plena sinceridade e critério exemplar. "Em primeiro lugar é um homem sereno e amigo da verdade". Não pode, com efeito, haver perigo nem complicação em se falar lealmente de um homem, no correr da biografia; eleve-se esta ao mesmo assim. Seja qual for a sua posição de monopagórico ardoroso ou se mantenha à altura da apreciação mais escrupulosa, do juízo mais austero, o indivíduo ali está, sempre o mesmo, na sua compostura, na sua dignidade. Nenhuma vantagem haveria, e antes comprometimento ou prejuízo, em o "favorecer". Nada, portanto, melhor para o escritor do que proceder com perfeita isenção de ânimo, exprimindo, tanto quanto possível, a verdade.

A pessoa de Eurico Gaspar Dutra passa por estes capítulos invariavelmente num sentido de dignidade e retidão. Com os postos e situações que vai alcançando, aumenta sempre o seu prestígio na classe e na sociedade. A sua carreira se desenvolve na continuidade do esforço e nos naturais resultados de êxito. Não se verificam, dentro dela, reviravoltas súbitas nem golpes de teatro. Atravessa os comandos militares; assume os cargos administrativos e políticos; atinge a Chefia do Estado, na mais coerente das trajetórias, pela lei do próprio valor e em virtude das próprias realizações. São as etapas de uma ascensão continuada, que se não precipita nem se detém e que nada ficará devendo a circunstâncias alheias ao merecimento da individualidade.

Assim o sr. José Caó acompanha o seu biografado, assinalando e sempre acentuando as virtudes e os feitos que, na paz como na guerra, o tornaram benquisto e admirado na história do seu país.

★

POESIAS

★

De MÚCIO LEÃO

★

Autores e Livros Editora
Rio de Janeiro
1949

costuma-se dizer; com bem mais cabimento se dirá agora: é a vida de um poeta.

Por estas páginas além se nos depara, nos momentos e ensejos mais diferentes, um verzejador esmerado que por estranha fantasia ou virtuosidade irreverente, por obediência, passageira embora, à corrente de uma época ou por mero impulso de variedade, positivamente deixa, às vezes, de ver-sejar. Há até duas páginas, e não certamente das menos belas do livro, puramente em prosa. Queremos dizer com isto — pois, hoje em dia, se torna necessária, às vezes, tal explicação — que, no referido trabalho, "Cântico de Aleluia", procedeu o artista como quem faz verdadeira prosa e não como quem, fracionando as linhas e os períodos de modo arbitrário ou por algum princípio, alguma regra ainda, até agora, por definir e estabelecer, produz

versos, eloquentes decerto como intenção ou como sentido verbal, em todo caso tecnicamente falsos. E por que há de, então, o prosador bom em tudo fingir que não sabe ser bom poeta? Dir-se-á que, de tão velha, quer dizer: tão repisada esta questão passou em julgado ou, em outros termos, deixou de interessar. E, porém, esse um grande mal, o maior mal, porque assim se chega à indiferença.

Perdoo-nos o poeta modernista sr. Múcio Leão, mas preferimos cem vezes o outro poeta, aquele a cujas obras não cabe, a rigor, a qualificação de modernas nem de antigas, por se filiarem à poesia de todos os tempos. E' assim que o compreendemos e admiramos, fiel às regras plásticas e musicais que não foram subitamente inventadas nem se criaram de golpe, mas se vieram ajustando, harmonizando, fixando através do gosto e da sensibilidade das gerações. Há no presente livro, nas suas páginas de íntegra, escoreta poesia, a obra de um lírico de inspiração delicada, com a feição geral da espontaneidade e aquela espécie de "facilidade" que só o esteta sabe quanto, não raro, se torna difícil obter e quanto realmente vale como arte. As estrofes, por exemplo, que a seguir reproduzimos, em versos variáveis como métrica mas esbeltos e corretos em cada estrutura, otrecem uma singeleza peregrina, de trazer à idéia passagens ora de Cesário Verde, ora do próprio João de Deus. Os sonetos se desenvolvem e rematam, por via de regra, com elegante e apurada fluência. E todo o livro, quando trabalhado dentro das leis da arte poética, traz, dentro do largo e grave alexandrino como da redondilha mais ligeira, um cunho de legitimidade, personalidade que o impõe à nossa melhor, mais interessada, mais compenetrada atenção. Vejamos a citada página "Doçura":

Essa doçura tímida que eu sinto,
Nem a sei definir, porque é leve demais...
Tem qualquer coisa de um perfume extinto,
Dêsse perfume de melancolia,
Que nós achamos, por acaso, um dia,
Num jardim velho, há muito abandonado,
Num jardim cheio de tristezas outonais...

Não, esse amor não tem o violento brado
Do desespero e da alucinação:
E' um sentimento quieto, repousado,
Um misto de ternura e de dedicação.

Sê compassiva! Eu não te peço o paraíso
Que a febre e o sonho aos homens dão...
Só te peço um olhar de bondade, um sorriso
De amizade, um adeus discreto, de emoção...

E o sentimento de que vivo é torturante...
Quando te vejo penso — e com que dor magoada! —
Que tu nunca hás de ser a minha ardente amante,
Tu, que és apenas uma doce camarada!

PEDRAS ALTAS

★

Romance de EMI BULHÕES
CARVALHO DA FONSECA

★

Empresa Gráfica
"O Cruzeiro" S.A.
Rio de Janeiro
1949

sa de horrendo e absurdo, que a nossa reflexão repele, mas a natureza dos fatos sabidos e rememorados nos obriga a aceitar. E' um amo e senhor que se despede das suas terras e dos seus vassallos, sem ainda dar bem por isso. Tudo ao seu redor, e até longe, lhe pertence; dispõe de todos os bens e todas as vidas que a sua vista alcança e domina; uma palavra sua dispõe, ali, de qualquer destino e dir-se-ia que da própria vontade de Deus; naquele pequeno mundo, debaixo daquele céu, é a lei suprema e a força absoluta... Mas, por quanto tempo ainda? Aquilo que o dono de tudo não vê nem compreende, já de algum modo o pressente. Dentro da sua rude noção das coisas, no fundo do seu instinto bárbaro, alguma voz o previne da catástrofe e ruína próximas. Por isso mesmo, de dia para dia ele se torna mais truculento. Qualquer pretêxto lhe serve para exercer a senhorial ferocidade. Certo dia, estando em conversa com uma visita, vêm-lhe denunciar, isto é: mal começam a contar-lhe a falta ou distração de um escravo durante o serviço. Deve ser coisa insignificante, mas basta para o soberano em pleno orgulho da sua ferocidade. Sem indagar ao certo do que se trata; sem o mais leve cuidado de justiça ou ímpeto de compaixão; sem interromper por mais de alguns

segundos a palestra entabulada, ordena: "Cinquent chicotadas". E seu filho, bem digno de tal pai, que no momento vai passando no terreiro e ainda menciona o que ocorreu, só por ouvir aquela voz de mando implacável reforça a bestialidade da sentença: "E mais cinquenta por minha conta!"

Eis o "coronel" Mário Inocêncio, senhor de barão e cutelo da fazenda da Esperança. Outro fazendeiro, bem diverso, este, pelo caráter, o sentimento, a pessoa inteira, prospera, respeitado e benquisto na estância vizinha. E' um titular do Império, herdeiro das terras, do nome, do título e de uma tradição de virtudes domésticas. E' o Barão. Assim toda a gente lhe chama, assim lhe obedece — tanto quanto possível entre escravo e senhor — e ama na fazenda de Pedras Altas. E o seu tipo de lavrador-gentilhomem vem a constituir a transição do feudalismo, no que possa ter de nobre e generoso, para a era de libertação e, mais tarde, de desforra, que há de vir.

A rivalidade entre os dois proprietários mais cedo ou mais tarde terá que se manifestar. O coronel é interesseiro, ambicioso, invejoso no fundo, e cheio de soberba. Pensa sobretudo em exceder o outro em riqueza e poderio, se não usurpando-lhe as terras, pelo menos estendendo a elas a sua influência orientadora. Por isso lhe acode a idéia de, não obstante as diferenças de índole e educação, fazer seu filho casar com a filha do vizinho. E' justamente aquela cena das cinquenta, das cem chicotadas que destrói o plano na aparência tão fácil e tão seguro. A tal visita era o Barão que vinha agradecer certo empréstimo de escravos para ajudarem os seus numa apanha urgente de café. Mas, ao despedir-se, trazia consigo a repugnância, a repulsa por semelhante algoz. Dias depois, vai o coronel a Pedras Altas pedir ao Barão que lhe conceda para o filho a mão de sua filha. A desculpa da recusa: a pouca idade da moça, a conveniência de deixar para mais tarde o projeto de união das duas famílias, não convence, está visto, aquele homem acostumado a tudo resolver, tudo vencer pela arrogância e a ferocidade. O coronel manda assassinar com um tiro de tocaia o seu, desde então, inimigo odiado e imperdoável. Mas um incidente de carinho familiar — o Barão erguendo uma criança nos braços, no momento mesmo da pontaria — rouba o ânimo ao matador assalariado.

Outros episódios animam o drama de "Pedras Altas", que vem a constituir uma forma de epílogo da servidão negra no Brasil. E outros tipos se destacam através da ação impetuosa, frequentemente bela ou comovedora, sempre cativante: a esposa do coronel, criatura sem nenhuma altivez feminina, dominada, passiva, meio escrava ela mesma; o jovem Janrique, criado na indolência e no desleixo, que, tendo andado "nos estudos", no Rio de Janeiro, só realmente aprendeu a não querer fazer coisa alguma; a mulata Malvina, cria de casa, ora sensível ora ladina, por quem pai e filho se embeicam, com infame vitória do primeiro; o negro Pedro Gamboa, contador de velhas histórias, velho embaixador de crianças; o moleque Nhô, seu filho pelo coração... Ainda outras figuras passam no livro, nítidas de desenho como de expressão e para tão cedo não serem esquecidas. E o que em tudo se acentua e impõe é a imagem permanente da gleba, do torrão forte e fecundo, seivoso e criador, que ali vem a ser o objetivo, a alma e a razão de tudo:

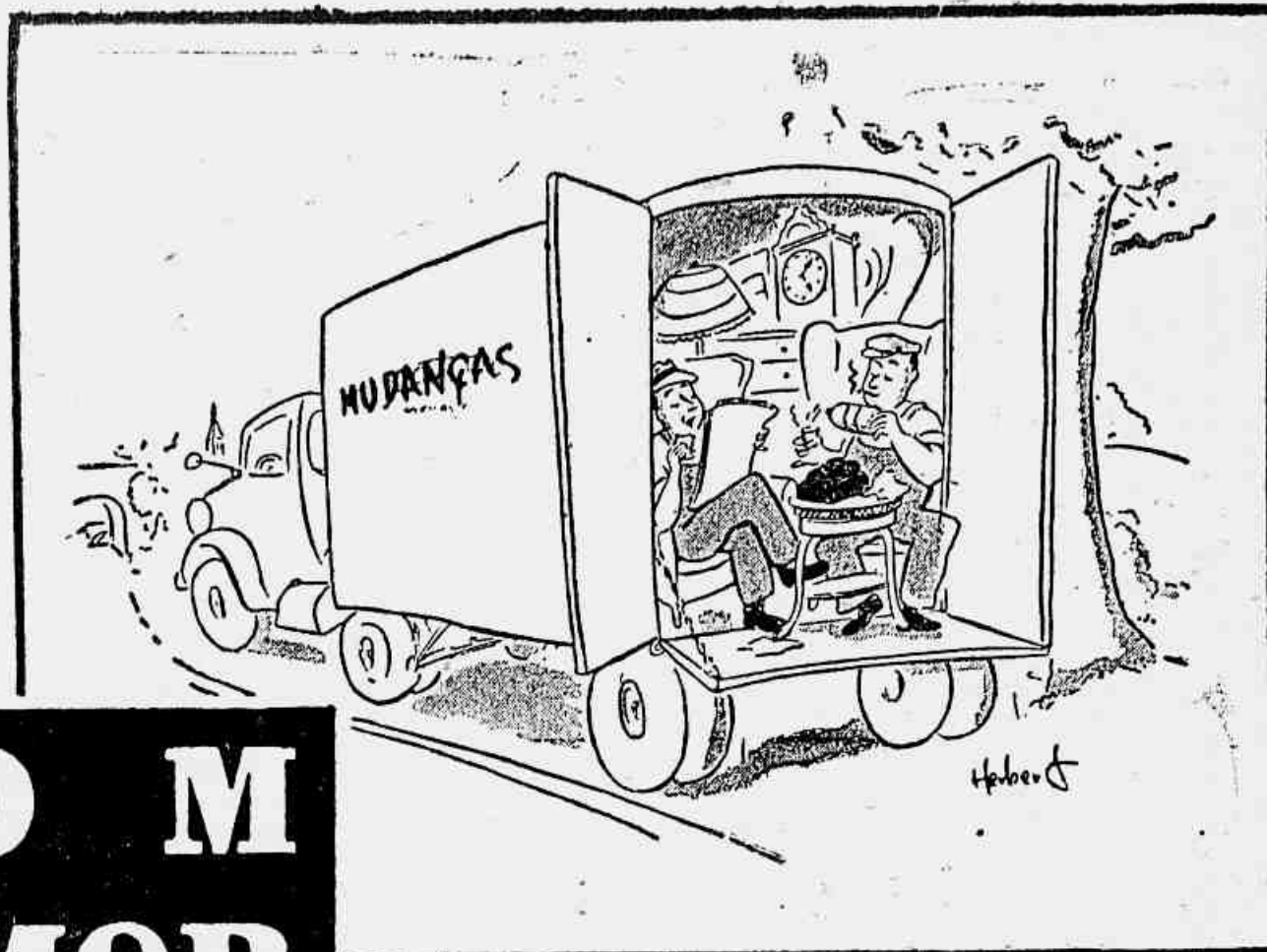
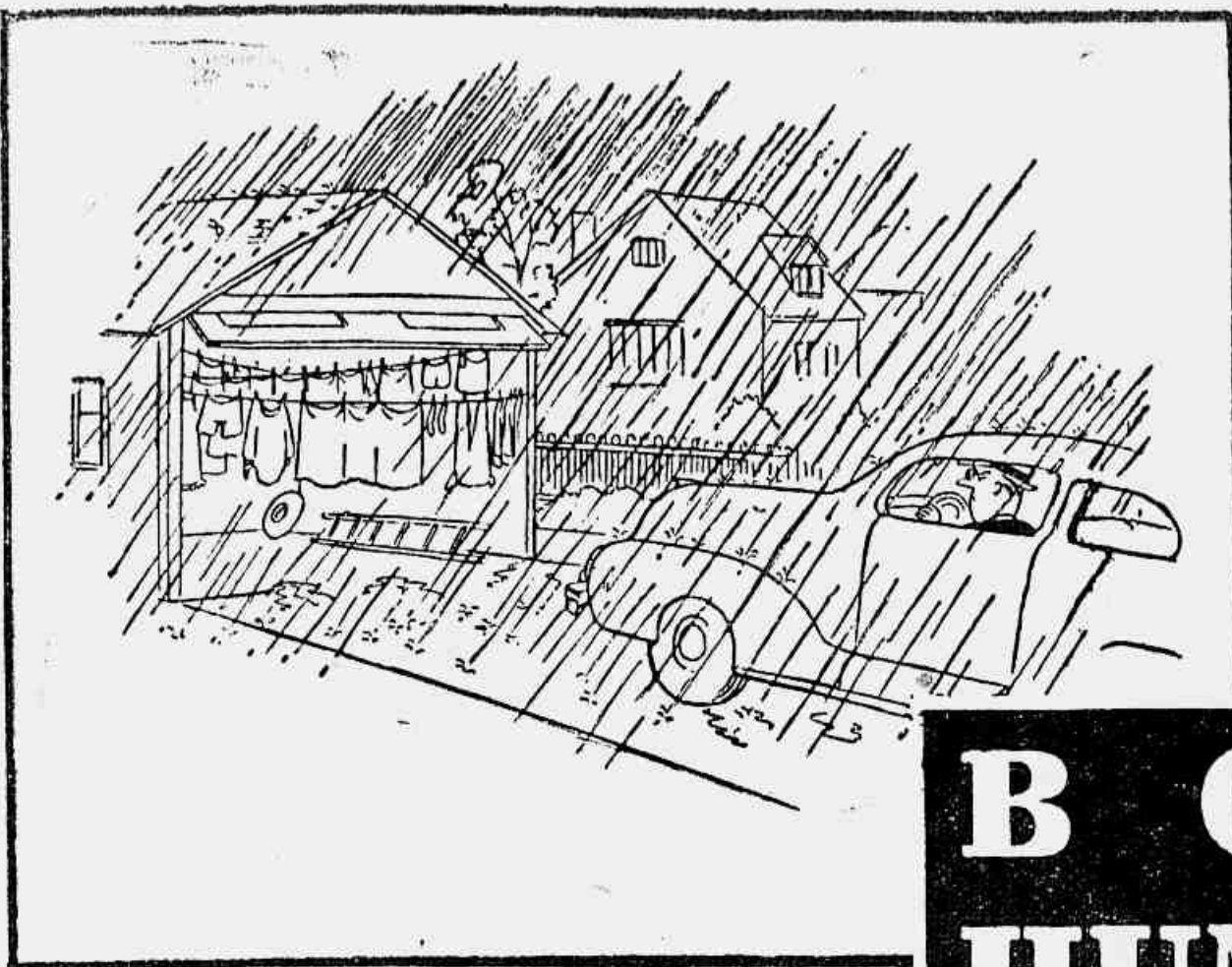
"A ambição da terra! A mais forte, mais empolgante, que mais fundo penetra no homem! A idéia mais elevada que existe está presa à terra, é a idéia da pátria. Pela posse da terra o homem mata com a maior grandeza e os sentimentos mais vis. Extermina nobremente o estrangeiro e deixa-se arrastar às lutas mais baixas e torpes contra o próprio irmão. E' a terra, a voz da terra, a visão larga do olhar que abrange a extensão de terra que lhe pertence! Aumentar essa visão, estender o domínio, dilatar para longe o horizonte que limita a ambição! Alargar, possuir... O corpo, pela morte, será pela terra devorado; o espírito o é em vida. A posse da terra o homem sacrifica o filho, o pai, o irmão. Pela posse da terra, da boa terra fértil, onde os cafezais germinam e crescem e os frutos arrebatam, rubros! Frutos de sangue, frutos que brotam do coração..."

★

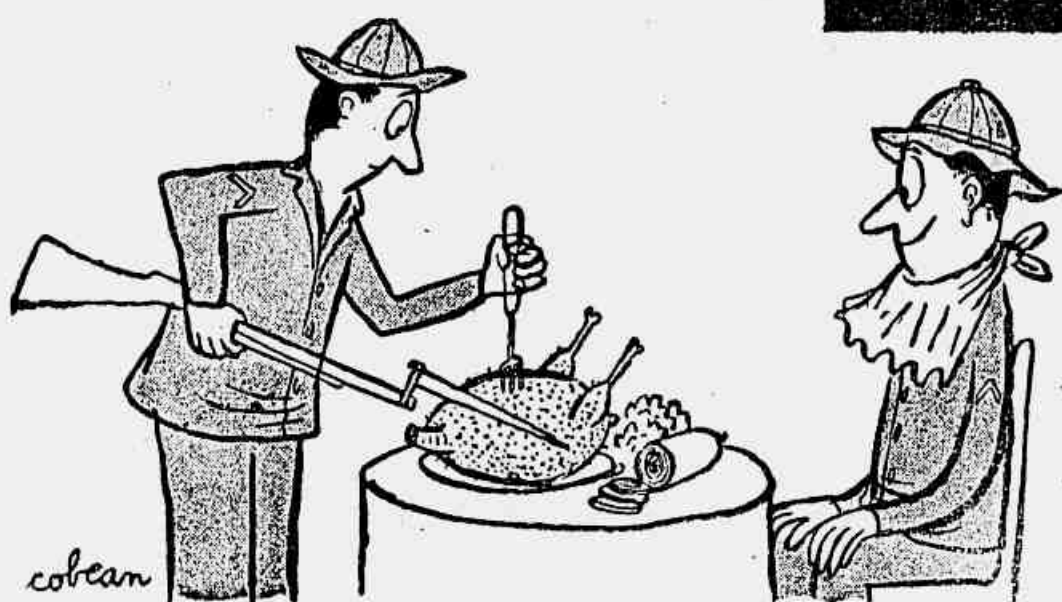
RECEBEMOS:

Castro Alves, arauto da Democracia e da República, conferência de Alexandre Passos, pronunciada na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, a convite da Sociedade de Homens de Letras do Brasil. Pongetti, Rio de Janeiro, 1949.

Revista de Portugal, série A, "Lingua Portuguesa", nº 74, correspondente a abril do corrente ano e de cujo sumário constam trabalhos de Francisco José Freire, Augusto Moreno, Joseph M. Piel e outros escritores. Lisboa, 1949.



B O M HUMOR

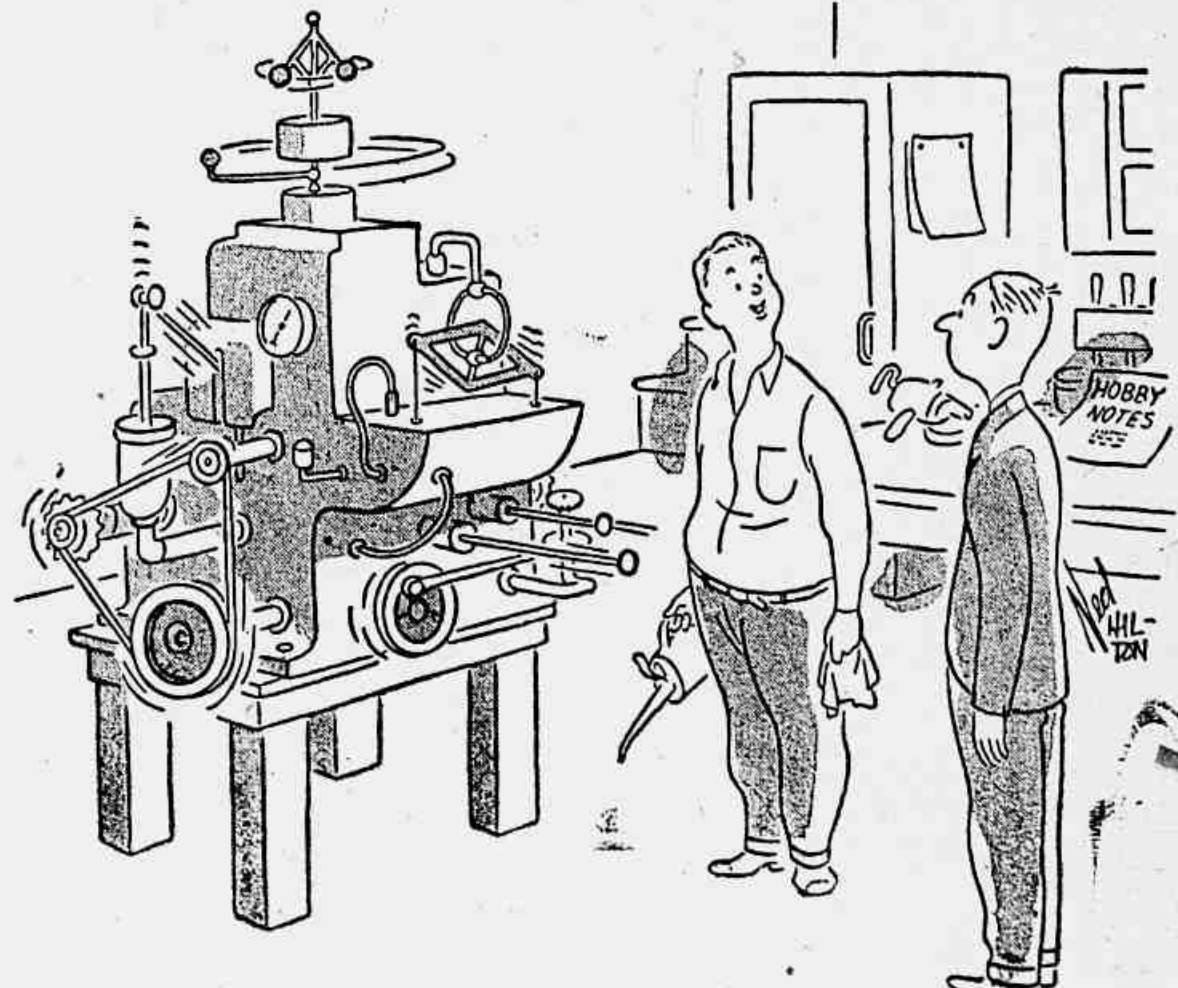
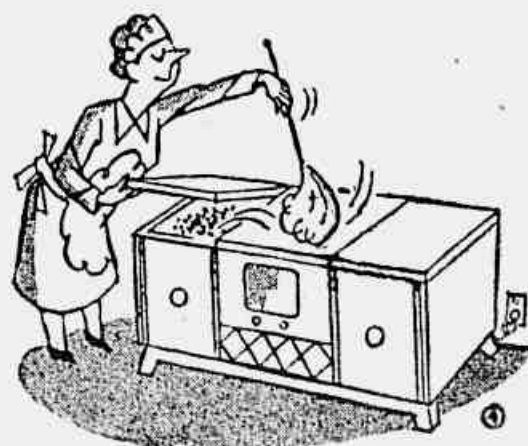
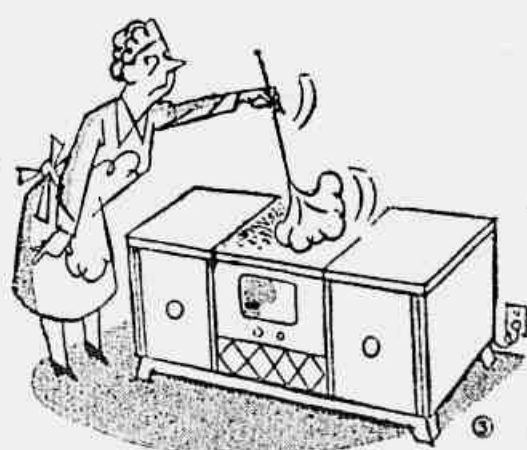
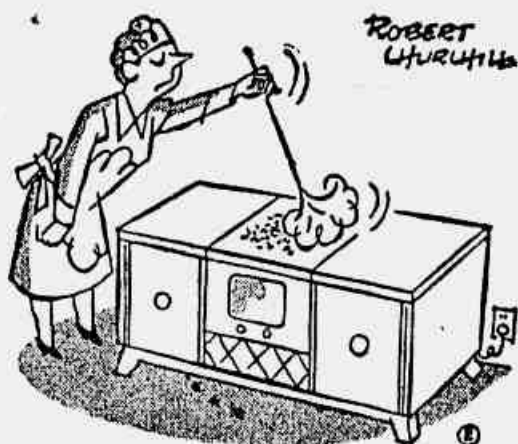
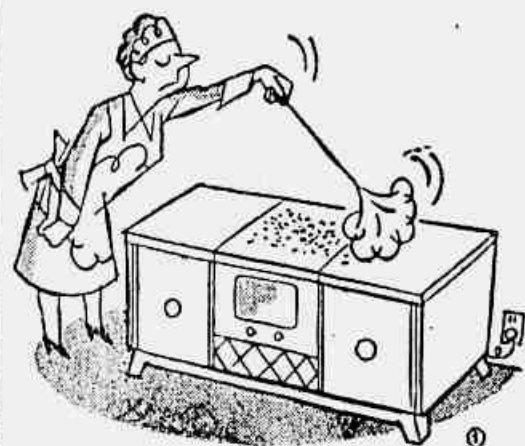


UMA DE SOLDADO...

Quando eu estava servindo num campo militar do interior, minha mãe mandou-me de presente um belo, gordo e bem acondicionado peru cheio. E como na minha barraca não havia uma faca, tive que usar a baioneta para trincar o gordo presente.

No dia seguinte, chega o oficial para a inspeção geral. Foi, então, quando me lembrei de que não havia limpado a lâmina da baioneta. Inicialmente, ele reviu a arma encontrando tudo ótimo. Passou para a baioneta. E eu pensei: estou perdido.

Foi quando o oficial parando, depois de examinar a baioneta, disse enfaticamente: "É um prazer encontrar um homem assim tão zeloso: chega ao extremo de olear a lâmina de sua baioneta para que não seja estragada pela ferrugem". — J. V.



— Bem, para o que serve ainda não descobri; o que sei é que funciona muito bem...

Sed de QUEIMADOS

CAPÍTULO XVIII

— Oh! Céus! — exclamou Jennifer contrariada. — Ele é como todos os artistas, Monty, como todos os grandes musicistas, um tanto maluco... Não acha?

Jennifer procurava justificar a atitude de Stan ao dirigir-lhe aquela carta e tentava também um meio de levar isto ao conhecimento de Monty, sem provocar contrariedades.

— Crê que isso seja loucura dele? — perguntou Monty a puxar uma bafada do cachimbo.

— Bem... não é, talvez, tanto assim — respondeu ela procurando amenizar o diálogo com um sorriso. — Mas... ele me escreveu.

Desembuchando, ela se ergueu da cadeira em que se sentara e foi até onde estava Monty e lhe entregou a carta, ficando a ler por cima dos ombros, mais uma vez, aquela estranha manifestação de simpatia.

Jennifer notou que o semblante de Monty se enublava. Ao terminar, viu ainda ela que ele tornava a ler aquelas linhas. Em seguida, se voltou para ela:

— Nenhuma razão tem ele para dirigir-lhe uma carta como esta.

Jennifer sentiu que seu coração naufragava num mar de cogitações que perturbavam o seu espírito. E' que ela nem sabia o grau de profunda estima que já havia entre Monty e ela.

Quis atenuar o assunto e falou timidamente:

— Bem, ele disse apenas ai que gostava de mim... Disse ainda que era casado... só isso. Tudo o que desejou dizer...

— Tudo o que ele quis dizer-lhe, você não compreende. Sei, porém, aonde deseja ele chegar. Apenas pelo motivo de as mulheres afluiem em multidão aos seus concertos e ficam desmaiadas diante de sua arte, ele achou que devia arrastar também você para o círculo de suas hipnotizadas. Ele a encontrou aqui em minha casa, e não teve nenhum respeito para com você, nem para comigo; neste caso...

— Oh! Monty! Monty! — interveio ela esforçando-se para desfazer aquela situação desagradável, procurando sorrir. — Não faça maus juízos dele! Penso que desejou apenas flertar, manifestar um pouco de sua simpatia. Não ligue o caso. Eu jamais lhe responderei.

— Quem vai responder-lhe sou eu! — disse Monty indignado.

— Oh! Não, não! — E rapidamente arrebatou-lhe a carta das mãos, amassou-a em forma de bola entre as mãos e jogou-a no fogão. As chamas se manifestaram e a carta se desfez em fumo e cinzas. Depois Jennifer voltou para ele, pegou-lhe as mãos e disse com voz triste:

— Sinto muito, Monty, ter mostrado essa carta. Ela nada vale. Esqueça isso. Ele mesmo esquecerá, sem demora, o que me escreveu.

Subitamente Monty afastou as mãos da jovem, levantou-se da poltrona e disse com certa rispidez:

— Vou sair um pouco.

Jennifer, visivelmente surpreendida e atônita, afastou-se dele observando-o com os olhos turbados.

— Julga você que ele esquece isso? Não! Sem dúvida ele não vai esquecer! — prosseguiu Monty indignado. — Ele sabe perfeitamente o mau caminho que está a oferecer-lhe!

— Mas Monty! Stan não está a oferecer-me coisa alguma. E' um homem casado, conforme me disse...

— Certamente que está, sim, a oferecer-lhe alguma coisa — repetiu Monty com certo desdém. — Ele não

vê a esposa há já anos, mas isso não importa. Se você deseja conhecer mais de perto um homem casado que lhe escreve cartas de amor...

Monty foi até o cabide e de lá tirou um sobretudo, sacudiu-o, como para tirar-lhe o pó, e o vestiu. Jennifer, percebendo que ele ia sair ao encontro do violinista, procurou dissuadi-lo, exaltada, as faces vermelhas.

— Você está dando demasiada importância a tudo isto. Eu não devia ter-lhe mostrado a carta. Mas tudo isso não passa de bobagens. Além do mais, Monty, ele é um gênio, e você deve tolerar essas coisas muito próprias dos gênios.

— Prometa-me então que não mais o verá — voltou ele.

— Eu não tenho nenhuma intenção de tornar a vê-lo. Nenhum desejo ou plano para isso. Gostaria, porém, de ir ao concerto. Pensei que você pudesse ir, e nós convidaríamos outras pessoas...

A expressão de Monty mudou.

— Você sabe por que eu não quero que um sujeitinho dê-se a meta com amores para com você, não?

— Penso que sim... — disse ela vagamente.

— Pois diga por que.

Jennifer olhou-o na posição em que estava, com o chapéu caído para trás,

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Jennifer Richie, órfã de pai e mãe, vivia em companhia de sua madrastra, Betty, num edifício de apartamentos modestos em S. Francisco. Sidney Borrows, jovem de família rica e aristocrática, apaixonou-se por Jennifer; mas, verificando a moça que ele estava apenas iludindo-a, rompeu relações com ele. Certo dia, indo a uma festa em casa de sua colega de escritório, Mollie, sucedeu que um irmão desta, Eugene Evans, ficou apaixonado por Jennifer chegando ao ponto de propor-lhe casamento. Estava ele a conversar com ela em casa de Betty, quando, inesperadamente, entra na sala o seu ex-namorado Sidney, travando-se uma discussão entre Eugene e ele. Dias depois morre Eugene vitimado por um acidente de automóvel, pensando o pai dele e a própria Jennifer que se tratou de suicídio. Jennifer não desejou reatar mais as relações com Sidney. Uma noite, indo ela ao terraço do apartamento, notou que um cômodo no edifício vizinho, no ponto mais alto e ao mesmo nível do seu, estava ocupado por um pintor. Travando relações com ele, um homem duas vezes mais idoso do que ela, começou Jennifer a receber lições de cultura do mesmo. Numa festa íntima que ele ofereceu a amigos e artistas, veio tocar na reunião o grande violinista Stanislaus Lichtenstein, o qual ficou impressionado com Jennifer, a quem escreveu uma carta que causou indignação ao pintor Montgomery Smith. Jennifer mudou de trabalho e foi empregar-se no grande magazin "Vogelfang", ganhando muito mais e onde, contra sua vontade, continuou a ser cortejada pelo violinista Stanislaus, que, embora casado, vivia separado da esposa.

mostrando um pouco da calva. Riu. Riu com aquela sonoridade própria da juventude despreocupada e ingênua. Ele não gostou muito e falou ressentido:

— Você pensa que isso é para achar graça!

— E' engraçado mesmo — respondeu a moça. — Mas, falando agora seriamente — prosseguiu ela — que é que há? Você sabe que eu não gosto dele; conheço-o mui superficialmente. Que quer você que eu faça? Nada dizer? Não ir ao concerto?

Monty tirou fora o sobretudo com que ia sair e o fez com a mesma violência com que o vestira. Em seguida sentou-se. Parecia estar mais calmo, tranquilo e humilde, entregue a íntimos pensamentos e meditações.

— Você me venceu — disse ele. — Com esses gestos de obediência e cativante meiguice de uma filha jovem que sabe olhar com humildade...

— Ora, Monty! Pare com essas lições...

Ele riu e tornou:

— Você não se apaixonará por ele? Muitas mulheres, em série, em fila, têm caído...

— Apaixonar-me por ele! Ora essa... Não seja idiota!

— Não... Mas o que tem você dito

não pode significar que tal venha a suceder?

— Você não está com ciúmes, Monty? "Ter piedade de tais coisas" — continuou ela. — Página onze do Curso Cápsulas de Cultura, por Montgomery Smith — concluiu Jennifer fazendo blague.

— Bem... E como lhe responderia a carta?

— Começaria dizendo... dizendo que... De certo diria... — Jennifer ficou entalada. Sim, como responderia àquela carta?

— Seguiria um conselho meu?

A expressão do rosto ruborizado de Jennifer dava a impressão de que ela estava ouvindo tudo aquilo com o maior respeito e seriedade.

— Está claro, Monty... Depois de tudo o que tem feito por mim...

— E' conveniente dar um fim a isto... — disse ele erguendo-se da cadeira e indo até ao fogão. Voltou depois ao mesmo lugar e se manteve em silêncio. Ela também nada disse. Os dois se entreolhavam, sem saber como terminar aquele duelo mudo. Depois, Monty retomou a palavra:

— Bem... eu a aconselharei... Eu irei ao concerto, ou melhor, nós iremos... Eu, você, Betty e... quem mais?

— Julie?

assim, não provocará ciúmes em seu velho professor, Jinny.

— Oh! Ninguém tem feito tanto por mim como você, Monty! Ninguém poderá tomar-lhe o lugar em meu afeto. Tenho a firme esperança de, um dia, provar-lhe o quanto lhe sou grata.

— Muito bem! — disse ele com entonação pouco normal. — Algum dia eu também lhe direi...

Ela seguiu e, lá ao meio do terraço, parou e falou para ele em voz alta:

— Ele não teve intenção... Não poderia pensar... que ia estragar tudo... Não, Monty! Ele não poderia pensar em tal!

O concerto produziu no espírito de Jennifer uma emoção menor do que sua própria antecipação. Sentiu-se ela muito excitada ao entrar no grande teatro da Ópera, andar pelos seus largos corredores, ver as filas de camarotes, colocar-se em situação destacada ao lado da pequenina Mme. Coppini. Sentiu ela a atmosfera de um meio absolutamente desconhecido até ali. Betty não quis sentar-se nas cadeiras da frente, ficando por trás, para que ninguém a visse, disse ela a rir, e preveniu a Jennifer que, logo que acabasse o concerto, deviam voltar para casa, evitando ir apresentar cumprimentos ao violinista. Mais tarde, soube Jennifer que um grupo de admiradores de Stan lhe ofereceu, após o espetáculo, uma lauta ceia à meia-noite. Essa notícia a feriu um pouco, e ela sentiu não ter estado também presente.

CAPÍTULO XIX

Na manhã seguinte, estava Jennifer a atender uma senhora, quando notou que o violinista a observava de uma cadeira em que estava sentado. Parecia muito calmo, sentado, com o chapéu sobre uma mesinha à sua frente. A mão enluvada segurava uma bengala.

Jennifer lhe dirigiu um tímido sorriso e não resistiu à tentação de murmurar a Miss Judsen, a quem atendia no momento, que aquele senhor era o violinista Lichtenstein.

A isso se seguiu pequeno sussurro. Jennifer não prestou nenhuma atenção mais; porém um momento depois ouvia ela a mais inesperada mensagem que lhe transmitiram algumas das suas colegas que estavam a passar e repassar por ela: "Hollister falou com ele; ele disse que está esperando um amigo".

No salão todos estavam notando a presença do musicista; era Jennifer, porém, a única que não ousava fitá-lo. Logo que o vestido que estava exibindo a Miss Judsen foi vendido, voltou ela ao gabinete privativo das modelos a fim de retirá-lo, quando se viu cara a cara com Stan. Ele estava com os olhos incendiados e suas mãos tremiam ao pegar as da jovem.

— Como você é bela! — exclamou ele apaixonadamente, conduzindo-a a um recanto do andar. — Venha cá, venha comigo.

Aparentemente insensível aos observadores daquela sala, ele parecia estar muito alegre ao lado de Jennifer. A jovem, envergando o lindíssimo vestido de tafetá, escolhido pela cliente a quem atendera, procurou livrar-se das mãos do importuno violinista e tentou fugir para qualquer lugar que a pusesse fora do alcance de seus entusiasmos amorosos, pois o encontro já havia despertado as atenções de quantos estavam ali.

— De que tem medo você? — perguntou ele. — ninguém está a ver-nos. Meu lindo anjo!

— Deixe-me! Eu preciso tirar este vestido!

Libertou-se de suas mãos e subiu

ao outro andar, tomada de surpresa, de emoção, de tremor por todo o corpo, sob grande excitação em face daquele encontro. Ele está louco — pensava ela. — Mas... que coisa deliciosa ter uma jovem, como ela, uma celebridade daquelas ao seu lado, fazendo juras de amor! As outras colegas estavam com imensa curiosidade. Jennifer, de certo, não queria tornar a vê-lo; mas... evidentemente esse acontecimento lhe parecia muito agradável.

Após tirar o vestido ela tornou a vestir-se, pôs o chapéu e saiu para o almôço.

Na rua sentiu toda a beleza da primavera. "Que lindo dia para um passeio!", segredou-lhe a voz de um jovem risonho que lhe passava justamente ao lado, como se houvesse lido no íntimo da alma de Jennifer o seu desejo de gozar das magnificências de uma primavera deliciosa e convidativa para o amor, a beleza, a vida...

Ela sorriu para ele. Nunca o tinha visto antes. Por sua vez o jovem não procurou manter qualquer ligação com ela naquela troca de idéias homogêneas, mas sem motivo de proporcionar qualquer amizade.

Ia assim a andar, quando sentiu que alguém a segurava pelo braço:

— Quem foi aquele que falou com você?

Ela se voltou surpreendida. Era Stanislaus.

— Aquêlo homem que passou por mim? Nunca o vi.

— Você não o conhece? E como falou com você?

— Ah! Sim... ele apenas me disse: "Que lindo dia para um passeio!" — informou a moça a rir. — Mas...

— voltou ela logo que notou que estava sendo conduzida por Stan: — Para onde vamos?

— Nós vamos justamente para o almôço — respondeu ele com muito prazer. E antes que ela protestasse: — Sei muito bem que você dispõe de muito pouco tempo. Mas não tema nada. Seremos rápidos. Uma costeleta de porco... Não... nada de costeletas. Isso demora muito. Vamos a outro restaurante, ao que já estiver pronto... Este aqui está bom.

E a conduziu para o Palace Hotel. Jennifer jamais tinha almoçado ali. Ficou encantada com o luxo, com senhoras e cavalheiros sentados em poltronas na sala de estar, à espera de seus almoços... Aqui e acolá, pequenas mesas com os clientes a servir-se de seus pratos, todos alegres, risonhos a conversar, tudo muito elegante. Palmeiras bem cuidadas enfeitavam a sala e lhe davam um ar tropical, enquanto os garçons iam e vinham no serviço cotidiano para atender com presteza àquela luzidia clientela. Ao que percebeu Jennifer, Stanislaus era muito popular e conhecido daquela gente, pois logo ao entrar viu que todo mundo o olhava. Sentiu Jennifer uma espécie de orgulho íntimo por ver-se também alvo dos olhares de senhoras e cavalheiros, tudo aspirando um ar perfumado, de primavera, de deliciosa existência. Aquilo, sim, era vida. Ali já se podia respirar felicidade. Um almôço naquele ambiente valia uma vida.

Stan ocupou uma pequena mesa, colocando o seu relógio ao lado, perto do prato, como para mostrar a Jennifer que ela não ia perder tempo. O que ele pediu ao garçon, ou o que ela comeu, nunca o soube... Viu que tudo foi feito com a maior pressa, e que pôde almoçar magnificamente e voltar ao seu trabalho na loja sem perda de tempo. Depois desse encontro, ela não deixou de ficar encantada, como que a sonhar, indo para sua casa suspensa por pensamentos indizíveis, uma espécie de sonho, de ternura espiritual, vendo e ouvindo Stan, sua maneira delicada e atenciosa, suas palavras de meiguice, de carinho para com ela...

Stan conseguiu penetrar a alma sonhadora de Jennifer. Ele a convidou para almoçar em sua companhia no outro dia e em todos os demais. Ia tocar em Oakland no dia seguinte, à noite. Ela o estava inspirando. Não lhe pedira que ela fizesse tanto pela sua arte. Almoçariam juntos. Ele iria buscá-la às treze horas. E para o jantar? Estaria livre também? Depois, que faremos? Convidou para jantar também Betty e as filhas, por intermédio de Jennifer. O violinista estava louco. Depois falou que desejava des-

cansar, ir para uma praia, conversar com ela... Poderia aceder?

Jennifer estava atordoada. Sorria diante de tudo isso, sem saber que caminho tomar. Como poderia reagir a tantas tentações, tantas honras de arte, de música, de perfumes, de prazeres? Era excitante e ela sentia seu pensamento exausto. Dirigiu-se para casa como se saísse de uma guerra.

Logo depois que chegou ao seu lar, levando pacotes de coisas para o jantar, convidou Faddy e Elna para um passeio. As crianças muito gostaram da excursão sobre a colina, avistando o panorama do mar e do casario da cidade. A lua subia docemente no azul do céu. Ainda se viam vestígios de luz ao poente. As filhas de Betty contaram a Jennifer suas confidências lá da escola. Esclareceram que lá nas aulas também havia muitos meninos e eles escreviam coisas nas paredes. Não era espantoso? — perguntavam.

Jennifer lhes respondia que não ligassem importância a essas liberda-

des dos rapazinhos, pois os homens eram assim mesmo. Como se tratava de gente muito jovem, isso nada significava, nem eles faziam isso por maldade.

— Eu odeio os meninos — disse Faddy.

A irmãzinha nada disse. Momentos depois ambas riam muito das observações de Jennifer sobre os homens, alacridade a que ela mesma se aliou rindo com as crianças. Em seguida regressaram a casa, unidas pelas mãos, a rir e a conversar, em grande afeição e felicidade.

— Seu amigo telefonou — disse-lhe Betty logo que ela regressou.

— Monty?

— Ele pediu que lhe dissesse que era Stan...

— Oh! E' um louco!

— Foi o nome que ele deu.

Louco ou não, o certo é que o mundo em que o violinista gravitava era muito admirado por Jennifer e dificilmente ela poderia renunciar ao convite de Stan. Achava-se como que intoxicada

e, dali por diante, passava a viver como num sonho eterno. Não haveria jovem alguma que fosse indiferente aos tentadores apelos do luxo, dos perfumes, dos belos e espaçosos restaurantes cheios de flores e árvores ornamentais. Tudo o que estava vendo graças à amizade de Stan era absolutamente novo para ela. O grande teatro da Ópera, a vida da mais alta sociedade, os ambientes opulentos... Passaram a almoçar juntos, dentro dos limites do pouco tempo de que ela dispunha. Na opinião de Betty, a enteada não deveria jantar a sós com Stan, e sim, indo ela mesma também. Ele já estava oferecendo ramos de orquídeas à jovem. Muitos presentes finos lhe mandava, inclusive perfumes raros, de alto preço, luvas, meias de "nylon", tanto para Jennifer como para Betty, o que lhes causava asombro. Num sábado, depois do expediente, ele foi esperá-la à saída da "Vogelsang" e se foram a passear dando um giro pelo parque, em completa liberdade. (Continua)



A DENÚNCIA DO VESTIDO AMARELO

Por **HELÈNE** ★ Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

A tarde caía. Pela janela aberta entrava uma brisa fresca, agradável, trazendo de longe os rumores da Algéria. Debruçado sobre a minha mesa de trabalho eu me achava inteiramente absorvido desde o meio-dia na verificação de planos de campanha. Os outros oficiais, os empregados de escritório, os dactilógrafos, todos já se haviam retirado, e nada vinha perturbar o silêncio daquela casa metamorfoseada em centro de operações militares pelas necessidades do serviço de Requisição.

De súbito um ruído de motores me fez estremecer. Não pude evitar um gesto de aborrecimento. Esse acontecimento vinha sucedendo todas as tardes, à mesma hora, com aquele incômodo e irritante barulho de motocicletas, justamente quando mais necessitava eu de silêncio para o exame de mapas, contas, etc.

Depois de amolar-me com o importuno, e como não havia outro jeito, volvi aos meus papéis. Mas tudo me parecia em vão. Não conseguia firmar minha atenção. E passei a olhar o belo tapete de lã azul que cobria o pavimento daquela sala onde eu trabalhava.

Estava assim nessa contemplação abstrata, com o pensamento alheio ao meu serviço, quando percebi que alguém entrava. Quase como que despertado daquele amolecimento, levantei a cabeça. Através da porta entreaberta percebi perfeitamente a passagem de alguém que usava um vestido amarelo. De comêço, quis verificar quem era e que vinha fazer àquela hora em nosso departamento; mas, raciocinando melhor, pensei que se tratava de alguma das secretárias que voltasse à sua seção para pôr em ordem algum trabalho ainda não terminado. E me dei a ficar cuidando do meu "dossier", anotando as coisas que já haviam sofrido certo retardamento diante do irritante barulho do motor da motocicleta.

Já haviam soado as oito horas quando terminei o meu trabalho no último "dossier". A noite já estava escura. Metido em meu uniforme de gala me dirigi ao palácio do governador, sem grande entusiasmo, e onde se realizava uma "soirée" dançante, a para a qual eu havia sido convidado. A minha volta várias damas exibindo lindos vestidos vaporosos e brancos, se agitavam, passando e repassando diante de meus olhos. Havia no ar um languor esquisito. Assim ia o meu pensamento a ante-

cipar o ambiente do baile, tudo muito convencional e pretensioso, capaz de aborrecer-me profundamente. Por esse motivo, já estava mesmo a planejar um meio de, cumpridas as minhas obrigações sociais, esquivar-me da festa e ir, sozinho, sonhar um pouco diante das maravilhas dos jardins da colina El Biar.

Era esse o meu pensamento durante a caminhada para o palácio do governador. Mas, desde que dancei a primeira valsa, percebi que talvez fosse eu o último a deixar o baile... E' que eu havia travado relações com uma jovem de aspecto modesto, e que enrubescia toda vez que eu lhe dirigia a palavra. Não era bonita; mas irradiava de sua pessoa um ar de quem sofre, um quê de doloroso, uma coisa que me atraía invencivelmente, como se eu visse naquela figurinha uma criatura sofredora que estivesse a precisar de minha proteção.

Terminada a dança, eu a convidei para irmos ao terraço e ali lhe pedi que me contasse suas amarguras, suas mágoas, seus desgostos, sua vida, enfim. Eu estava disposto a tudo saber a seu respeito. Com uma franqueza quase infantil, ela foi desabotoando as dobras de sua vida, contando-me os motivos de sua triste existência, sua orfanidade sem alegrias, perdida ali na grande cidade colonial. E explicou:

— Durante o dia, trabalho como uma das secretárias no Bureau dos Negócios Indígenas; e, de noite, encerro-me no quarto em que vivo nos confins do subúrbio de Bal El Oued, onde constantemente me entristeço e choro uma vida sem atrativos, vazia, intolerável. Em meio daquele quarteirão espanhol, onde cada ruído de passos significa um mistério, um encontro amoroso, vivo eu cada vez mais isolada, sozinha, com uma existência vazia... Penso mesmo que poderei desaparecer sem que ninguém venha a dar por minha falta. E quando sou convidada a uma festa como esta, sei perfeitamente que passarei despercebida de todos, que ninguém vai descobrir-me entre tantos convidados, ninguém me espera... — Depois de ligeira pausa, repete, como se estivesse a falar para dentro de si mesma: — Sim... ninguém... ninguém me notará esta noite...

Eu então a interrompi:

— Hoje você encontrou um amigo, Odile.

Olhou-me em silêncio. Depois esboçou um sorriso triste. Trocadas essas confidências, não perdemos uma só dança.

Quando se manifestou cansada, ofereci-me para levá-la de taxi à sua morada. Durante o trajeto os bares luziam e lá dentro uma multidão se divertia e bebia na algazarra típica desses antros de licenciosidade. Na noite límpida se ouvia o dedilhar das guitarras. Não sei mesmo por que, eu me sentia feliz... Loucamente feliz sem atinar qual o motivo. Quando eu beijei os doces lábios de Odile, antes de dizer-lhe o meu "até logo", descobri que o curso de minha vida estava, dali por diante, inteiramente mudado.

No dia seguinte, estava eu muito lampeiro a vestir-me e a assobiar uma canção, quando o meu ordenança me entrega um ofício que um agente de polícia acabava de trazer. Abri-o e li com estupefação que o Comissariado de Polícia do Distrito de Mustafá me notificava a comparecer perante a autoridade policial. Meia hora depois, comunicava-me um inspetor de Polícia que na noite anterior, quando eu ainda estava em meu gabinete de trabalho, havia sido assassinado o coronel Simon, no seu escritório situado no primeiro andar do mesmo edifício de Requisição. O cadáver tinha sido descoberto pela empregada que vinha todas as manhãs fazer a limpeza. O coronel havia sido morto com uma bala no peito, e o soldado de plantão declarara na Polícia que a última pessoa a sair do edifício havia sido eu...

O inspetor de investigações me perguntou com aquele tom de persecutador:

— Não viu nada de anormal, não percebeu qualquer coisa que lhe atraísse a atenção, nada de particular, meu comandante?

— Vi apenas um vestido de mulher através da porta entreaberta, e aquele horrível ruído de motocicleta.

— Está certo de que o vestido era amarelo?

— Absolutamente certo.

O detective se movimentou em sua cadeira.

— Faça-a entrar — ordenou a um agente.

Abriu-se a porta. Mal vi qual a mulher que ali entrava, e não pude reprimir uma exclamação de surpresa. Ali estava Odile trajando um vestido amarelo. Ao ver-me, fitou-me com os seus olhos sofredores.

— Conhece o coronel Simon? — perguntou-lhe à queimadura o inspetor.

Percebi que hesitava uns instante, talvez por minha causa. Mas depois, com voz muito tímida, respondeu:

— Sim...

— Como se conheceram? Qual a natureza de suas relações?

— Ele vinha constantemente ao Bureau dos Negócios Indígenas e conversava sempre comigo. Era natural que me distraísse, que fosse ao teatro, ao Círculo dos Oficiais com ele; mas...

Não pôde acabar a frase. Caiu em soluços. A esse momento entra um agente e diz qualquer coisa ao ouvido do inspetor, retirando-se incontinenti. Quanto a mim, estava imóvel, aturdido pelo que acabava de ouvir. Nesse interim reentra o mesmo agente que cochichou qualquer coisa, acompanhado de uma senhora elegante e bela, apesar de seus quarenta janeiros bem contados culpados do andar já um tanto retardado da mesma. Era Mme. Simon. Sentou-se numa cadeira que o agente lhe indicou, muito pálida e com os lábios trêmulos. Havia nessa senhora, a quem eu conhecera com tanta altivez e tanta dignidade pessoal, qualquer coisa de desmoronado que muito me impressionou.

— Vejamos — continuou o detective diante de Odile: — Foi a senhora fazer alguma visita ao coronel Simon ontem à noite?

— Não... não... — respondeu com voz angustiada. — Não o vi ontem à noite...

— Que fez então entre dezoito e vinte horas?

— Fiz uns passeios e depois fui para meu quarto a fim de vestir-me para ir ao baile.

— Que vestido usava antes de ir para sua casa?

— Este mesmo.

Meu coração pareceu parar de súbito. Senti-me gelado da cabeça aos pés.

— Comandante Marigny, o senhor me declarou que percebeu uma mulher de vestido amarelo...

Procurei controlar-me. Antes de responder olhei para Mme. Simon. Suas mãos deixaram de amarrorotar o lenço e seus olhos pousaram em mim com uma grande expressão de dor.

— Sim, com efeito — balbuciei eu. — Mas estou certo de que ela não era esta jovem.

Mas o inspetor interveio com grande lógica:

— Queira desculpar-me, meu comandante; mas o senhor mesmo me disse que não lhe viu o rosto, e sim apenas o vestido. — Em seguida, continuou, voltando-se para Odile:

— Está dispensada por enquanto, mademoiselle Lemerrier; mas é bom ficar sabendo que a senhorita permanecerá à disposição da Justiça.

A jovem pareceu não compreender de pronto aquela advertência. Depois, levantou-se com aquele ar de sofrimento e deixou o gabinete policial sem pronunciar uma só palavra.

Logo que Odile se foi, o inspetor se dirigiu à viúva do coronel:

— Muito sinto tê-la feito assistir...

A senhora fez um gesto de resignação. Em seguida falou:

— Não precisa desculpar-se... Desde certo tempo que soube que essa moça procurava roubar-me o afeto de meu esposo. Teria ela cometido esse crime por despeito.

(Cont. no próximo número)





O sr. João Daudt de Oliveira no momento em que pronunciava o seu discurso na recepção que lhe ofereceram as Administrações Regionais do Sesc e do Senac. A sua esquerda está o Sr. Arthur Fraga, dirigente desses importantes serviços, na Bahia



O presidente da Confederação Nacional do Comércio faz entrega a um comerciante baiano do 1.º prêmio conferido pelos cursos do Sesc e do Senac. Em baixo — Dois aspectos das salas de aula da Escola "Silvino Marques", mantida pelo Senac bahiano

Na Bahia o presidente da Confederação Nacional do Comércio

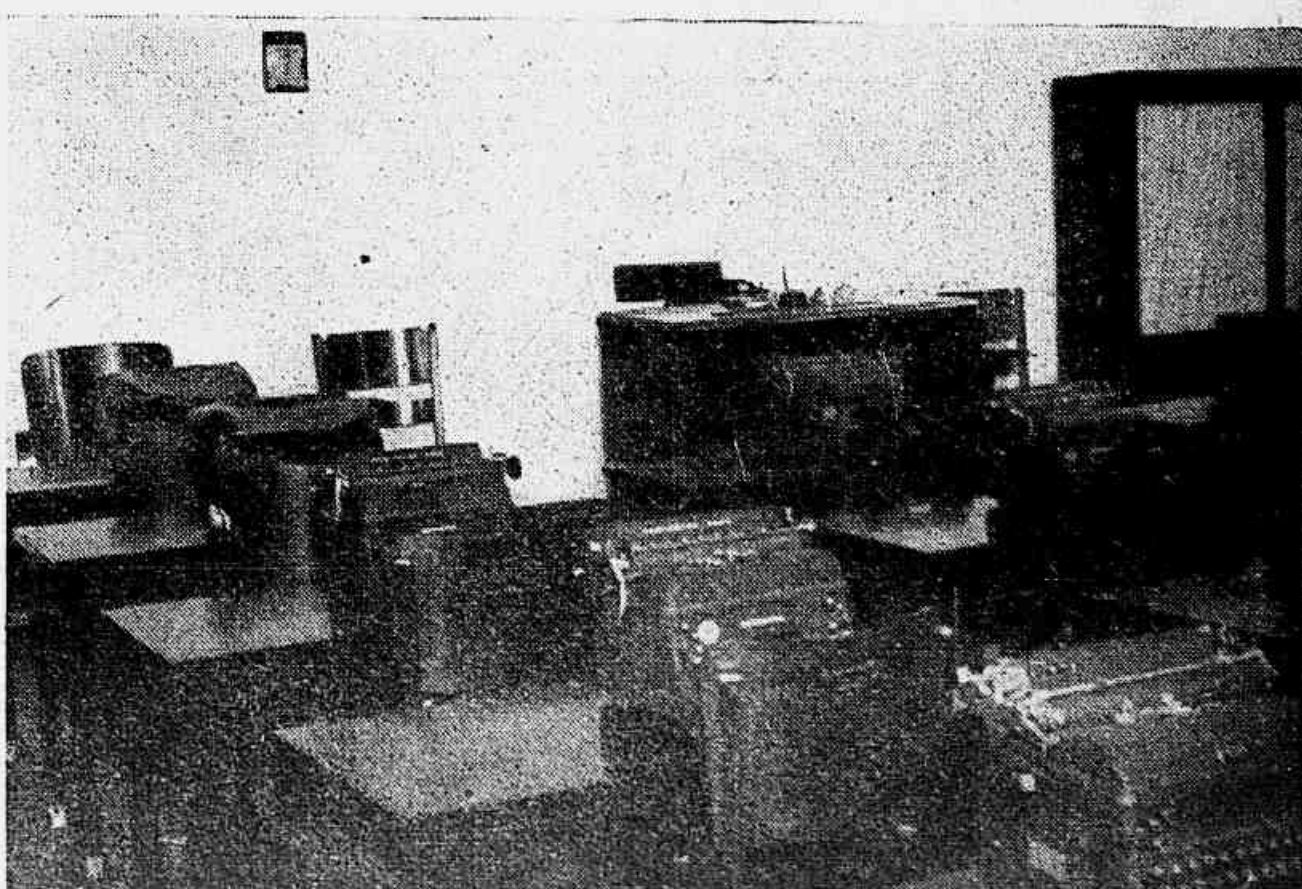
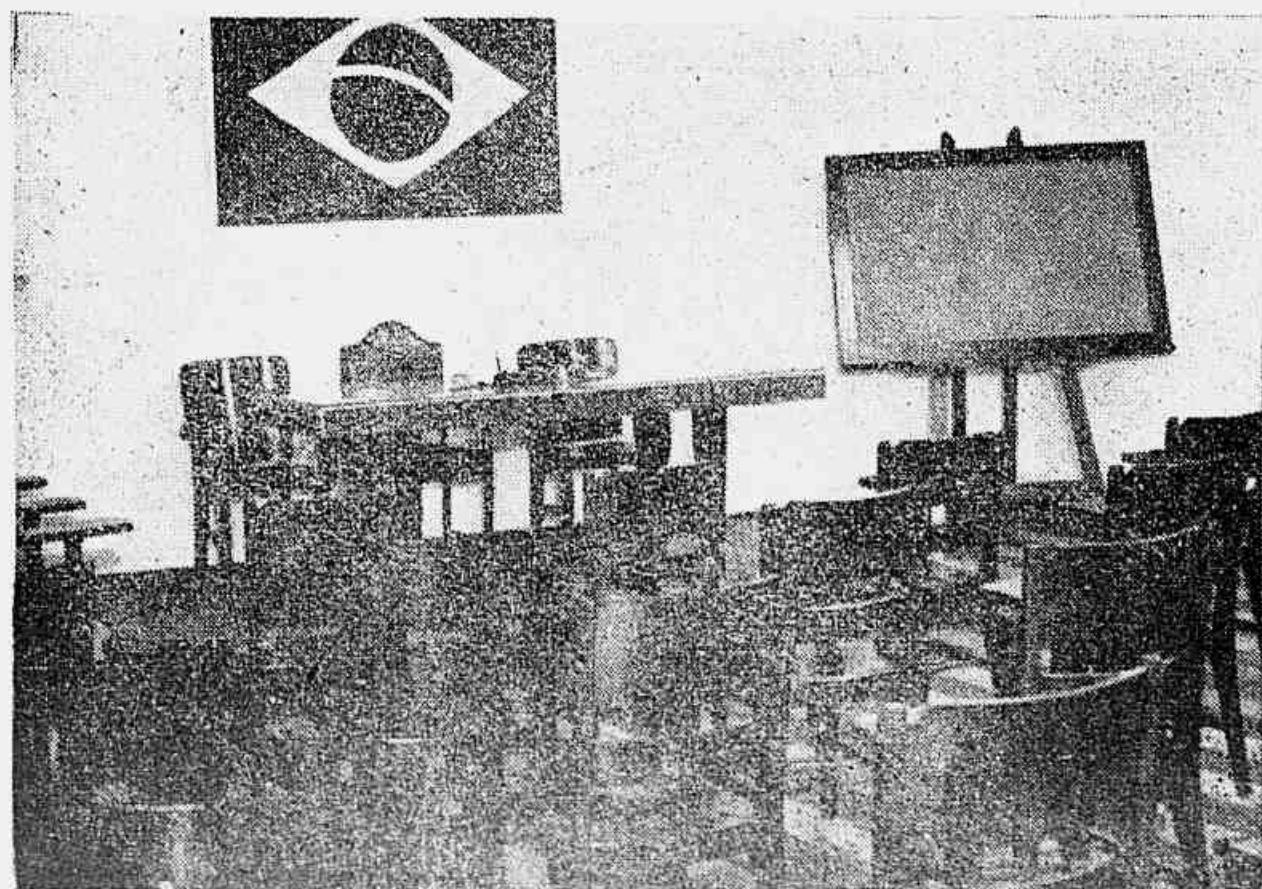
Visitando, recentemente, a Bahia, em propaganda da Conferência Econômica de Araxá, que se realizará em julho próximo, o dr. João Daudt de Oliveira, presidente da Confederação Nacional do Comércio, foi solenemente recebido pelas Administrações Regionais do Serviço Social do Comércio (Sesc) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), em sessão que contou com a presença de destacadas figuras do comércio, da indústria e do magistério bahianos.

Falando nesta oportunidade, o sr. João Daudt de Oliveira salientou os relevantes serviços que as duas entidades vêm prestando aos comerciantes brasileiros, tendo manifestado sua grande satisfação pelo que se estava fazendo na Bahia, onde os Serviços são dirigidos pelo sr. Arthur Fraga, figura de real prestígio no seio da classe patronal do grande Estado. Na mesma

ocasião, o sr. João Daudt de Oliveira fez entrega de prêmios aos alunos do Sesc e do Senac que mais se distinguiram nos seus cursos, prêmios esses constantes de apoios do Fomento Econômico da Bahia, tendo em seguida visitado as dependências daqueles departamentos.

Ao sr. João Daudt de Oliveira foram prestadas outras significativas homenagens na Bahia, destacando-se o banquete realizado na sede da Associação Atlética e o diploma que lhe foi conferido, de "Socio de Destaque", do Instituto de Economia e Finanças da Bahia, o mais elevado título honorífico previsto nos estatutos dessa associação, até hoje somente concedido uma vez.

Nossos clichês fixam aspectos da primeira dessas festividades e também de salas de aula da Escola "Silvino Marques", mantida pelo Senac na Capital do Estado.



VIDA LITERÁRIA

BAILES LITERÁRIOS

Dizem que isto só sucede em Nova York. Em nenhuma outra parte se mistura psicologia com os passos da rumba. Somente ali o folgazão, o amante da dança, aprecia a novidade.

Deve haver exagero. Que vem a ser, afinal, um "Lecture-Dance"? Uma espécie de Clube em que se faz cultura literária, e se dança ao som de rumbas, "rag-times" e valsas.

O ritmo da reunião é mais ou menos este: as luzes do salão estão diminuídas, no seu belo colorido. O salão de dança está repleto de gente. No palco, uma orquestra latina executa as rumbas eletrizantes. De súbito, a um sinal, pára a música. Todo mundo fica em expectativa. Os pares procuram suas cadeiras e aguardam a parte literária.

Surge à plataforma um locutor e diz ao microfone: "Nosso conferencista desta noite é o dr. Smith. Vai falar sobre o tema: 'Como vencer as inibições'".

Há aplausos. Trata-se de um tema científico, de pura psicanálise. O orador vem ao microfone e lê várias láudas durante quarenta e cinco minutos. Ao terminar se segue uma parte de discussões. Conforme registram os anais desses clubes, por vezes a troca de idéias atinge graus muito elevados e o entusiasmo provoca pequenos duelos e troca de bofetões... Logo que o prosador dá resposta às últimas perguntas, volta a orquestra a tocar suas rumbas e os pares tornam a encher o salão com o arrastar monótono dos pés.

Com ligeiras modificações, é este o aspecto dos tais "lecture dances", um local positivamente curioso. Mas, será que somente em New York sucede isso?

Claro que não! Faz poucos dias, o Centro Mineiro reuniu elevado número de sócios para uma "soirée" literária e dançante no "Olympic Club", aqui na rua Alvaro Alvim. Encheu-se o salão, tomou a orquestra a posição, preparou-se o microfone e o Presidente do Departamento Cultural se dirigiu aos sócios e às famílias ali presentes comunicando-lhes que o baile daquela noite seria precedido de uma parte literária, devendo o orador escolhido versar sobre o tema: "Curiosidades Idiomáticas de Minas Gerais". Houve palmas e todos tomaram seus assentos para ouvir a palavra do orador.

Depois de falar durante uma meia hora, encerrou-se a parte literária e começou a segunda: o samba e seus adoradores coreolátricos.

Desta forma, também temos pôsto em uso o processo um tanto ardiloso de obrigar os que apreciam mais a dança do que a cultura, a ouvir os conferencistas. Ou os ouvem, ou não dançam...

CLUBE INTERNACIONAL DE "EX-LIBRIS"

Acaba de ser fundada nesta capital, com sede na rua Chile, 27, o Clube Internacional de Ex-Libris, composto de colecionadores e artistas brasileiros. A Assembleia de fundação compareceu grande número de filiados, sendo



ANIBAL FREIRE, O NOVO IMORTAL

A Academia Brasileira de Letras acaba de dar posse a um novo imortal: — o dr. Anibal Freire, eleito para a cadeira n.º 3, que tem como patrono, Artur de Oliveira, e já pericueu aos academicos Filinto de Almeida (fundador) e Roberto Simonsen, segundo ocupante, este, recentemente falecido no momento em que estava à tribuna do grande centro de cultura nacional.

Anibal Freire é um intelectual de romance, tanto em nosso país como no estrangeiro. Professor catedrático da Faculdade de Direito do Recife, já ocupou cargos de grande responsabilidade na alta administração nacional, tendo sido Ministro da Fazenda, e, na imprensa, foi Diretor do "Jornal do Brasil". É publicista, e Ministro do Supremo Tribunal Federal.

A eleição desse grande vulto de nosso mundo cultural bem reflete a justeza dos seus colegas de letras, numa prova de que a nossa Academia se mantém firme na reta das suas tradições de eleger os seus membros entre os mais credenciados.

O discurso de recepção ao novo academico foi proferido pelo Sr. João Neves da Fontoura, através do qual foi estudada a personalidade do eleito, tendo este pronunciado, por fim, seu discurso de posse, que constituiu mais uma vitória das letras brasileiras, pela profundidade de seus conceitos, estilo brilhante e linguagem castiça.



O escritor Albert Camus, franze a testa ao ler uma crítica em que se suspeita de que ele plagiou um romance de De Argelis, ao escrever o seu "A Peste"

eleita a seguinte diretoria: Presidente: Alberto Lima; Secretário: Dr. Paulo Braga de Menezes; Tesoureiro: Antônio Jacinto Junior; Diretor de Permutas: Enzo Oscar; Conselheiros: Drs. Paulo José Pires, Brandão, Carlos Lopes Esteves e Oldemar A. de Oliveira Cunha. O ato se revestiu de muita solenidade, sendo servida uma taça de champanha, fazendo-se ouvir vários oradores, admirando-se em seguida, os "ex-libris" dos fundadores.

CAMUS É PLAGIADOR?

Vários criticos compararam o livro intitulado "A Peste", do famoso escritor Camus, com outro romance anterior sobre idêntico assunto, do autor italiano, De Argelis. Em face disso, Camus acaba de fazer uma publicação pela imprensa para afastar do espirito dos leitores toda suspeita de plágio. Começa por afirmar, categoricamente, que nunca leu o livro do confrade italiano. E acentua que, se existem certas coincidências reais entre os dois livros, é que, provavelmente, De Argelis utilizou uma fonte antiga, em que ele também encontrou preciosos elementos: o "Diário do Ano da peste em Londres", de Defoe.

ROMANCES DE AVENTURAS

Para provar-se como é esse gênero de literatura admirado pelos povos do mundo inteiro, basta dizermos que já ultrapassam de seis milhões de volumes, somente na Alemanha, até à segunda guerra mundial, os famosos romances de aventuras de Karl May. Só um escritor conseguiu despertar igual entusiasmo entre os leitores jovens do mundo inteiro: Julio Verne.



O dr. Anibal Freire, terceiro ocupante da cadeira número três, da Academia Brasileira de Letras, no instante em que pronunciava seu discurso de posse



A esquerda: Mesa que presidiu ao ato solene, da recepção do novo academico, vendo-se, da esquerda para a direita: Srs. Agamenon Magalhães, Ministro José Linhares, João Neves da Fontoura, o representante do Sr. Presidente da República, Gustavo Barroso e o Vice Presidente da República, Dr. Nereu Ramos. A direita: Um aspecto da culta e brilhante assistência que encheu o salão principal do nosso "Petit Trianon", no dia da posse do novo imortal, dr. Anibal Freire



Oriano de Almeida, classificado em 1.º lugar. Prêmio de viagem do Concurso Internacional de Varsóvia

Terminou o concurso Chopin. Já estão, portanto, escolhidos os pianistas que representarão o Brasil na competição internacional. Irão a Varsóvia Oriano de Almeida e Carmen Vitis Adnet — assim decidiu o júri. Integravam-no, além da sra. Madalena Tagliaferro, presidente, os srs. José Siqueira, o Des. Duque Estrada e as sras. Guiomar Novais, Antonieta Rudge, Felícia Blumental e Alcina Navarro.

Quando, às duas horas e quarenta minutos da madrugada de segunda-feira, 9 de maio, depois de prolongada sessão secreta, o júri anunciou o veredito, o público que esperara, pacientemente, o resultado aplaudiu e consagrou a deliberação justa e imparcial. Os aplausos espontâneos do povo coincidiram com o julgamento sereno da comissão.

Depois de terminada a última prova, já tínhamos dito:

— Ouvimos esta noite execuções que se situam em nível artístico muito su-

MÚSICA O CONCURSO CHOPIN

EMBAIXADORES DA ARTE BRASILEIRA ★ CARMEN ADNET E ORIANO DE ALMEIDA ★ O JURI E UMA ATITUDE DA SRA. MADALENA TAGLIAFERRO

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

perior ao da maioria dos concêrto de pianistas já consagrados, realizados durante esta temporada.

Carmen Adnet, Oriano de Almeida, Glória Maria, Vera Pintznauer — qualquer dos finalistas poderia representar o Brasil no certame polonês, pois estão todos à altura da missão.

CARMEN ADNET E ORIANO DE ALMEIDA

Carmen Adnet foi uma verdadeira revelação. Não somente admiramos a técnica segura, a suavidade do "toucher", como, sobretudo, em pequenas minúcias, em cada detalhe valorizado pelo preciso acabamento da interpretação, sentimos um temperamento de artista, aperfeiçoando, controlando a exteriorização equilibrada e harmoniosa.

Se, com Oriano de Almeida, tivemos interpretação mais sólidamente construída, Carmen Adnet nos deu trabalho mais cuidadosamente burilado, rico em colorido, de uma sugestiva beleza e delicada poesia.

Já Oriano de Almeida, em execução mais arrojada, destacou-se pelo brilho da técnica, pela firmeza, que realçou a emoção máscula do concêrto de Chopin.

Essas impressões, baseadas na última prova, foram a confirmação do que já se pudera observar anteriormente. Concluímos, assim, que o Brasil mandará dois temperamentos diversos a Varsóvia, ambos de uma segura vocação e um inegável talento, manifestando-se, porém, em forma divergente: sutil, preciso, delicado, em Carmen; forte, impetuoso e brilhante em Oriano.

GLÓRIA MARIA, UMA DECEPÇÃO

De Glória Maria esperávamos muito mais, não só porque a sabíamos prepa-

rada e competente, como pelas demonstrações das primeiras provas. No final, porém, ela decepcionou. No concêrto em mi menor, com orquestra, deu-nos uma interpretação sem equilíbrio, desigual, com sérios defeitos, mesmo. Por isso, não fôsse essa infelicidade na prova final compensada pela sua atuação anterior, teríamos preferido Vera Pintznauer, para o terceiro lugar, que Glória Maria conquistou. A Vera Pintznauer falta, se nos permitem, um pouco de compenetração. Senhora de boa técnica, ela não se detém na interpretação, tocando despreocupadamente, num desenvolvimento meio caprichoso e arbitrário.

O JURI

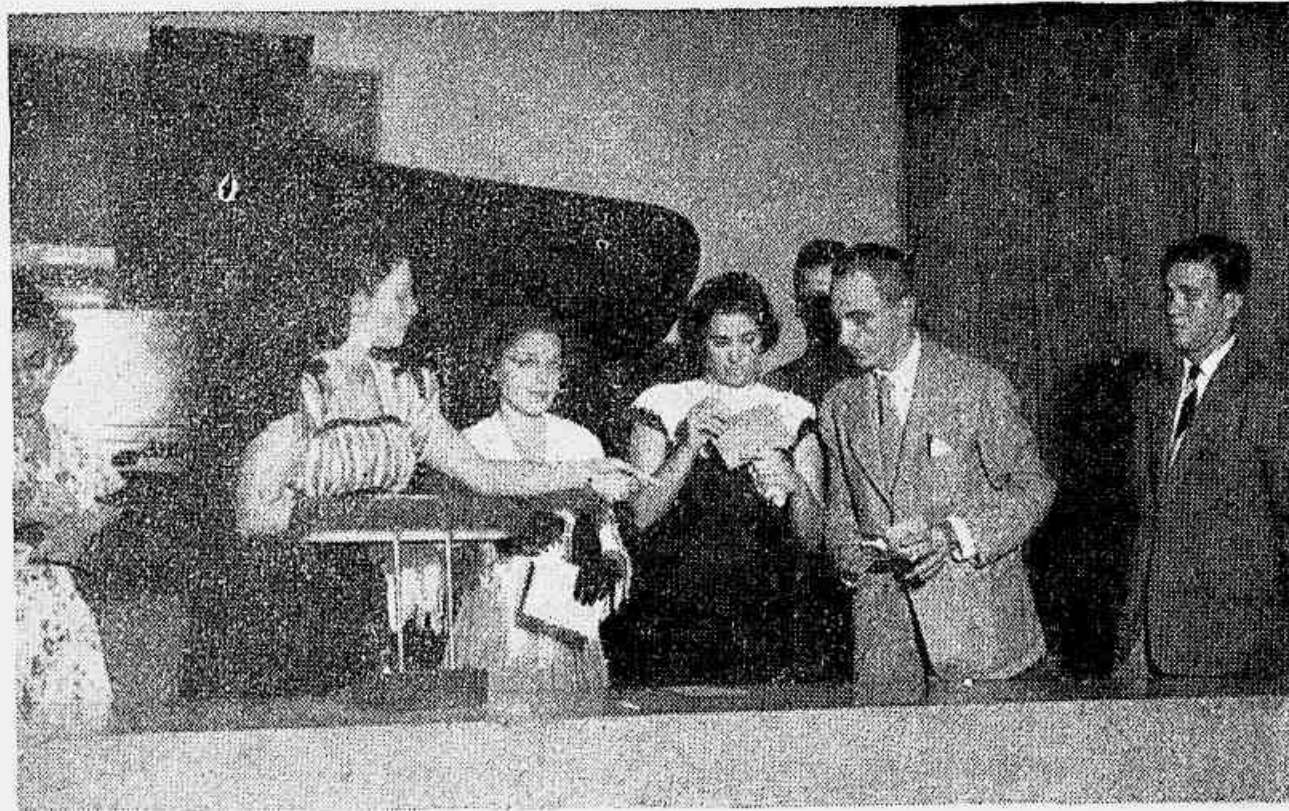
Figuravam, no júri, além de professores competentes como o maestro José Siqueira, pianistas de valor de uma Guiomar Novais, de uma Antonieta Rudge. Vale a pena recordar, aqui, a recepção entusiástica do público a Guiomar Novais. Essa grande artista, que há muito não temos a sorte de ouvir, foi saudada com uma ovação espontânea do público que enchia o Teatro Municipal. Grande parte da assistência, de pé, todos aplaudindo entusiasticamente não só demonstraram que não esqueceram a arte de Guiomar Novais, como que consideravam a sua presença no júri uma garantia da imparcialidade do veredito e da justiça no julgamento.

Contrastando com a atitude de Felícia Blumental, de Antonieta Rudge, de Guiomar Novais e outros membros do júri, para citar, somente, os pianistas ali presentes a sra. Madalena Tagliaferro não soube manter a isenção de ânimo, ainda mais exigível no seu caso,



Carmen Vitis Adnet, classificada em 2.º lugar, também premiada com uma viagem a Varsóvia

por que tinha dois alunos concorrendo no certame. Um deplorável incidente, ocorrido nos bastidores, pouco antes do início da última prova alcançou ruidosa repercussão na imprensa. A sra. Madalena Tagliaferro resolveu dirigir-se em tom rude e colérico à candidata Carmen Adnet, numa censura sem justificação, momentos antes dela dar início à execução do concêrto com orquestra. Não fôra o talento imperturbável e inegável da jovem pianista e um estado de nervos provocado pela conduta da sra. Madalena Tagliaferro poderia ter comprometido a sua atuação. Felizmente, porém, no final, quando cumprimentou Carmen Adnet, já então vencedora, a sra. Madalena Tagliaferro teve atitude mais consentânea com sua habitual elegância e cortesia. Esperemos que, como membros do júri internacional de Varsóvia, a sra. Madalena Tagliaferro saiba julgar com seus conhecimentos musicais e não com os preconceitos de professora extremosa...



A esquerda: Os candidatos no momento do sorteio. À direita: Aspecto da assistência de umas das provas, no Ministério da Educação



A esquerda: Aspecto da assistência, vendo-se o embaixador da Polônia e família, no primeiro plano. À direita: Parte do júri, vendo-se as pianistas Magdalena Tagliaferro e Felícia Blumental e o maestro José Siqueira



QUARTO VAZIO

Samba de Herivelto Martins

Meu quarto agora está vazio,
Já não tenho mais retrato
Já não tenho edredon.
Os meus tapetes foram limpos
Já não tem marca de pés
Não recordam mais ninguém
O meu criado mudo
Já se esqueceu de tudo
Como tu te esqueceste também.

E quando a chuva chove lá na rua
O asfalto torna um espelho
Onde eu vejo a imagem tua
Mas quando os carros
Passam desfazendo essa versão
Eu desperto p'ra verdade
Sofre mais meu coração.

★

MIDNIGHT MASQUERADE

Bierman e Jack Manrs

I sailed away when love was through
Then some friends I know
Took me to a midnight masquerade;
I felt an old familiar thrill
Linger with me still,
Dancing to a dreamy serenade.
At twelve o' clock to my surprise,
There without disguise
Stood my love of old,
Our love remade;
Two broken hearts that fell apart,
Got a second start,
It happened at a midnight mas-
[querade.

★

CUANTO LE GUSTA

(Samba)

Evaldo Rui e Fernando Lobo
Gravação de Linda Batista

Cuanto le gusta
Le gusta, le gusta
Le gusta, le gusta
Le gusta, le gusta

Não sei se foi em Cuba
Pôrto Rico ou Havai
Que numa noite enluarada
Perguntaram para mim:

Cuanto le gusta, etc.

Estive em São Domingos
Em Havana e outras ilhas
Tomei rum em Trindade
Fiz misérias nas Antilhas

E o Panamá?
Gostei de lá
Na Nicarágua
Não bebi água
Na Guatemala
Até perdi a mala
Por isso eu não sei onde
Perguntaram assim p'ra mim:

Cuanto le gusta, etc.



O rádio, sem o apóio das "boites", não poderia apresentar a maioria de cartazes que nos visitam. Este é o caso de La Mejicanita y sus Chinacos, Gregorio Barrios, Ester de Abreu e muitos outros

RADIO-FLASHES

RÁDIO E "BOITE"

A temporada internacional com nomes festejados da música popular ou erudita, continua a merecer a atenção de nossas "boites" e emissoras. De passagem, é bom lembrar que estas, sem o apóio daquelas, não poderiam apresentar a maioria dos cartazes que nos visitam, por causa da elevada quantia que exigem. Ora, pagando, as "boites", a parcela maior, permitem, ao rádio, a contratação desses artistas.

Por isto, é que os ouvintes recebem as mensagens musicais da maioria dos intérpretes que escutam. E tal continua acontecendo agora. Como exemplos, apontemos a temporada de Ester de Abreu, de Leo Marjane e de Gregorio Barrios na Rádio Nacional e a que La Mejicanita y sus Chinacos vêm realizando numa das "boites" cariocas, sem se contar as vindouras, com Tito Guizar e a Orquestra de Xavier Cugat na Rádio Globo, e também numa "boite".

A formosa Mejicanita e seus dois guitarristas são nomes laureados em todo o continente, o qual já percorreram, cantando melodias de todos os seus quadrantes e latitudes. Sua temporada, no Rio, alcançará, sem dúvida, o brilho de sempre.

DEPOIMENTO

Falando-nos, ligeiramente, a propósito de seu ingresso no "broadcasting" carioca, o produtor Sérgio D. T. Macedo, declarou-nos:

— Estreei em rádio, na PRA-2, onde tive a felicidade de redigir alguns programas que, pondo de lado a modéstia do estilo, obtiveram êxito, como "Toda a América", "Arte e Literatura", "Conhe-

çamos melhor nossa terra" e outros. A PRA-2, como você sabe, tem o grande mérito de possuir uma direção altamente eficiente. No setor programação, René Cavé, sem favor algum um dos homens que mais entendem da matéria no Brasil, garante a quantos trabalham na emissora do Ministério da Educação, liberdade de ação, o que é indispensável à feitura de qualquer bom programa, pois não se compreende que um indivíduo escreva contrariando suas inclinações intelectuais.

E prosseguindo:

— Depois, ingressei na Globo, onde ainda estou e para a qual tenho escrito os mais variados programas.

Devo dizer que prefiro os programas que "têm alguma coisa", isto é, que têm substância, miolo, recheio, enfim, com tinturas culturais, com um pouco de qualquer coisa mais elevada que esse deploável "terra a terra" das frases muito bem arrumadinhas, muito bem compor-



Sérgio D. T. Macedo prefere os programas que "têm alguma coisa", isto é, que têm substância, miolo, recheio, enfim, com tinturas culturais

tadinhas, enfileiradas em ordem, como donzelinhas de colégio de freiras, mas que são, apenas, frases... melosas, doces, capazes de fazer a delícia de meninas cloróticas ou senhoritas em crises freudianas, de que tanto usa e abusa o rádio de um modo geral, concluiu Sérgio D. T. Macedo, que já nos promete "Convite à Literatura".

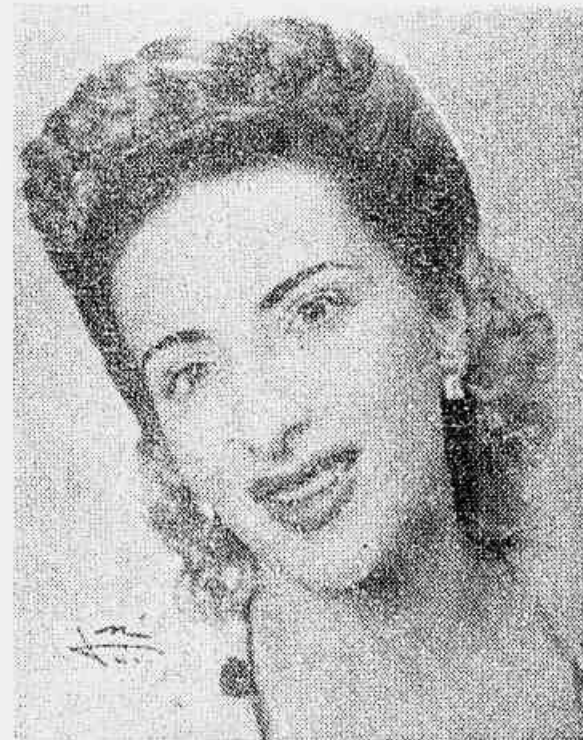
RECENTES LANÇAMENTOS

De Raimundo Lopes, tendo como intérprete principal Graziela Ramalho, a Rádio Globo vem de lançar a novela "Tia Juliana", posta em onda às segundas, quartas e sextas-feiras, às 20 horas e 30 minutos. ★ "Cine Metro e Meio", eis como se intitula a nova produção de Max Nunes para o microfone PRE 8. Irradiado às terças-feiras, no horário das

21.30, sua finalidade é provocar o riso de quem o escuta. ★ Em "Fim de Semana", criação de Aerton Perlingeiro, que a Rádio Clube do Brasil transmite todos os sábados, estreou o tenor colombiano Carlos Sommy. ★ Nikita Magaloff, consagrado pianista russo, foi a apresentação de "Grandes Concertos", cartaz que a PRE-3 irradia às segundas-feiras, a partir das 21 horas. ★ Reunio-se a cadeia as "emissoras unidas", após um período de estagnação, em que teve seu "cast" desfalado dos principais elementos, a Rádio Mayrink Veiga. ★ "Ondas Musicais", prosseguindo na apresentação de famosos artistas clássicos, acaba de contratar para uma série de audições, o violinista polonês Henri Lewkowicz. ★ George Fernandes estreou ao microfone da Rádio Jornal do Brasil, podendo ser ouvido às quartas-feiras, no programa que vai ao ar, às 21 horas e 35 minutos. ★ Apresentou-se aos senilistas bandeirantes, por intermédio da Rádio América, a conhecida cantora Ana Maria Gonzalez, cuja temporada entre nós, foi coroada de absoluto sucesso. ★ Voltou a se exhibir perante o público ouvinte carioca, através do "Trem da Alegria, a artista Cuquita Carballo. Como sempre, a intérprete de rumbas e outras especialidades, não perdeu a oportunidade de tirar partido de sua plástica.

TEATRO

Max Nunes, cuja atividade intelectual é das mais intensas, vem de estreiar no teatro, assinando em parceria com Silvino Neto, a peça "A Borracha e nossa". Nesse trabalho, o incorrigível filho de Terra de Senna mostra-se o mesmo e seguro humorista que nos habituamos a ouvir no rádio. A peça em questão está sendo apresentada ao público no Carlos Gomes, dela participando, entre outros, Totó, Mara Rubia, Valter D'Ávila e o próprio Silvino Neto.



Neusa Maria garante não haver felicidade para uma artista de rádio que se case com alguém que não pertença ao meio...

SOVIETICES RADIOFÔNICAS...

A "genialidade" soviética, tão apregoada pelos fanáticos do regime da foice e do martelo, não poderia ficar em segundo plano na descoberta da radioneta, caber a um cidadão russo, mais esta sensacional descoberta, que valeu a Guglielmo Marconi, a admiração dos povos civilizados. Com isso, após assumirem a paternidade da descoberta do avião, da máquina a vapor, da bomba atômica e da televisão, os respeitáveis cientistas moscovitas, para gáudio de seus admiradores, acabam de consignar mais um pontinho na história das invenções, com a radiotelegrafia...

A notícia emitida de Moscou, como não podia deixar de acontecer, equivale a mais uma formidável blague dos assalariados de Stalin, não fossem eles, também, os inventores da mentira... Dêsse medo, só mesmo a ignorância imposta aos que vivem no "paraíso" soviético, pode aceitar tamanho absurdo. Principalmente, quando se sabe que Guglielmo Marconi é o verdadeiro pai desse engenhoso invento que, em futuro não remoto, levará às próprias estepes russas a palavra leal e sincera dos homens que regem os destinos da democracia, desfazendo as balelas pregadas pelos senhores russos. Isto, porém, não quer dizer que os que fazem coro às canções do Kremlin, não tenham aceitado essa nova e piramidal revelação... Obedientes e submissos a tudo quanto traz o emblema da cruz e do martelo, eles, na certa, exultaram com o telegrama publicado pela imprensa carioca.

A par dessa revelação que, embora não exprimindo a verdade, constitui um desrespeito à inteligência alheia, uma outra notícia chega até nós. É que os "sinceros" moscovitas, tão ciosos de fazerem crer aos outros povos a magnitude de seu regime, lutam contra a sua própria "descoberta", uma vez que o extraordinário poder divulgativo do rádio vai ser utilizado pelas nações democráticas, no sentido de esclarecer ao infeliz povo russo a realidade das fatos. Rompendo a "muralha de aço", o genial invento de Guglielmo Marconi, agora figurando na lista das invenções russas, presta mais um grandioso auxílio à causa dos povos oprimidos. E aqueles mesmos que se arrogam donos de uma coisa que não os pertence, tremem de medo ante a realidade da história, porque, tal como no provérbio popular, e tiro lhes safu pela culatra. Agora, os agentes vermelhos precisam inventar outra mentira. Esta, porém, será para, mais uma vez, iludir a quantos se acham sob o seu quante, porquanto os demais povos livres não acreditam muito nessa história da paternidade que os russos pretendem assumir de todas as invenções... — A. MIGUEIS.



Shirley Temple, da RKO, exhibe um encantador modelo para noite, executado em mousseline branca e guarnecido de valencianas

A QUEIXA DOS HOMENS Queixam-se os homens de que muitas mulheres "relaxam" depois do casamento e, na verdade temos que lhes dar razão. E' uma teoria incompreensível e errada essa que muitas criaturas adotam, baseando-se na idéia do "já o agarrei... e pronto!", achando que o mais difícil está feito.

O mais difícil, no entanto, está ainda por fazer, que é manter sempre vivos a mesma admiração, o mesmo respeito, o mesmo amor, que levou o homem a escolhê-las. Isto é bem mais difícil, creiam, do que conquistá-lo. E é justamente aí que erram essas criaturas que, depois de casadas, andam de quimono e até de roupão de banho o dia inteiro, arrastando pela casa o seu desleixo e a sua pouca inteligência. Não se enfeitam senão para sair, porque para ficar em casa "não vale a pena"; não penteiam o cabelo e não fazem "maquillage" porque "dá trabalho" e "têm

NOS BASTIDORES FEMININOS

tanto o que fazer em casa"... Não vestem as suas melhores roupas porque "ninguém as irá ver" e assim se entregam ao mais completo abandono, esquecendo que o seu "público" mais exigente, o que maior atenção deveria merecer, está ali, presente, assistindo decepcionado, ao desmoronamento das suas ilusões.

Ao seu desencanto seguir-se-á, naturalmente, uma indiferença cuja causa, com certeza, a esposa não compreenderá. E' mais fácil julgar que o erro está

nele do que se analisar a si própria; é mais fácil pensar que "êle já não é o mesmo" do que se olhar num espelho e verificar que ela sim é que já não é aquela criaturinha bonita, graciosa e elegante que êle conheceu há anos passados. E' mais fácil chorar pela indiferença do "infel" do que se cuidar devidamente; de vestir, por exemplo, um vestido novo para esperá-lo, de pentear com cuidado os cabelos, perfumar-se, "maquillar-se" e sorrir deliciosamente tal como fazia na ocasião em que se propôs a conquistá-lo.

E' porque ela não compreendeu ainda que o desinteresse dele vem do seu próprio relaxamento; é porque certamente ela pensa que "quando se gosta, gosta-se de qualquer maneira"; é porque, naturalmente, ela não teve quem lhe abrisse os olhos, porque do contrário já estaria se "renovando" para "reconquistá-lo" e salvar a felicidade do lar. — O. B.



PARA A TEMPORADA

Elegante



nos vestidos de noite que a imaginação dos costureiros franceses se torna mais audaz, realizando com extraordinário bom gosto, onde se misturam a extravagância e o ineditismo, verdadeiras obras de arte. Alguns vão buscar inspiração no velho Egito, outros se inspiram nas elegantes da época de Josefina, outros criam uma linha própria, mas todos têm um único objetivo: colaborar para o realce da beleza feminina. Nestas páginas estão alguns modelos realmente "up-to-date", que resumem algumas das tendências reveladas pela alta costura francesa em modelos para a noite.





IRRITAVA-ME a mudez rancorosa das janelas sempre fechadas, daquele prédio abandonado. Era um casarão vermelho, construído sobre altíssimas muralhas que cresciam lá de uma gruta, nivelando o terreno. Baseado numa data que se lia em sua fachada, era pitoresco historiar a barulhenta construção daquele prédio, ali naquele êrmo sombrio de Santa Terêsa, lá pelos tempos da translação da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro. Imaginar a gritaria dos portugueses, ecoando naquelas matas e os possantes bois arrastando pedras enormes, do morro do Casaca de Ferro para ali. Chicotes estalando nos lombos de bestas recurvadas e arquejantes, escorregando os cascos, naquelas ladeiras lamacentas puxando o madeirame. Depois, foguetões estourando nos céus, alegres fogueiras iluminando a noite e todas as janelas do casarão festivamente abertas e resplandecentes.

Pensei, então, na quietude triste das matas em volta, ocultando o tremor da fauna apavorada, a espiar com insônia. Ali estava o morro do Casaca de Ferro, exibindo ainda, lastimoso, sua cicatriz quase duas vezes centenária.

Quantos anos teria delirado sozinho aquele prédio, a pureza daqueles ares frescos e o deslumbramento do imenso panorama, de toda a zona norte da cidade, ainda em construção? Diz o velho Pimenta, que o prédio teve logo depois, sua fase romântica. Que sofreu muito ele em sua mocidade, ouvindo de sua casa pequena no Curvelo, o ladrar longínquo e abafado dos grandes cães da Maria Rosa. O Pimenta perdia o sono, reunia a rapaziada e, tilintando a guitarra, subia aquelas estradas pedregosas, em noites enluaradas, e vinha gemer o fado, com as mãos espalmadas naquelas paredes, olhando para cima, como um lobo faminto, o quarto iluminado da linda portuguesa de formas redondas e olhos negros e tímidos como os de um cordeirinho.

— Oh, Pimenta! mal comparando, tu assim nesta atitude, com as mãos à parêde, com esta bigodeira e a olhar para cima com tanta paixão, se me afiguras um gato a miar!... dizia o tocador de

EUZEBINHO

CONTO DE C. GOMES DE CASTRO

guitarra, amigo do Pimenta, um tal de Euzebio.

Não sei mais quem disse, que o amor, como a fumaça, não se esconde. Maria Rosa, a suspirar, fumegava amor por todos os poros, como uma casa que se incendia. Quando a portuguesa começou a chorar, recolhendo em seu quarto, toda encolhidinha, tentando inutilmente apagar com lágrimas o incêndio do amor, a mãe consentiu no casamento. O Pimenta transformou os suspiros em carícias e era feliz. Durou pouco a felicidade, porque o Pimenta, revoltava-se neurastenicamente contra a civilização, bracejando de sua janela contra aquele destruir impiedoso das matas, traçar de ruas, construir de muros e cazebres, sobindo a cidade calamitosamente o morro de Santa Terêsa.

— Rosinha, veja ali que barracão indecente, construiu o Pedrosa naquela rampa! Olhe lá, minha mulher, como é torta a parede, da casa do burro do Alipio; aquilo vem abaixo na certa. Que animal! Parece um cabrito trepado naquelas grimpas: um bôde a suar com aquele cavanhaque sujo!

Maria Rosa ao contrário, mal o Pimenta se retirava, lá ia hospitaleira visitar as novas vizinhas e levar água para o Alipio refrescar a cara roxa e lavar o cavanhaque imundo. E com as outras mulheres, lutou muito, em segredo para que Euzebio o guitarrista não vestisse a batina, indo peregrinar nos descampados de Ramos.

Durou pouco a felicidade do Pimenta. Num abrir e fechar de olhos, a Rosa passou e a cidade nova cresceu, toda torta, barulhenta, iluminada, festejando a neurastenia do Pimenta paralisado, a rodar em sua cadeira de rodas de sala em sala,

de janela em janela, como um leão prisioneiro e revoltado. Quando os bondes de Santa Terêsa desciam apinhados e imprudentemente a tortuosa rua Almirante Alexandrino, o Pimenta metia a barba branca na janela e tampando os ouvidos, olhava com odio, esperando estrondoso desastre. Como eu, o velho Pimenta, compreendia então, a rancorosa quietude do morro do Casaca de Ferro.

Irritava-me aquele prédio abandonado de onde vi sair o enterro do velho paralisado o decair a rua Augusta acompanhando apenas por um casal de pretos.

— Ora essa! Nem um parente tem o velho Pimenta? E o Euzebio, o guitarrista?

— Com o Euzebio, brigou depois da morte da filha...

— Ah! Ele tinha filhos?

— Quatro filhos: três rapazes e a Doquinha que morreu já moça. (Explicava-me a SImplicia). E que rapazes altos, bonitos! Era um amor a Doquinha!... Foi a tuberculose galopante. Em dez anos, fechou aquela casa. Dizem que foi praga.

— A senhora acredita seriamente em praga, dona SImplicia?

— Acredito, sim. Foi praga do padre Euzebio.

E a preta velha contou-me uma história confusa, mistificando a mudez triste daquele prédio velho. Não acreditei na tragédia da SImplicia. Ainda mais que conferindo meu rol (SImplicia era lavadeira) faltavam peças. Interrompi o romance da SImplicia e derrapamos para a enfadonha discussão sobre roupas... E sei irritado, deixando a velha a resmungar, resolvido a me esquecer de tudo, porque não é bom meio de vida, fazer cogitações sobre prédios dos tempos de D. João VI. Aquela lavadeira não era honesta. Algum

sobrinho ou filho dela vestia minhas camisas, nas quais eu sentia um "ce" diferente.

Entretanto, todas as vezes que aristava de minha janela o cabuloso casarão vermelho, as hipóteses da SImplicia giravam no meu crânio melancolicamente, como peixes num aquário.

E numa tarde sombria de fevereiro, para encurtar caminho, fugindo de ameaçador temporal, desço a rua Augusta. Quem vejo então, a farejar o prédio abandonado? Quem me surpreende, com o nariz encostado no portão dos fundos a espiar por um buraco o quintal da casa do Pimenta? Um velho amigo de repartição que havia anos não encontrava. Gritei por ele quase a correr, ladeira a baixo:

— Euzebinho! Euzebinho!

Foi inútil. A ventania levou meus gritos e como uma sombra, o Euzebinho desapareceu pela sombria rua Augusta. E já gotas pesadas de chuva estalavam nas calçadas. Olhei de relance o negrume do céu e me abriguei no mesmo portão donde saiu o Euzebio. Espiei pelo mesmo buraco. Um preto velho fumava cachimbo pensativamente. Lufadas de vento abafavam a canção de uma negra, que sorumbaticamente ninava uma criança. Desabei enurdecidamente o temporal. Em poucos minutos a enxurrada gemia pelas sargetas da rua Augusta rolando pedras, num ruído que causa torpor, sonolência, comparado à barulhenta trovada de um céu enfurecido.

O Euzebinho, meu amigo! Veja você, o Euzebinho ali, cheirando aqueles muros! Meu espírito agitou-se como dona de casa, atarefada em procurar as coisas, num abrir e fechar nervoso de gavetas. E lá fui eu em espírito ao Rocha. Estação do Rocha, onde conheci e falei com o Euzebinho. Era uma noite diferente daquela. Céu enluarado de junho. Com as hipóteses confusas da SImplicia na cabeça, desembarquei na estação do Rocha. Lá estava o Euzebinho coitado, segurando o chapéu todo amarrotado, sinais evidentes no rosto de quem acaba de receber possantes bofetões. Destiga-

(Continua na pág. 46)

De ANAMARIA CÉLIA



PARA as nossas filhas, dos quatro aos doze anos, aqui estão alguns modelos originais e graciosos, para serem executados em algodão ou lã. Também neles se nota a influência da "nova linha" e cada um mereceu cuidados especiais do seu criador.



MODELOS INFANTIS



EXIGÊNCIAS QUE GERAM CONFLITOS

Com frequência surgem, entre pais e filhos conflitos motivados por exigências exageradas por parte dos pais e que as crianças ou adolescentes não podem cumprir. Quando isso acontece, os pais pensam logo em corretivos pois, a primeira idéia que lhes vem à cabeça é que se trata de teimosia ou "pirraça", quando, na verdade se trata de uma pretensão exagerada que provoca um desequilíbrio nas relações entre pais e filhos.

Grande número de pais, infelizmente uma grande maioria, pensa em obter dos filhos tudo o que deseja, sem se preocupar com o que possa representar também o desejo da criança.

Para isso recorre, não poucas vezes, à sistemas pouco produtivos e pouco humanos, principalmente em se tratando de crianças. Exigir que uma criança ou um adolescente faça somente aquilo que represente a vontade dos pais, sem procurar antes consultar e examinar a vontade e os sentimentos daqueles a quem se pretende impôr um regime de absurdo despotismo, é o mesmo que cavar entre pais e filhos uma barreira dificilmente transponível, que nada tem da amizade e compreensão que deveriam existir entre as duas partes. Dessa incompreensão, dessa pretensão exagerada, desse despotismo nascem a revolta, a rebeldia e a má vontade dos filhos em relação aos pais. E outra coisa não pode acontecer quando se tolhe inteiramente a criança, tirando-se a faculdade de poder escolher por si mesma e fazer aquilo que os seus sentimentos e a sua vontade lhe inspiram.

Grande é a diferença entre uma orientação eficiente e discreta e uma imposição feroz e irritante.



A reação dos filhos em tais casos outra coisa não é senão a reação natural de um ser que também se julga com direitos e que apenas quer que tais direitos sejam respeitados.

★

CONSELHOS ÚTEIS — A criança que é constantemente contrariada, acaba por se tornar irritada e nervosa. É preciso que ela possa também se expandir um pouco. Compete aos pais saber escolher uma distração que realmente lhe agrade. ★ A vida atual, com os seus pequeníssimos apartamentos, cerceou muito os movimentos das crianças. Elas parecem ser mais levadas do que as crianças de algumas décadas passadas, mas esquecem os pais de que eles dispunham de grandes quintais para as suas traquinadas, o que já não acontece aos filhos.



Também as "estrelas" estudam. É o que nos diz esta sorridente "estrelinha" da RKO, que divide o seu tempo entre o colégio e o estúdio.



O "TAILLEUR"

ELEGANTE a qualquer hora, o **tailleur** volta a se impor no guarda-roupa feminino, tornando-se uma peça indispensável. Realmente, além de elegante e prático, principalmente para aquelas que trabalham, que podem, assim, unir o útil ao agradável. Nestas páginas, selecionamos os mais recentes modelos de **tailleurs** criados pelos mais famosos costureiros franceses para a presente temporada.



Amor é assim...

De LUCILE D'ARLEMONT

VIRAM-SE numa novena, lá na Igreja da Glória. O ambiente perfumado de incenso, aquelas luzes mortíferas, os cânticos à Virgem, o cerimonial litúrgico, os fiéis ajoelhados, olhares de jovens para os altares enfeitados, onde velas votivas queimavam silenciosamente...

Quando ela saiu, os seus olhares se cruzaram com os dele. Moravam no mesmo bairro. Tomaram o mesmo bonde. Lá já não era possível resistir aos desejos mútuos de uma palavra de amor. Marina e Luis. Do primeiro trocar de sorrisos, de palavras amáveis, ficaram certos de que nasceram um para o outro.

No dia seguinte, ele lhe trouxe uma lembrança. Um vidro de perfume da marca de que muito gostava. Ficou surpreendida, pois apenas se referira, incidentalmente, ao produto, sem nenhuma intenção de despertar-lhe a curiosidade. Se ele fixara tão bem esse detalhe, estava provado que era mesmo um belo moço. afável, atencioso, fino...

E assim prosseguiram os dois no idílio de todas as noites.

As famílias de ambos aprovaram o noivado. Daí para o casamento, só haveria um passo. Ambos trabalhavam. Ambos poderiam viver muito bem, na maior harmonia.

O segundo período do amor estava no auge. Tinham a liberdade habitual entre noivos que vão mesmo casar. Iam a cinema, a teatro, a passeios nas ilhas poéticas e românticas da Guanabara.

Nasceram um para o outro, repetiram as pessoas de suas famílias.

Um dia, porém...

Ela brigou com Luis. Ele saiu indignado com Marina. Ciúmes. Ele sentiu ciúmes dela. Amor? Talvez. O ciúme, dizem os mais práticos, é prova de amor. Porém, para Marina, esse sentimento ainda misterioso entre os que se amam, não era sinal de amor. Era o fruto daninho da desconfiança, da falta de fé nas palavras do outro.

Se era ele assim, ciumento, como poderiam ser felizes depois do "conjugio vobis"?

E rompeu o compromisso. Luis ficou desconsolado. Não se conformou com a decisão violenta da noiva. Tentou, outra vez, voltar ao seu convívio. Reconciliaram-se. Houve novas juras de afeto, de amor eterno, de confiança, de guerra ao ciúme.

Mas o coração amante é terra insondável. Tem o mistério do infinito inatingível.

Uma tarde, Luis manifestou desejos de fazer-lhe perguntas. Marina se sentiu ofendida na sua dignidade de noiva leal. Não lhe deu resposta. Brigaram pela segunda vez. Ele passou a ficar melancólico, triste, sempre pensativo, como se dentro d'alma o destino lhe houvesse aberto um túmulo e nele encerrado seu coração.

Ela soube e não permitiu mais reconciliações. Estava, para sempre, desfeito o noivado. O ciúme de Luis, era uma barreira intransponível para a vida em comum.

Não podendo suportar o choque, ele abandonou o trabalho, o amor aos pais, a amizade à família, a esperança de viver, a beleza da vida, o futuro de seus vinte anos. Matou-se. E por que? Porque...

O amor é assim...

Chapeus



CAROLINE REBOUX, Le Monnier, Claude St.-Cyr e Maud Roser apresentam as suas mais recentes criações próprias para a tarde. Os mais variados e encantadores modelos são aqui apresentados, numa maravilhosa parada de sugestões para as nossas leitoras.



A saúde do BEBÊ

DR. SABOIA RIBEIRO

ALIMENTAÇÃO INFANTIL E ÁGUA

NÃO basta, somente, na alimentação da criança a presença das substâncias que compõem o alimento completo — albuminas (caseína do leite), hidratos de carbono (lactose, açúcar comum, farinhas), lipóides (gordura do leite, manteiga), sais minerais (de sódio, cálcio) e vitaminas. Nos primeiros meses, principalmente, necessário é, também, prover o organismo infantil de uma quota de água suficiente, sem o que sofre o processo digestivo da criança e normal formação de líquidos e tecidos, interessando ao mesmo tempo as próprias funções vitais da criança.

No organismo da criança todos os processos de nutrição celular compreendem a embebição e fixação da água, de tão grande importância, por isso, na determinação do próprio peso da criança. A célula compõe-se de vários elementos, entre os quais dois agrupamentos importantíssimos: os hidratantes e os hidratáveis. A classe dos hidratantes pertencem principalmente os albuminóides que, sendo substâncias de natureza coloidal, são particularmente suscetíveis de deixar-se embeber. A classe dos hidratantes, os hidratos de carbono, os sais de sódio e algumas vitaminas, principalmente a C; são estes os condutores da água trazida aos albuminóides.

Mas a fixação da água, junto a estes, no interior das células, requer, por outro lado, a intervenção dos sais de cálcio e gorduras da alimentação, que entram na constituição da membrana impermeável que reveste cada célula.

Toda vez que a hidratação normal dos tecidos não permite o desenvolvimento desses fenômenos, sofre o bom estado nutritivo da criança — o turgor dos tecidos sofre, a elasticidade da pele sofre.

Mas a fixação da água nos tecidos não exclui a firmeza dos mesmos; a gordura encharcada da criança é defeito que cumpre corrigir, ou porque há excesso de hidratantes na alimentação (açúcares, farinhas), ou insuficiência de albuminóides, e em alguns casos defeito na própria constituição da criança que apresenta tendência a reter água em excesso e com igual facilidade a perdê-la (Constituição hidro-lábil).

A concentração adequada do alimento infantil constitui, pois, condição indispensável para que não falte às células a água que assegura o turgor normal dos tecidos e elasticidade própria da pele.

Sempre que está perturbado aquele ou esta, alguma coisa se passa de sério na criança. Calçado, por exemplo, o dedo nas nádegas da criança, a carne afunda e deixa a marca; pinçada a pele do abdome, e repuxada, a pele enrugada e custa a desfazer-se.

No aleitamento natural o equilíbrio entre as várias substâncias e a água é já assegurado no próprio leite materno; no artificial, porém, é sempre necessário que se observem certos cuidados de referência à concentração do alimento, já que pode resultar, por vezes, demasiado espesso e pobre, em si, de água. O que há recomendar, então, é que se propicie à criança água no intervalo das mamadeiras, mingaus, sopinhas. Assim os mingaus mais espessos ou sopinhas salgadas não dispensam que se façam acompanhar de uma quota de água, ministrada em seguida ou entre uma e outra refeição da criança. O choro da criança, muitas vezes, tem essa origem, expressão que é, então, de sede.

Ávidos de água, sais minerais da alimentação, farinhas, açúcares, vitaminas, reclamam imperiosamente água para o organismo da criança.

No leite o soro contém, ao lado desses elementos, a necessária quota de água; mas nas misturas alimentares (sempre necessárias quando a alimentação é artificial) não acontece sempre assim, de modo que o suprimento de água é indispensável após ou entre as refeições.

De resto, quando na refeição dada à criança prevalecem as albuminas (caseína ou outra), estas não se desdobram bem durante o processo digestivo.

Não observada a concentração do alimento ou quota d'água nos intervalos, pode manifestar-se a excicose e até febre da criança, quer pela desidratação dos tecidos e sede interna, quer pela formação anormal de corpos (aminas e peptonas patogênicas).

Podemos dizer que o bom aproveitamento da água no interior dos tecidos da criança é o melhor índice de seu bom estado nutritivo. Somente devemos acrescentar que, para que isto se verifique, é necessário que as demais substâncias de que necessita a criança (em resumo, substâncias hidratantes e hidratáveis, em justas proporções) também coexistam na alimentação da criança. São estas que lhe dão novos tecidos (albuminas), força e calor (gorduras, farinhas, açúcar), defesas orgânicas (vitaminas); mas é a água que possibilita todas essas funções, atraída aos vários pontos do organismo pelos sais minerais e certas vitaminas que a distribuem conforme suas necessidades.

O menino de peito requer uma provisão de líquidos 3 ou 4 vezes maior do que o adulto. Os recém-nascidos dão 25% de resíduo seco e os adultos 33%. O afluxo aquoso necessário ao menino de peito alcança, segundo a idade, 100 a 150 gramas por quilo de peso, devendo-se ter sempre em conta a concentração salina, lipídica (gorduras) ou referente aos açúcares e cereais (grãos, farinhas) — dar água, então, no intervalo das refeições —, e também as perdas da transpiração devidas ao calor ambiente.

Acentuamos, de novo, que devido à inobservância dos cuidados com a quota de água no regime, alguns lactentes acusam, por vezes, febre — febre alimentar, febre de sede; em geral o alimento é demasiado concentrado, nesses casos. Há, por vezes, excesso de albuminas em relação ao diluente; com o preparo inadequado dos leites em pó já se têm verificado alguns casos dessa espécie.

Noutros casos o alimento é outro, e até leite de vaca, farinhas, açúcar. Trata-se de estados sub-febris na primeira idade, contínuos ou remittentes; o exame não depara nenhuma infecção, geral ou local, no organismo da criança; o peso se mantém bom. Nada mais senão a febre. Dando-se melhor provisão de água à criança, nos intervalos, mas tendo-se embora o mesmo regime, a temperatura se conserta dentro de algumas horas, o que mostra a carência de água.

Em resumo: a água é o meio de defesa natural da criança contra o calor. As secreções digestivas não a dispensam para sua produção em quantidade ótima. A integração da matéria viva da albumina, hidratos de carbono, gorduras, sais e vitaminas — ou seja, o desempenho das funções plásticas, energéticas, tróficas e biológicas de tais substâncias — exige abundância d'água no organismo infantil, sem prejuízo do teor conveniente daqueles, fontes de energia, defesa orgânica, conservação e reparação dos tecidos.

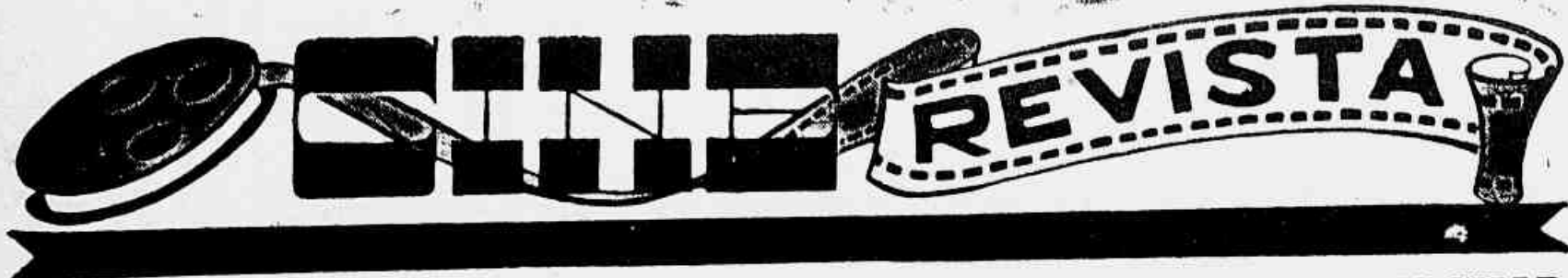
O organismo infantil sofre se é pouca a água que lhe subministram; e quando doente, coincide sempre com a reidratação a sua plena melhoria.



NOVOS MODELOS

Alguns encantadores e sugestivos modelos para os próximos dias de frio, submetemos à apreciação das nossas leitoras. São modelos elegantíssimos e a última palavra em trajes "habillés". Ao alto temos: De Jacques Fath, "duas-peças" em lã azul pálido com punhos em castor. Na página ao lado, em cima: De Lucille Manguin, em crepe de seda preto, anagua de tafetá "pied-de-poule", gravata igual. Em lã cinza pérola, mangas compridas com punhos, modelo de Marcelle Dormoy. Criação de Grés, em lã verde, interessante drapeado nas costas, pregas soltas atrás. Em baixo: Modelo de Jean Patou, em lã cinza pérola. Busto franzido ligeiramente. Bolso na saia. Modelo de Nina Ricci, em lã beije, com grupos de nervuras de espaço a espaço. Criação de Pierre Clarence, em lã negra, saia reta, gola alta.





Por LEON ELIACHAR

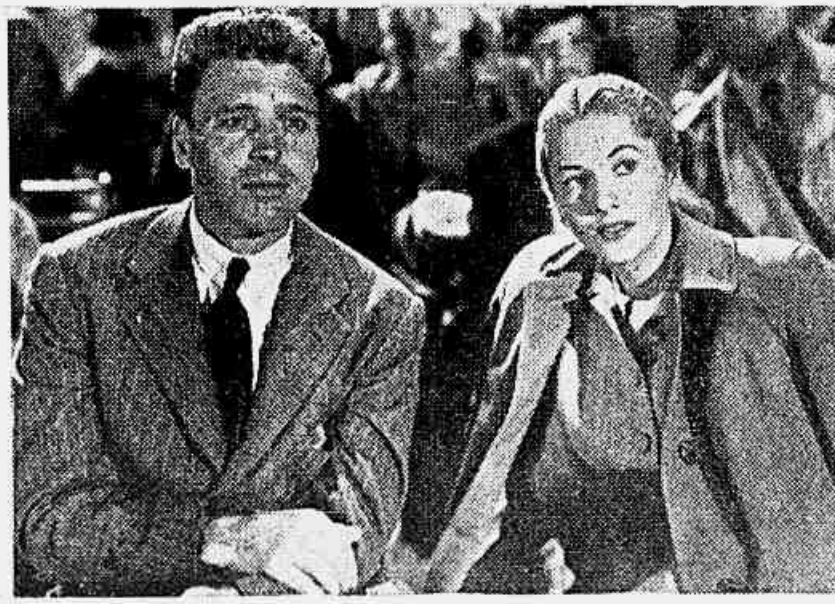


Burt Lancaster, o galã da moda, que aparecerá brevemente em "Amel um Assassino", película dirigida por Norman Foster

O CRIME PREMEDITADO

OS ingleses sempre mereceram a fama de ser um povo respeitador da lei. Seus policiais não são atiradores e o público em geral sempre se mostrou partidário das medidas tendentes a fazer cumprir a lei. Em contraste com os "gangsters", verdadeiros assassinos, devidamente organizados, e fortes associações de contrabandistas o típico assassino britânico é por conseguinte um caso psicopático. Mas, na realidade, a Inglaterra está a braços com uma nova modalidade de delinquentes; são os mercadores do câmbio negro, salteadores e atiradores, favorecidos pelas amargas conjunturas da vida, consequência da guerra. Comerciam com artigos escassos, como gasolina, licores, alimentos, medicamentos e tudo que possam conseguir por meio de astúcia ou força. O que mais desconcerta e alarma as autoridades é que muitos cidadãos honestos mostram-se dispostos a patrocinar tais crimes.

"Amel um Assassino", primeiro filme da nável produtora Harold Hetch-Norma, nos mostra detalhadamente como trabalham esses delinquentes. Burt Lancaster, no filme, desligado do exército canadense, entra para uma dessas associações e por causa de seu temperamento arrebatador e de força excepcional, mata um homem com violento soco. O chefe da quadrilha, que a tudo assistira, força Burt a trabalhar com eles para não ser denunciado. Joan Fontaine vive o papel de uma criatura meiga, enfermeira de hospital, fatalmente arrastada aos braços de Burt e que acaba cometendo um crime quando vê que a sua liberdade está ameaçada. Vive com Burt uma vida de terror que somente um amor insuperável poderia tornar suportável. Teremos, assim, não somente uma história apaixonante de amor como, em consequência, uma história policial onde, mais uma vez, é abordado o fascinante tema do "crime premeditado" — que vem atraindo de forma indiscutível a preferência dos espectadores.



Burt Lancaster é amado ardentemente por Joan Fontaine. E ainda dizem que "o crime não compensa", hem? (Fotos U-International)

"A. B. C. C."

Por LEON ELIACHAR.

PELAS iniciais com que foi estigmatizada, a A. B. C. C. deveria ser "Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos". Mas não é. Deveria, segundo seus estatutos, unir os seus associados. Mas não une. Deveria zelar por seus interesses. Mas não zela. Deveria impôr respeito pelos seus atos, pelas suas atitudes, pelas suas realizações. Mas não impõe. Porque, evidentemente, a opinião que se vem formando em torno da A. B. C. C. é bem outra, completamente diversa daquela a que se propunha quando de sua fundação, há quatro anos atrás. Talvez ela tenha adquirido, hoje, mais popularidade; mas o que desejávamos, antes, é que tivesse conseguido simplesmente prestígio. E é pena que os seus atuais dirigentes façam confusão entre essas duas palavras — de tão diferentes significados.

Há uma política dentro da atual A. B. C. C. que não compreendemos. Em quatro anos de atividades, os "mocinhos estorçados" ainda continuam andando no encaixo dos "cabeça erguida" (exibidores) com um cartãozinho nas mãos, prontos para serem rubricados — e isso lhes daria o direito de ingresso livre nos cinemas. Em seus primeiros momentos de existência, já se havia dado como encerrado esse assunto "permanente" — mas, para fazer bonito, os "dinamicos" componentes da nova diretoria não desistiram da ideia e tudo continuam fazendo para conseguirem o seu objetivo: oferecem almoços, chás-dansantes, noites de gala, e convidam os donos dos cinemas para compartilharem dessas festividades, afim de catequizar a sua simpatia, preparando assim o terreno para um "golpe" seguro. Sua orientação não podia ser mais desastrosa. Não há, evidentemente, um cérebro que oriente as suas atividades. Qualquer cidadãozinho, pode julgar-se dono do mundo e praticar as suas "folias". Os programas feitos no auditório do "Trem da Alegria" e a "Coroação da Rainha do Cinema", feita pelo processo mais mediocre, como o é o das vendas dos votos a um cruzeiro, bem pode servir de exemplo para ilustrar o rumo verdadeiramente oposto que está tomando.

Mas acontece que a maioria de seus associados, os que verdadeiramente representam a crítica cinematográfica do Rio, pelas posições que ocupam nos jornais e revistas, estão, automaticamente, afastados dessa política, tendo alguns mesmo feito os pedidos de demissão — não tomados em consideração pela diretoria. Isso, evidentemente, é comprometedor. O que diriam os srs. Moniz Viana, de "Correio da Manhã"; Pedro Lima, de "Diário da Noite" e "O Jornal"; José Amádio, de "O Cruzeiro"; Salvyano Cavalcanti, de "Panfleto"; Hugo Barcellos, de "Diário de Notícias"; J. Francisco, de "Jornal do Comércio"; Luis Alípio de Barros, de "A Cena"; Carlos Fernando, de "Caricça", e outros mais, ao verem a relação de filmes classificados como "os melhores de 48", e exibidos em sessão franqueada ao público, como sendo os indicados pela A. B. C. C.? O que significa, afinal, A. B. C. C.? Será por acaso meia dúzia de rapazes que se distraí com fotografias de cinema e se dedica única e exclusivamente a criticar seus colegas por suas colunas? E que pensará o público daqueles que realmente se interessam pela Arte Cinematográfica e cujos nomes estariam incorrendo no erro involuntário de classificar como "os melhores", cinco filmes escolhidos por outros indivíduos? Evidentemente, o que a "Associação" está querendo é popularidade; e para isso baseia-se no prestígio de alguns associados que de há muito afastaram-se dela, em virtude de seus propósitos irem de encontro aos seus princípios. O melhor que a A. B. C. C. pode fazer para evitar erros de semelhante gravidade, é mudar de nome. E não atribuir a pessoas outras a culpa de seus lamentáveis e desastrosos enganos.

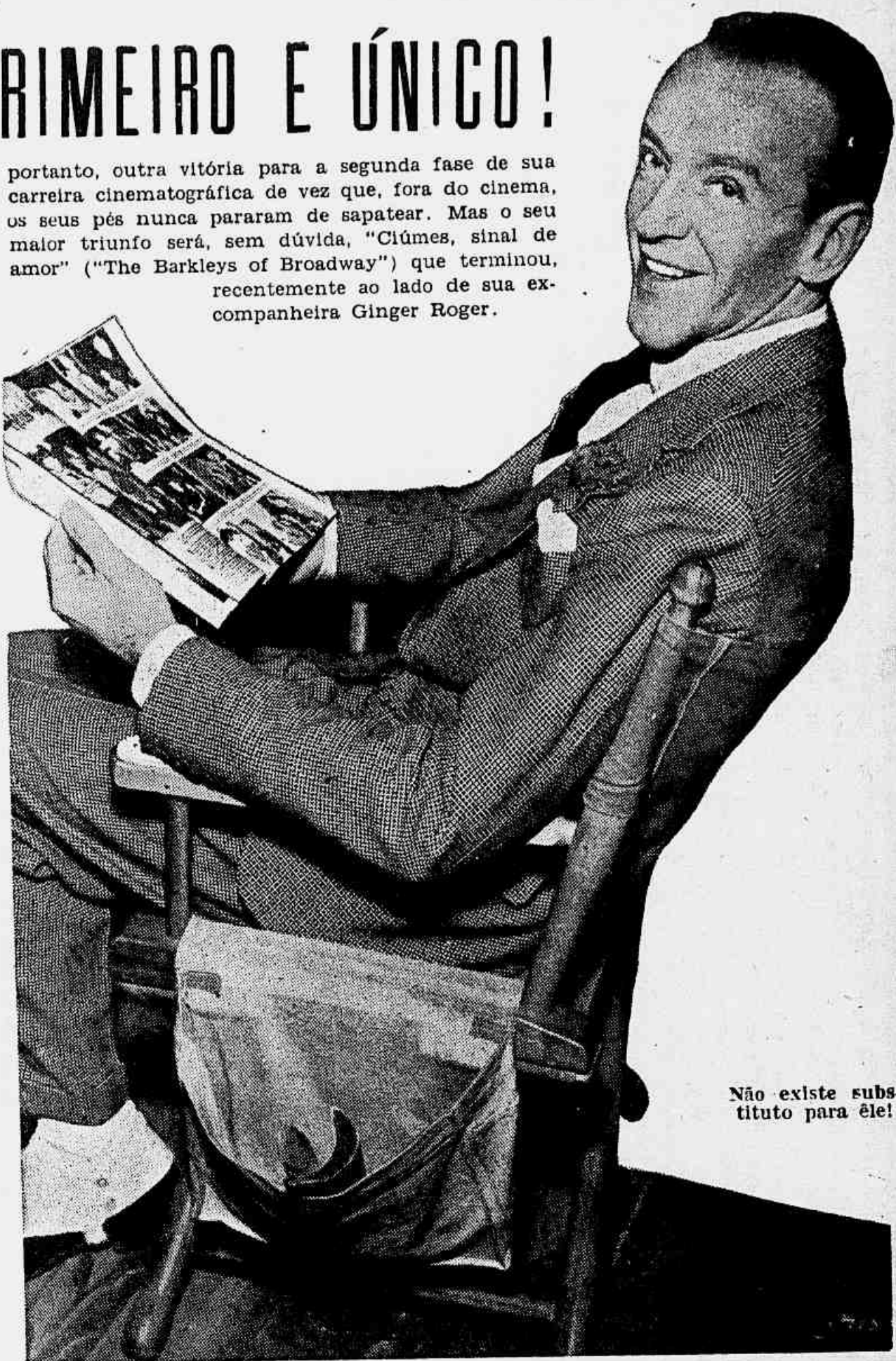
FRED ASTAIRE, PRIMEIRO E ÚNICO!



Geralmente ele próprio cria seus bailados

Indiscutivelmente, nunca nenhum bailarino obteve tanto sucesso e conquistou tão alto posto na cinematografia mundial como Fred Astaire. Ele compõe, sem dúvida, um capítulo na história do cinema. Formando dupla com a saudosa Ginger Rogers, durante muito tempo encabeçaram a lista de "campeões de bilheteria". Até que um dia veio a separação: Ginger optou pelo gênero dramático e ganhou um "Oscar" pela sua performance em "Kitty Foyle"; Fred apareceu com outras bailarinas, e desapareceu do cartaz por algum tempo. Quase dez anos se passaram, mas os fans nunca se esqueceram de seus bailados, de seus sapateados, de sua agilidade inacreditável. Inúmeros dançarinos apareceram para substituí-lo e, embora Gene Kelly tenha alcançado um lugar de destaque nos estúdios da Metro, o grande Astaire continuava sendo o primeiro e único, completamente insubstituível. Em 46, Fred Astaire voltava ao cartaz em "Ziegfeld Follies", o technicolor que andou "escondido", não se sabe por que, durante quase três anos — e que só agora foi mostrado ao público brasileiro. Uma "rêntree" realmente triunfal. Apesar de contar, atualmente, 48 anos de idade, sua agilidade está inalterável, e seu corpo mantém a mesma carga de eletricidade que lhe facilitava os movimentos ágeis. Sua popularidade continuava e seus fans não se contavam apenas entre o público. E a prova está em que quando a Metro entrou em negociações com Irving Berlin para que lhe vendesse um certo número de músicas de sua autoria para a filmagem de "Easter Parade" ("Desfile de Páscoa"), Mr. Berlin respondeu prontamente: — "Só se Fred Astaire for o 'astro'". Dito e feito: Em dois tempos o negócio estava fechado. Não só Fred Astaire seria o "astro" como nada menos de 17 canções de Irving Berlin seriam executadas durante o grande desfile da marca do leão. Sua "partenaire" seria Ann Miller, que tem umas pernas muito, muito, muito... muito mesmo. Esta será,

portanto, outra vitória para a segunda fase de sua carreira cinematográfica de vez que, fora do cinema, os seus pés nunca pararam de sapatear. Mas o seu maior triunfo será, sem dúvida, "Clômes, sinal de amor" ("The Barkleys of Broadway") que terminou, recentemente ao lado de sua ex-companheira Ginger Roger.



Não existe substituto para ele!

NAS TELAS...

MINHA ROSA SILVESTRE (Warner) — Uma xaropada em technicolor, onde Dennis Morgan fala cantando e canta falando o tempo todo. Tudo passado na Irlanda, nos bastidores de teatros, com todos os lugares comuns dos filmes do gênero. Arlene Dahl e Andrea King dão o "toque" feminino. David Butler, o diretor, não dá toque nenhum. E nós tocamos o gongo...

ALMA NEGRA (Hal Wallis-Paramount) — Argumento baseado num fato verídico, ocorrido em Londres, lá pelo ano de mil oitocentos, e tanto, resultou numa película maçante, sem "atmosfera", e muito pretenciosa. O cul-

pado de tudo foi o cenarista. E o diretor Lewis Allen tigo de Ray Milland e Ann Todd. Salva-se apenas a fotografia de Max Green e a música de Victor Young, se é que isso pode interessar a alguém, isoladamente...

PAIXÕES EM FÚRIA (Warner) — Filme de "gangsters", muito bem conduzido por John Huston, um dos melhores diretores do cinema americano. Embora sua ação se desenrole em espaço limitado, há ótimas cenas e os diálogos são bons. A "atmosfera" criada por Huston é o que há de melhor na película. Violento e brutal. Performances ótimas de Claire Trevor, Edward G. Robinson, Humphrey Bogart, Lauren Bacall e os demais. Excelente fotografia e fundo musical. Película feita com arte, indiscutivelmente, há momentos realmente dignos de nota, como o trecho em que Trevor

(cujo papel nesse filme lhe conferiu o prêmio de "melhor coadjuvante feminina") canta, por ordem de Robinson, diante de todos os olhares, sem acompanhamento musical; a morte fria e traiçoeira do policial; os tapas que Bogart leva de Robinson; o beijo violento e forçado que Robinson aplica brutalmente em Lauren; o carro da polícia, seguindo o ônibus na ponte, a câmera acompanhando por cima; os tiros desfechados em Robinson. No final talvez o mais alto "climax", de vez que a película tem diversos "climaxes". Tudo isso, a par de uma narrativa fria e serena de Huston, vem reafirmar o seu verdadeiro valor de cineasta, capaz de transformar numa obra de arte, um argumento igual a todos os outros do gênero, dando-lhe um vigor próprio pincelando com cores reais, embora não falte ao filme certos convencionalismos comuns ao tema.



Durante os intervalos de filmagem de "Chicken Every Sunday", da Fox. Dan Dailey passa o tempo praticando trombone

FLAGRANTES

(Especiais para CINE-REVISTA)



O diretor George Seaton mostra a Dailey e a Celeste Holm alguns dos números musicais que serão executados na mesma película



Barbara Lawrence recebe instruções de um esgrimista para uma cena de "Mother Is a Freshman", ainda da 20th Century Fox

20.1-49... — "Há um mês que deixamos o Rio e ante-ontem chegamos a Roncador.

O moral dos membros da expedição permanece bom, apesar de notarmos já um certo descuido por parte de alguns dos companheiros.

Teles, o topógrafo, deixou a barba crescer, e, com o capacete de cortiça e os óculos escuros, toma um aspecto um tanto evangélico.

Outros descaram o vestuário, ou não tomam banho com frequência. O cel. Mendes, entretanto, nosso chefe, permanece com seu humor sadio, inalterável, e o seu bigode à Kaiser bem cuidado.

Noto, discretamente, esse afrouxamento quasi imperceptível na disciplina. Que vou fazer?

Sou apenas um modesto intérprete de línguas indígenas.

22.1 — Avançamos demais rumo ao noroeste.

Algumas tribus esparsas que encontramos no itinerário, receberam-nos entre timidas e desconfiadas. Trocamos presentes e prosseguimos.

Não sei, mas sinto nessas indígenas como um receio de alguma coisa que não esclarecem bem o que seja.

Pedro, o mestiço que nos guia, começa a participar dessa psicose. Tenho procurado abordá-lo, mas evita-me. Certa vez mesmo, olhou-me com seu olhar esquivo e assustado e disse apenas:

— Sagitana... Sagitana...

Seu braço apontava precisamente para o rumo em que iam...

6.2 — Há dias me venho perguntando o motivo desta nossa viagem. Lembro-me que os jornais fizeram alarde a respeito e falaram numa estrada de ferro internacional. Esta zona, entretanto, é absolutamente impraticável para tal fim.

O prof. Morbeck, nosso cientista chefe, começa entretanto a dar sinais inequívocos de satisfação. Analisa constantemente a terra, as rochas e parece incapaz, querendo a todo custo que prossigamos.

Não posso dizer com certeza, mas suspeito que vamos em busca de algo de muito precioso e que deve ser envolvido em grande segredo.

As cautelas que tomam dão o que pensar...

18.2 — A paisagem tornou-se diferente, poderíamos mesmo dizer — exótica.

O calor, simplesmente sufocante, abafava-nos entre cadeias de montanhas.

Os mapas começam a errar em suas indicações e um estranho incidente esta manhã, quasi nos rouba o cel. Mendes.

Quando passava por uma enorme caverna, foi o cel. atacado por um curioso animal, mixto de pássaro e réptil.

Rápido, o prof. Morbeck disparou sua arma, e o animal fugiu, mergulhando nas entranhas da terra.

Tomo estas notas às pressas, no intervalo duma parada. Não sei para onde vamos.

4.3 — Só agora retomo este Diário. Quanta coisa que tem sucedido nestes últimos dias!...

Os indígenas que carregavam nossas bagagens, esquisitamente desapareceram.

Há muito que o terror os puzera em pânico. Negavam-se a prosseguir, indiferentes a ordens e ameaças, e apenas se ajoelhavam apavorados a gritar sempre a maldita palavra:

Sagitana! Sagitana!... os braços tremulos apontando para o nosso rumo.

Que vem a ser isso? Não tenho a menor idéia, entretanto começo a sentir-me de estranho mal estar. Sinto que algo de maléfico nos cerca, a observar-nos implacável.

Tenho quasi a certeza, nem pode haver margem para dúvidas. Muitas vezes, por exemplo, perco inteiramente o controle e faço cousas que não desejava absolutamente. Como se um gigantesco imã, invisível e poderoso, me atraísse.

Sagitana

CONTO DE

Dos quinze companheiros que éramos, quatro jazem pelo caminho, vitimados pelas febres. Cruzes toscas marcam-lhes o local do último repouso.

Dois homens, entretanto, marcham incansáveis, alheios a sofrimentos e privações — o cel. e o prof. Morbeck. Alguma coisa superior parece guiá-los para o seu objetivo.

À noite, ao passar perto da tenda em que estão, ouvi-os a discutir em voz alta. Nitidamente um deles disse algo que me fez compreender tudo.

Referia-se ao Urânio.

15.3 — Um mundo de emoções assaltou-me ontem.

Não sei como descrevê-las. Parecerão fantásticas, inacreditáveis, e a cada momento espero despertar para a vida como após os minutos dum pesadelo.

Eu resolvera caminhar para espiaçar um pouco, pois o ambiente entediava-me.

O reverberar do sol arrancava exóticas cintilações das montanhas e tudo parecia primitivo, hierático, dando a tristonha sensação dos primeiros dias.

Queria andar sozinho, mergulhado nos meus pensamentos, e, assim, nem sequer notei que muito me afastara do acampamento.

De súbito, detive-me. Ali em frente, bem em minha frente, estava uma esplêndida mulher...

17.3 — ... Não como descrevê-la. Era espírito e forma, ideal e realidade.

Aproximou-se de mim, lenta e majestosa, e dirigiu-me palavras num idioma desconhecido.

Nada respondi, boquiaberto que estava. Aquêlê olhar parecia devassar-me o mais íntimo do ser, exercendo sobre tudo um domínio frio, implacável, de poderosa personalidade.

Lembro-me, apenas, que com a dextra macia e longa tocou-me as têmporas, a dizer lenta:

— Sagitana...

★

Rememorando tudo, só agora consigo coordenar melhor as idéias. No momento, creio que desmaiei, pois, quando novamente dei acôrdo de mim, achava-me entre os companheiros no acampamento.

O prof. Morbeck fitava-me preocupado, a explicar que eu fora vítima de febre nervosa.

Eu quiz contar o que se passara e não pude. Qualquer coisa parecia tolher-me inteiramente a vontade.

20.3 — Devo ter delirado estes dias, pois a febre não me deixou um único instante. Ontem à noite, entretanto, via novamente.

Sedento e cansado, levantei-me cambaleante, tentando tomar um pouco d'água, e, ao passar pelas cortinas da tenda, vi-me um desejo irrefreável de olhar o céu e as estrelas.

Abri-as lento e senti que ela estava próxima, muito próxima de mim. Fitava-me parada dum montículo perto.

Seu porte majestoso destacava-se nítido e os olhos — aquêles olhos verdes, cintilantes, — pareciam iluminados.

Devo estar fraquíssimo, pois hoje de manhã me encontraram caído fora do leito.

22.3 — Alguma coisa me chama irresistivelmente.

Sagitana

C. E. L. M. A. N. O

Quero caminhar, mover-me liberto, e, não me sai da lembrança o local em que a vi pela primeira vez.

Não, não estou alucinado. Aparições sobrenaturais não me convencem e sei que ela existe tão concretamente como qualquer de nós. Hei de comprová-lo assim que o puder.

23-3 — No acampamento já suspeitam de que estou louco e puseram um homem a vigiar-me. Com um truque simples, contudo, consegui ludibriá-lo e sai. Não podia mais conter-me. Trôpego, de barba crescida, corri-lhe ao encontro fascinado.

Ali estava como da primeira vez. Serena, extática, os olhos estranhamente verdes a realçar na sua tez ebúrneia. Olhou-me longamente e um estranho bem estar invadiu-me.

Não sei como consigo compreendê-la. A explicação que me dou, e a única possível, talvez, é a de que me cheguei diretamente ao espírito através da força telepática.

Quando perguntei donde vinha, apontou-me simplesmente as montanhas...

5-4 — Quero contar tudo aos companheiros e não ousa fazê-lo. Esse imponderável que me tolhe, é superior a tudo que há em mim.

Várias vezes nos encontramos e noto a facilidade com que me surge, quando menos espero.

Em certos momentos, fala-me do seu povo. Toma-se, então, dum desmedido orgulho e diz-me que os seus estão no final estágio da suprema essência. Coisas vagas, devo esclarecer, que não consigo compreender bem.

Quanto aos nossos homens, olha-os com desdém, achando-os estúpidos e desprezíveis.

7-4 — Insensivelmente, vou perdendo a convívio dos companheiros. Este ser fantástico vai me absorvendo totalmente aos poucos.

Suas idéias se concentram, como em perfeita síntese, e confesso muitas vezes não poder acompanhá-la nos seus raciocínios subtis. Em certos momentos, tudo toma nas suas palavras um colorido novo, encantador, e sinto-me viver nesse mundo que me descreve...

As vezes, tenho a impressão de que me analisa muito a frio, e sinto o temor de que me arraste ao que desejar, sob o influxo da sua vontade poderosa.

Já compreendeu, por exemplo, que... amo-a...

10-4 — Insistem em considerar-me clouco no acampamento.

O cel. procura curar-me ao bom estilo militar, isto é, com água fria e exercício violentos. Diz que tenho apenas "nervosismo e temor".

Admiro-o sinceramente. É um homem simples, prático e incapaz de acreditar em qualquer fato sobrenatural. Riria se eu lhe falasse em Sagitana...

Quanto ao prof. Morbeck, julgo que começa a suspeitar de algo. Observa-me discretamente, faz perguntas delicadas e deixa-me no receio de que possa descobrir tudo.

Talvez seja tarde demais. Am-a perdidamente...

19-4 — Encontramo-nos esta tarde mais uma vez.

Por que desejará que a siga?... Fala-me lenta da Paz, da Sabedoria, da Beleza, e diz que esse ideal alimenta o seu povo.

Quando hesito atribulado pelas dúvidas sorri levemente. Talvez me julgue tacaño ao mostrar-me tímido.

Enquanto passeava pelas montanhas, mostrou-me algumas pedras e disse-me com desdém que ali estava o que procurávamos — a Morte.

22-4 — Se houvesse alguém que pudesse auxiliarme nessas conjeturas, seria certamente o prof. Morbeck.

Hoje à noite, junto às fogueiras do acampamento, deleitou-nos a todos com sua fascinante cultura.

Enquanto fumava seu cachimbo, naquela sobriedade de gentleman, contou-nos histórias sobre a atração fatídica da personalidade.

— Casos tem havido — disse lentamente — que parecem contos de bruxas e de fadas.

Citou observações de Burke, de James e minuciosamente nos narrou o caso da mulher fantasma de Pensilvânia. Este ser legendário, segundo os cientistas, surgiu três vezes pelas montanhas balcânicas e sua aparição coincidia sempre com espantosas tragédias.

— Ainda hoje — esclareceu — muitos cultos estranhos, inexplicáveis, tem lugar na Melanésia e nos planaltos longínquos do Tibet.

Fiquei a meditar no que visa com tais narrativas. Terei falado em delírio?...

Certamente que o preocupo, e procura alertar-me indiretamente.

Talvez, não acredito. Sagitana existe tão concretamente como eu...

26-4 — Para onde querará levar-me?...

Via ontem à noite e ainda me iran tinha hesitante.

Olhou-me com desdém, no seu silêncio majestoso, voltou-me as costas e se foi.

Não, não sou um covarde. Nunca me recreei o seu desprezo. Já não tenho mais dúvidas, eu...

30-4 — Há dias que a busco em ânsias por todos esses lugares que me são tão caros.

Gritei-lhe o nome muitas vezes e sangrei-me a procurá-la por essas montanhas lúgubres e impassíveis...

Sagitana... Sagitana...

4-5 — Ela me perdoará, eu sei... Não a vejo mas sinto a sua presença divina por toda parte...

As minhas lágrimas e o meu desespero realizarão o milagre da sua volta...

Amo-a tanto...

★

A expedição fôra coroada de êxito.

No apartamento do cel. Mendes, em Cossabana, reuniam-se cinco dos seus componentes, num jantar, inclusive o prof. Morbeck.

O cel. acabara de ler o Diário de Alberto Maia, casualmente encontrado nos confins da zona de exploração. Apesar das incessantes buscas que haviam dado, nenhuma pista fôra achada do intérprete.

Seu único vestígio, pois, eram aquelas notas esparsas do Diário, ora simples e acessíveis, ora vagas, difusas, entremeadas, aqui e ali, de frases incompreensíveis.

Por vezes uma beleza estranha, incomparável, parecia fluir-lhe das palavras simbólicas, abrindo sugestões a um novo Mundo, a uma nova Vida. Outras vezes, entretanto, tudo parecia áspero, inextricável, numa lacuna impreenchível a harmonia fascinante da narrativa.

Sentados à sesta, os convidados acabavam de ouvir aquela estranha leitura. A um canto, o prof. Morbeck, sólido, tranqüilo, expelia lentas bafaradas do seu inseparável cachimbo.

Fô o primeiro a quebrar aquele silêncio leve, eivado de dúvidas e divagações, que a todos envolvera. Dissera apenas:

— A coragem de arriscar tudo por um sonho... Que seria de nós se não a tivéssemos?!





Foi a primeira vez que Marina provou a célebre bebida dos pampas. Provou e... gostou! O chimarrão, preparado a preceito, saíra "roncador" como poucos...



A esquerda: A sombra do arvoredado que costeira um riacho, reuniram-se os jovens, ensinando a Marina as canções do sul. E o côro teve a valiosa colaboração de Clélia Barros.
A direita: As priminhas recordam a infância, subindo nas árvores como se fossem crianças

UMA CARIOCA NOS PAMPAS

MARINA CUNHA, MISS DISTRITO FEDERAL, VISITANDO O RIO GRANDE DO SUL, FOI HOMENAGEADA COM UM TÍPICO CHURRASCO, POR UM GRUPO DE GAÚCHOS ★ DANÇAS E MÚSICAS TRADICIONAIS, UM GOLE DE CANINHA E UM TROVADOR QUE CANTA COMO CATURRITA...

Reportagem de LUIZ CARLOS LESSA

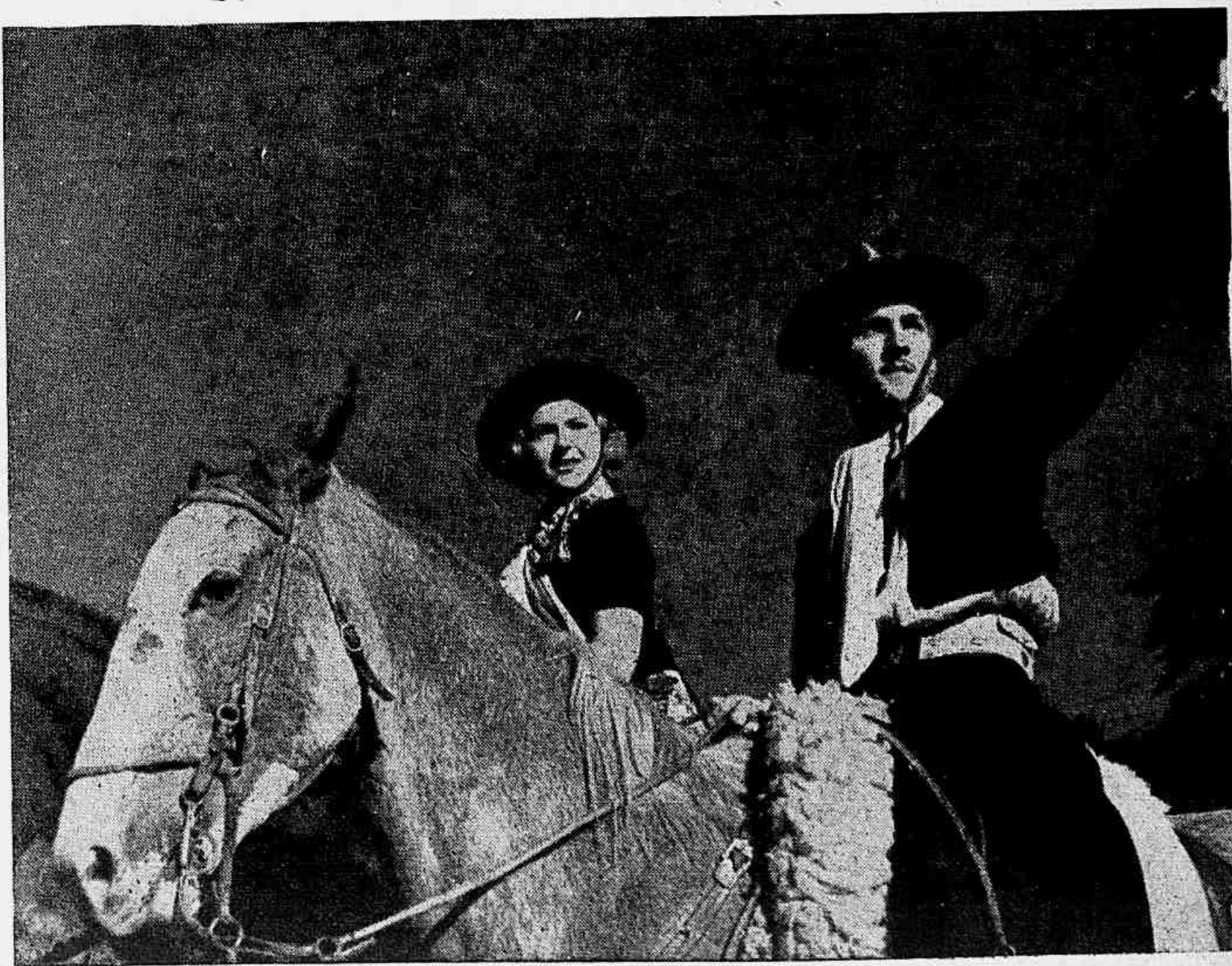
Fotografia de NESTOR NADRUZ

PARA um estudante nascido e criado numa estância do Rio Grande do Sul, nada há de mais desejado durante o ano inteiro do que o período de férias, quando, voltando à querência, poderá mais uma vez participar dos trabalhos e festas campeiras. Durante o ano ele sonha com as campeiradas do próximo verão, com as cavalgadas pela campina aberta, com as carreiras em cancha reta, com os rodeios repletos de façanhas e aventuras; indaga a si mesmo se o seu cavalo picaço continua bom como sempre, solto de pata, e uma pintura, de tão lindo. Visões do pampa... A gaúchinha rissonha, esmagando nos lábios o suco vermelho das pitangas... Planuras sem fim... Recordações do pago, saudades da querência...

Foi para acalmar um pouco desta saudade do rincão natal, que, em março de 1948, um grupo de estudantes de Porto Alegre — em sua maioria filhos de fazendeiros — fundou o "35", Centro de Tradições Gaúchas. Ao redor de um típico fogo de galpão e vestidos com os trajes de campo, semanalmente eles se reuniam, saboreando o chimarrão, relatando proezas gaúchas e deliciando-se com o saltitar das cordeonas no ritmo do "Boi-Barroso". E, assim, matando seu tédio de transplantados, os rapazes do "35" conseguiram trazer a progressista Porto Alegre um retrato da vida pitoresca dos galpões gaúchos.

Mas eles não se contentaram em dar mostra apenas dos usos tradicionais do pampa. Procuraram, mais do que isso, preservar da avalanche de modernismos as virtudes tradicionais dos "monarcas das coxilhas". E acontece que a virtude mais decantada do campeiro rio-grandense é a hospitalidade. Logo, era mister deixar bem claro que ela ainda ocupava o seu lugar de honra

Passeando pelos arredores de Porto Alegre, Marina foi acompanhada por um gaúcho da fronteira uruguaia. Ao longe, alteavam-se os arranha-céus da capital gaúcha. Mas a carloquinha julgava estar em pleno pampa





Ao lhe apresentarem o espêto com a carne, a carloquinha não resistiu. E, deixando de lado a imponência necessária a uma Rainha, abriu a boca. Oh, churrasco gostoso!

na formação do caráter gaúcho. Assim sendo, muitas festas foram levadas a efeito, recepcionando os mais diversos viajantes que chegavam ao Rio Grande. Estas recepções consistiam em, num ambiente de amizade e alegria, mostrar aos visitantes os aspectos mais curiosos do folclore sulino. Das muitas festas organizadas, merece uma citação especial a Exposição de Objetos Crioulos, seguida de um succulento churrasco e de magnífica apresentação musical, com que os gaúchos brindaram os brasileiros de outros Estados, que vieram ter a Porto Alegre por ocasião do 5.º Congresso Eucarístico Nacional.

E, agora, quando a capital sul-riograndense se viu conquistada pela graça e beleza de Marina Cunha, Miss Distrito Federal, os moços do "35" puseram-se mais uma vez a campo. Seria a ocasião propícia para enviarem um especial abraço de fraternidade aos irmãos da "Cidade Maravilhosa", por intermédio de sua encantadora Rainha. Seria, ao mesmo tempo, o momento ideal para ensinarem à mais bela carioca como vivem e o que são os gaúchos. E, talvez mais do que tudo, seria a maneira mais honesta de, durante algumas horas, poderem benhar a sua mocidade na luz encantada do sorriso de Marina...

CHIMARRÃO

Uma das quadrinhas mais populares do sul diz assim:

Tenho um cavalo zaino,
Vermelho, côr de pinhão;
Fui à casa da morena,
Nem me deu um chimarrão!

Esta quadrinha, que vem de não-sei-onde, recitada de geração em geração, conta-nos o lugar predominante que o chimarrão ocupa na hospitalidade gaúcha. De fato, ao chegarmos a um rancho, na campanha rio-grandense, por mais humilde que ele seja, logo após o — "Oh, de casa!", "Apeie-se!" — já estão gritando para que o negrinho ou a comadre traga a cuia do "amargo".

E há um fato interessante. O dono da casa é quem primeiro se serve, para depois obsequiar à visita. A origem deste hábito data do século XVI, quando os espanhóis entraram em contacto com os índios do Guairá, e deles aprenderam o uso da hoje famosa "erva-mate". Os guaranis chamavam-na "caá" e atribuíam favores de Tupã às suas qualidades alimentícias e estimulantes. A "erva sagrada" dos índios logo passou a fazer parte da vida diária dos guerreiros brancos, os quais nela notaram, de fato, qualidades excepcionais. Mas os frades, que sempre acompanhavam as forças espanholas do Novo Mundo, não puderam permitir que se intrometesse na vida dos cristãos aquele costume que dizia respeito ao culto de um falso Deus. Não nos devemos esquecer que era a época áurea da Santa Inquisição. E a erva-mate foi proibida, como atentatória aos sagrados princípios da Igreja. Entretanto, apesar da proibição religiosa, a "caá" continuava conquistando mais admiradores. Foi necessário, então, recorrer a outro expediente: a erva continha substâncias venenosas, que, paulatinamente, iam minando o organismo humano! Os

A esquerda: No churrasco, a parte preferida pelo gaúcho é geralmente a carne de costela. E há um ditado conhecidíssimo no sul que aconselha: "Costela? Unha com ela!"
A direita: A festa nativa agitou o sangue da gaúchinha Cléia Barros. E um de seus ancestrais, talvez chefe de revolução, resolveu manifestar-se belicosamente. Foi o quanto deu tempo para Marina se defender do golpe! Que brizadeira!





A esquerda: A porto-alegrense Cléia Barros, depois de ter encantado o povo europeu com sua voz magnífica, voltou à terra natal. E, ao som de uma "apianada", recordou os cânticos populares de seu povo. À direita: A Miss não queria provar a água-que-passarinho-não-bebe. Mas o gauchito subiu a uma pedra e, insistindo mais uma vez levou o copo de chifre aos lábios da Rainha

Índios, desta maneira, venceriam ao conquistador! Havia veneno no mate! Cuidado! Não bebam a erva maldita!

Mas, ainda desta vez, o mate triunfou: para provar que não havia veneno algum na infusão, quem a oferecia sempre era o primeiro a sorvê-la. Isto foi tornando habitual, e hoje — quando o chimarrão é uma característica da vida do gaúcho — ainda encontramos o dono da casa a servir a primeira cuia, para depois alcançá-la ao visitante.

Assim é que, quando Marina — acompanhada por sua mãe D. Margarida e pela cantora Cléia Barros, sua prima e "companheira n. 1" — chegou ao local do churrasco, nos arredores de Porto Alegre, um gaúcho já a esperava com a erva colocada na cuia, a bomba de prata ao lado, e a água chiando no fogo. Apresentações aqui, palmas ali, sorrisos e curvares... e o mate ia sendo preparado. O gaúcho provou o, enfim, e sorriu significativamente: saíra roncador como poucos! Explicando melhor: a parte inferior da bomba, a que penetra na erva, é toda cheia de furinhos, pelos quais passa a água. Se o mate é mal preparado, os pedacinhos de erva entopem os orifícios, e o cidadão, de tanto chupar é mesmo capaz de virar do lado do avesso, sem, no entanto, conseguir servir uma gota sequer de chimarrão. Pelo contrário, se o mate foi bem "cevado", a infusão corre livremente por entre as ervinhas, e aos últimos sorvos, quando a água já está no fim, ouve-se um "rom-rom" característico. Quanto mais "roncador" o mate — tanto melhor!

Dai a alguns instantes, Marina tinha a cuia entre as mãos. Era a primeira vez que provava um chimarrão.

— Mate doce, com açúcar, já tomei — explicou. — Mas assim, amargo, acho que vai ser ruim, ruim, ruim!

— Não se apure, dona! Espere!... Não dê o tirão antes da terneira estar pialada... — exclamaram. — Não há coisa melhor no mundo do que a doçura amarga de um chimarrão.

Marina, com mil cuidados, encostou os lábios à bomba de prata. Um sorvo longo.

— Ih, está quente!

— Não, não se assuste, que Deus é grande! Mais devagar. E' que os lábios estão ressequidos. Prove de novo!

Outra vez. Uma carinha desconfiada. Intensa expectativa. Novo gole. Mais outro. Estalam os lábios. Um sorriso:

— E é bom, mesmo!

Uma salva de palmas. Um suspiro de alívio dos gaúchos.

— Ora, se não ia gostar!...

— Melhor que um mate bem cevado, nem mesmo doce de côco comprado em bolicho grande!

As "tiradas" continuavam, alegres. Aquele chimarrão parecia condição essencial para que todos se considerassem irmãos. Rompeu uma cordeona no compasso alegre de um "chotes". Violões seguiram no acompanhamento. Um trovador tarareou, experimentando a voz. Cléia Barros sorria, contente, o mate amargo.

(Continua na pág. 51)



Os associados do "35" — em sua maioria estudantes criados nas estâncias gaúchas — apresentaram-se trazendo as vestes que costumam usar nos serviços de campo

OS PROBLEMAS DA Mulher

M. MERCEDES SANTOS

Quem na vida não tem um problema? Faça desta seção a sua seção... Exponha o seu problema seja ele qual for e espere o conselho amigo, que talvez, represente a solução que sozinha, você não podia encontrar.

Cartas para: M. Mercedes Santos. — Redação da Revista da Semana. — Rua Maranguape, 15 — 1.º andar. — Rio.

Aconteceu na Avenida Rio Branco. Eram aproximadamente umas quatro horas da tarde, hora em que o movimento na principal artéria da Capital da República atinge ao auge. Veículos em loucas disparadas cruzavam a longa avenida, como se estivessem numa pista de corridas. Os mais imprudentes blefavam o azar, faziam "zigue-zagues" entre os carros e conseguiam alcançar o lado oposto. Eu, no entanto, permaneci na calçada, muito embora tenha tido também uma vontadezinha de atravessar. Dominei-me, porém, e esperei que o sinal fechasse. Num dado momento, ouvi um choro de criança, misturado ao som agudo das buzinas de ônibus e automóveis. Procurava atinar com o local de onde partira, quando percebi um pequenino ser — um minúsculo farrapo humano, seria melhor classificar — projetar-se numa louca carreira para o centro da avenida, murmurando entre lágrimas: — Eu quero a minha mãe!

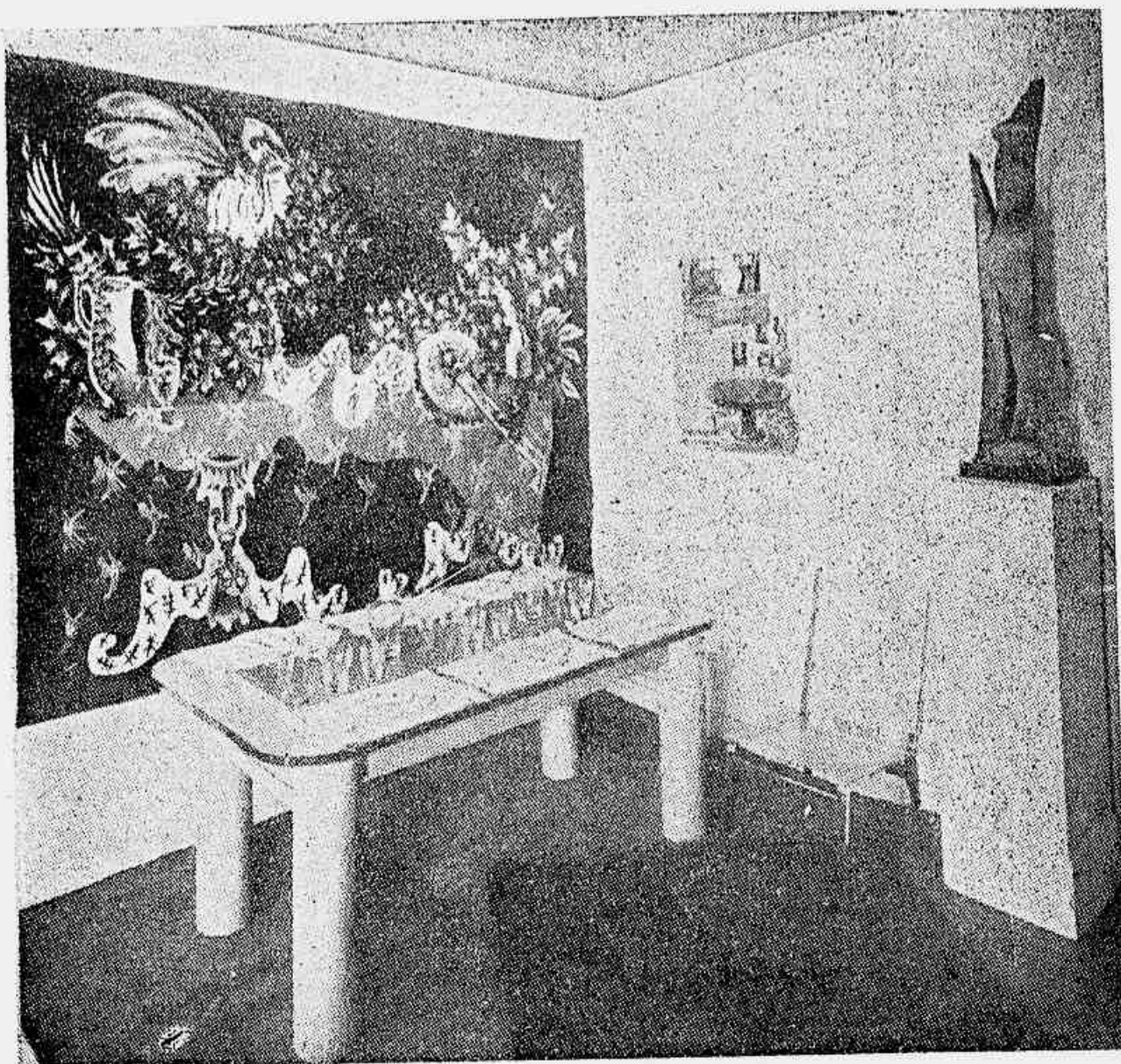
Fiquei aturdida diante da frase inesperada daquela criança, por ter sido pronunciada numa entonação de tanto desespero. Ao observar, porém, os andrajos que cobriam aquele inocente corpo que, tão cedo, já experimentava as cruéis chicotadas de uma vida que talvez não fosse justo ser-lhe reservada, senti, mais uma vez, o panorama constrangedor em que vive o menor abandonado, neste país. Pois, se assim não o fosse, os homens de governo, provavelmente, já teriam resolvido, se não totalmente, pelo menos parcialmente, este problema gravíssimo que reclama imediatas providências. O resultado desse lamentável desinteresse pelo menor abandonado brasileiro é, sem dúvida, a delinquência infantil que cresce assustadoramente dia a dia, sem que nada se faça para deter essa avalanche de tão funestas consequências para o futuro de uma nação evidentemente promissora.

Entretanto, deixemos de lado as considerações, visto elas representarem tão pouco para aqueles que muito poderiam fazer, se quisessem, neste setor — o do menor abandonado. Aquela criança, inconsciente do perigo que corria e cercada de olhares indiferentes, permaneceu longo tempo no meio da avenida e somente por um milagre escapou de ser mutilada pelas pesadas rodas dos veículos em movimento. Logo que foi possível, aproximei-me dela. Era um menino aparentando um pouco mais de 8 anos, lourinho, olhos de um azul muito claro, fisionomia de traços finos e agradáveis; finalmente, uma criança que se podia classificar bonita. No entanto, apesar de sujo e maltratado, a feroz inimiga dos menos favorecidos pela sorte — a miséria — ainda não havia conseguido afetar com os seus sinais impiedosos, aquela carinha de uma beleza quase divina. Mal senti o contacto de minha mão no seu pequenino ombro, recuou. Não cheguei a conclusão do que ele poderia ter pensado da intimidade do meu gesto, só sei que me olhou com um olhar cheio de espanto e indignação. Percebendo, porém, que eu pretendia dizer-lhe alguma coisa, virou-se bruscamente e, com a agilidade de uma lebrezinha selvagem, penetrou na estreita porta de uma casa em construção que ficava perto. Fui acometida de um louco desejo de conhecer o que havia através daquela porta e, mais uma vez fui castigada por não saber reprimir a alta dose de curiosidade que possuo. A cena que observei era algo de chocante, tremendamente desumana. Aquela criança, e mais quatro estavam sentadas no chão úmido e infecto daquela estreita abertura, que depois percebi ser nada mais nada menos do que um depósito de lixo. Barbaridade, meu Deus! Senti uma profunda aflição dentro de mim. Todavia, ao perceber que uma daquelas infelizes criaturinhas, remexendo ávidamente uma lata de lixo, encontrou um pedaço de pão e que, com um sorriso de felicidade mostrou aos outros, levando-o em seguida à boca, uma revolta sem limites anuviou os meus sentimentos de cristã e cheguei mesmo naquele momento a duvidar que existisse um DEUS Onipotente, que rege o destino das criaturas aqui na terra. E, instintivamente, ocorreu-me a frase de Epicuro que, durante longo tempo, relutei em considerá-la justa: "Não somos filhos de um Deus benevolente e sim enteados de uma natureza indiferente"...

Pretendia retirar-me quando ouvi, atrás de mim, uma voz estridente de mulher: — Vocês estão quietinhos?

Virei-me rápido e vi-me frente a frente com uma criatura de pele encardida, boca sem dentes, vestido de fazenda ordinária, desenhando rigorosamente as formas daquele corpo desnutrido e, diante de tanta miséria, tive até vontade de chorar. No entanto, ao observar o cabelo ruivo e mal cuidado daquela vendedora de bilhetes, descobri uma pequena rosa vermelha, muito viçosa, como se quisesse mostrar que nem tudo naquela mulher estava perdido. Parece-me que ela advinhou os meus pensamentos, pois, num sorriso muito largo e mostrando as gengivas vermelhas, disse-me: — A senhora está olhando a minha rosa, não é? Pois, se a senhora não sabia, fique sabendo: "A mulher que não se enfeita por si se enjeita". Por falar nisso, deixa eu ir tratar da vida.

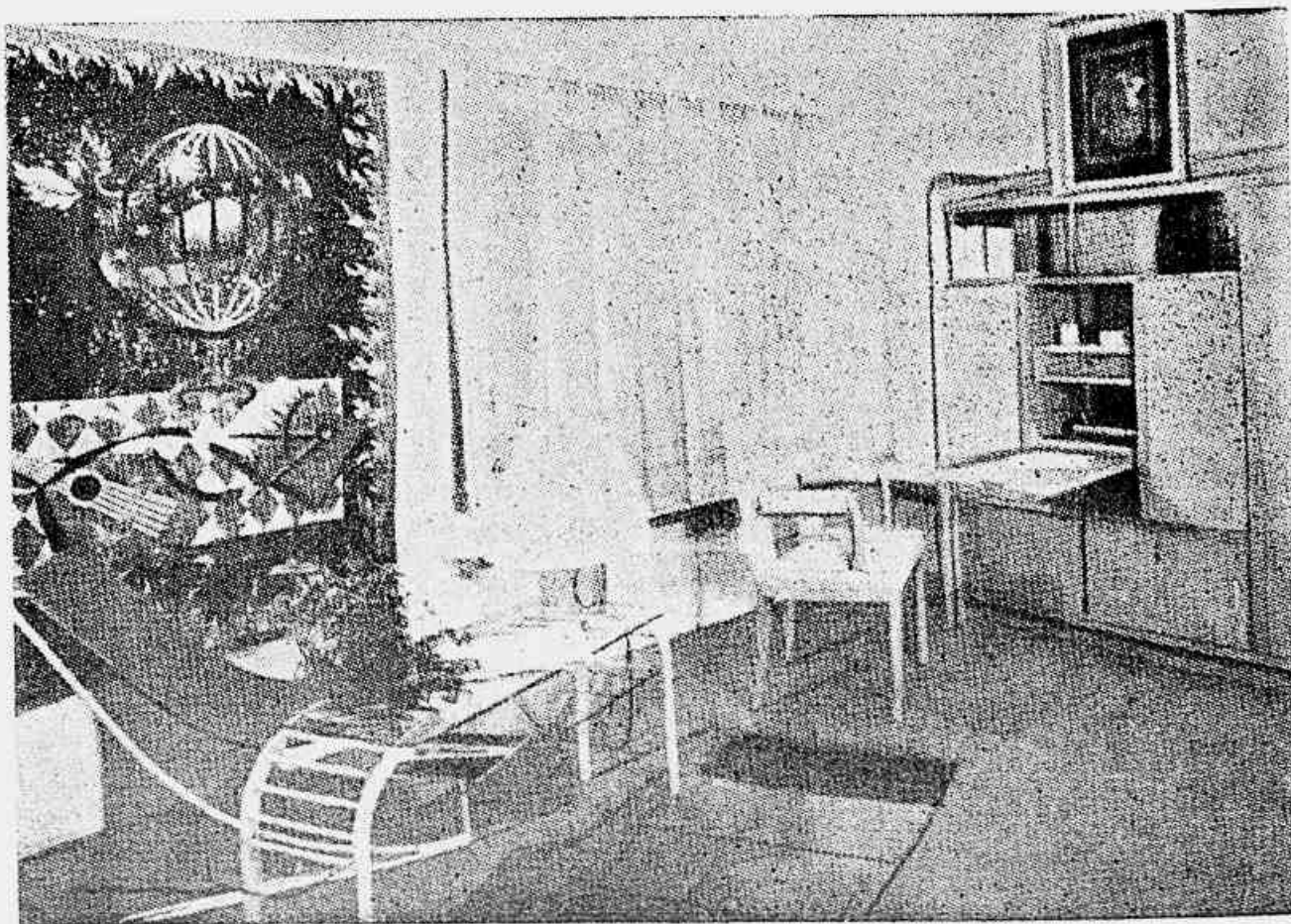
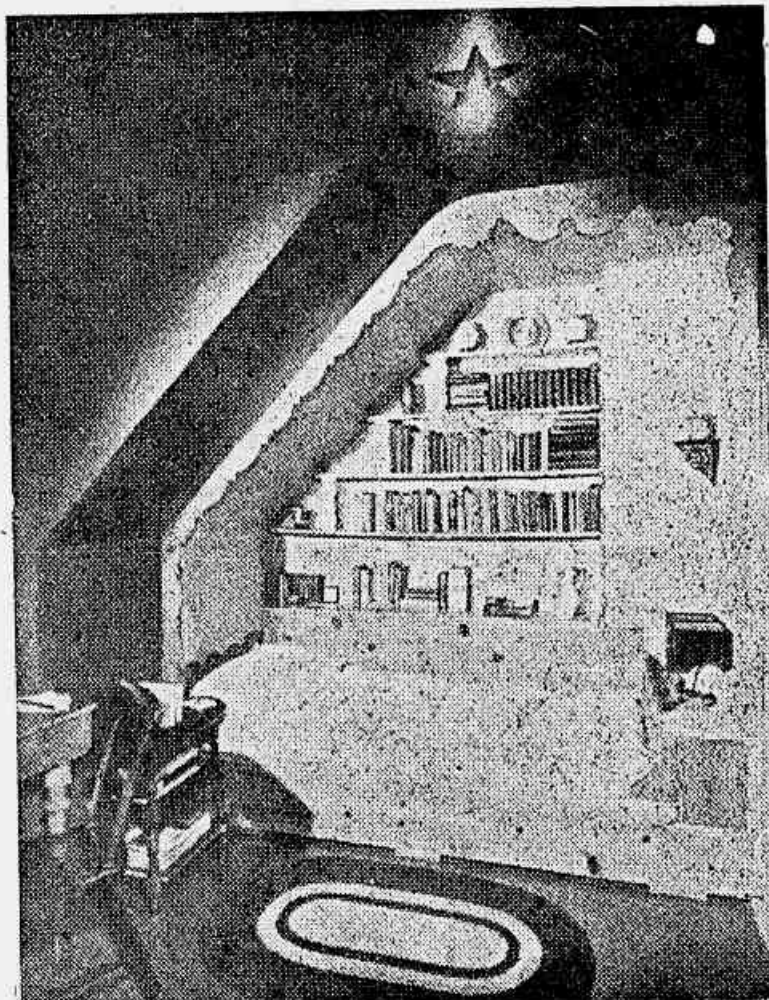
Deu-me as costas e se foi embora. Fiquei horrorizada com a dureza de sentimentos daquela criatura e penso que triste, bem triste, será o destino daquelas criancinhas se uma mão caridosa não as erguer do lodo em que começam a submergir...



INTERIORES

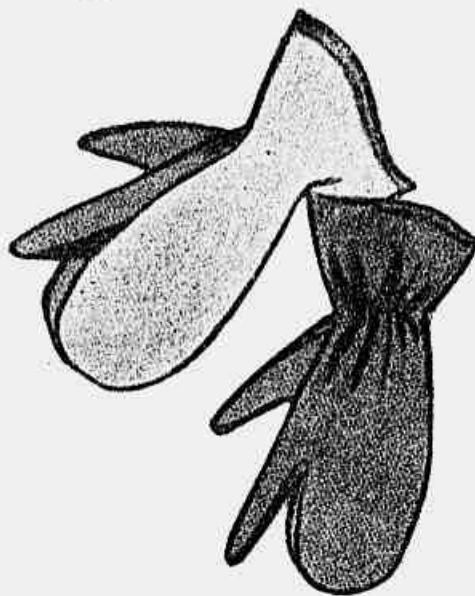
O modernismo invadiu os lares, transformando estilos, numa audácia que nem sempre encontra eco. Há, no entanto, nos dias de hoje, muita gente interessada nestes ambientes à "Dali", razão porque apresentamos este "living" e escritório

ao mesmo tempo, e ainda a sala de jantar com sua mesa de pés cilíndricos e imensos, lembrando um quadro de Portinari. A parte superior da mesa forma um vivo contraste com os seus pés. Ao fundo um "panneau" e na outra parede uma tela sem moldura. Sobre uma coluna lisa, uma figura de madeira, na foto, ao centro, sugestivo e moderno quarto para menino, cama embutida, armários dos lados, o que faz com que o espaço torne-se maior.





37



Para o inverno, já tão próximo essas luvas são excelentes

A esquerda: Colar originalíssimo formado por discos dourados com pérolas dentro, ligados por uma cadeia



A direita: Virginia Mayo, da "KO", usa gracioso "bonet" de jóquei, em veludo preto

Para o seu "week-end", calça de listras e "sweater" em tom unido, traje prático e económico



Luvas e bolsa em veludo salpicadas de pedras, darão grande originalidade à sua "toilette" de noite



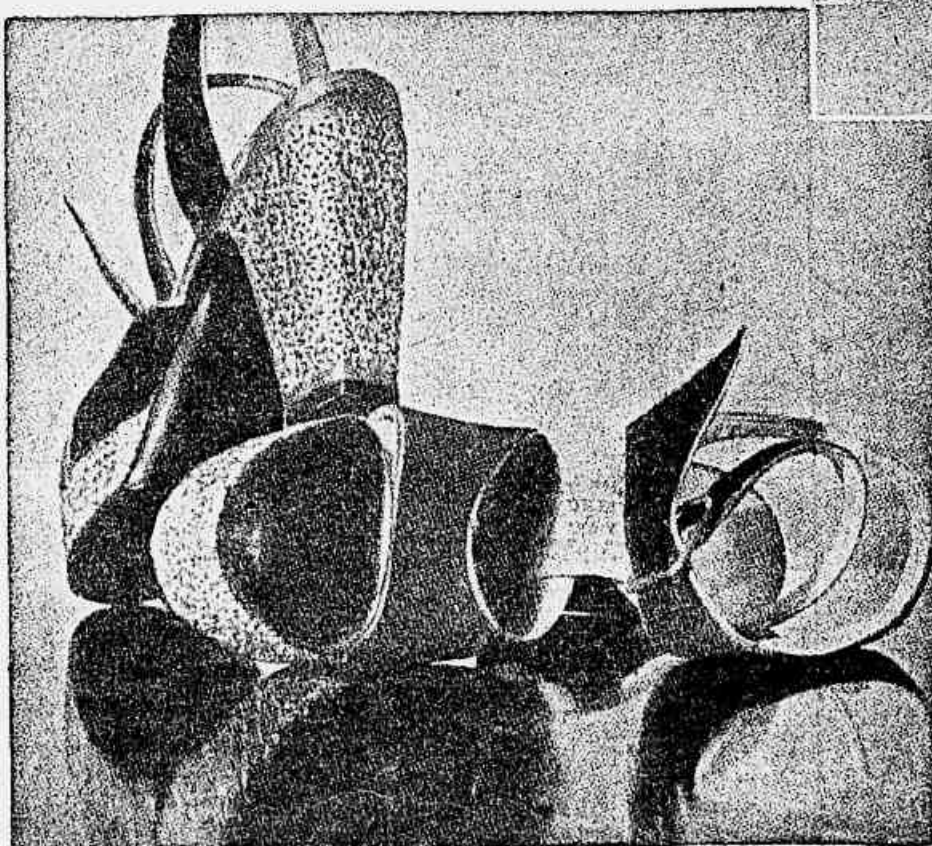
Num vestido preto Robert Piguet dá uma nota diferente, com um laço em cetim ciclame

DETALHES E NOVIDADES

Sandália para a noite com sola e saltos guarnecidos de pedras; elegante combinação de veludo e ouro



Um lenço de seda forma a copa original deste chapéu em feltro





As frutas constituem sempre uma bonita guarnição para qualquer mesa

OMELETE DE BATATA E QUEIJO

Bata 10 claras, junte as gemas e deite numa frigideira com banha e manteiga. Antes de enrolar, deite no centro 1½ xícaras de tirinhas de batatas fritas e 1/2 xícara de queijo, de Minas, picadinho. Tire fora do fogo, depois volte de novo ao fogo e vire dentro de um prato. Passe manteiga por cima e sirva quente. E' melhor usar 2 frigideiras.

COUVE OU REPOLHO A MINEIRA

Lave e tire os talos de um bom mólho de couve-manteiga, ou de 1 repolho, coloque as folhas umas dentro das outras, enrole bem apertado e com uma faca bem afiada corte o mais fininho possível. Deite numa peneira e regue com água a ferver. Leve toucinho derretido ao fogo numa frigideira e quando estiver bem quente, jogue a couve dentro, passe depressa, polvilhe de sal e sirva.



Com uma só massa é possível fazer-se uma grande variedade de docinhos, mudando-lhes o formato e os enfeites

FLAMERI DE LARANJA

Exprima 12 laranjas e, para cada xícara obtida junte 1 colher de maizena. Adoce à vontade e leve ao fogo sempre mexendo até aparecer o fundo da panela. Despeje em forma molhada e guarde na geladeira. Sirva com qualquer compota.

PUDIM DE AIPIM COM CÔCO

Rale 500 gr. de aipim, esprema num pano para retirar toda a água; junte 500 gr. de açúcar, 1 xícara de leite, 1 colher de manteiga, 1 pitada de sal, 1 côco ralado e 5 gemas. Misture tudo, despeje em fôrma untada e leve a assar no forno.



CULINÁRIA

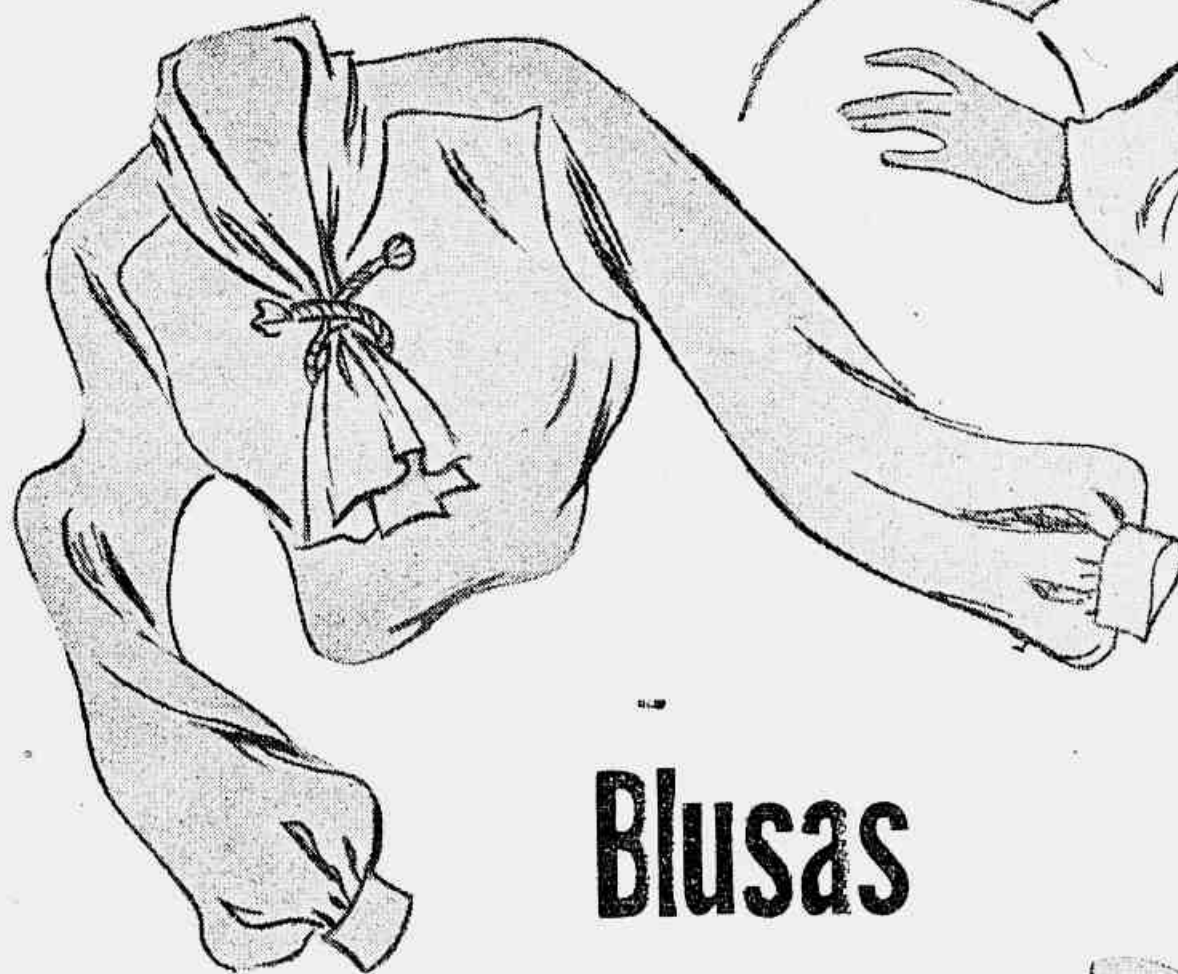
Colocar os ingredientes numa caçarola, juntar água e sal e deixar que cozinhem por si, não é cozinhar.



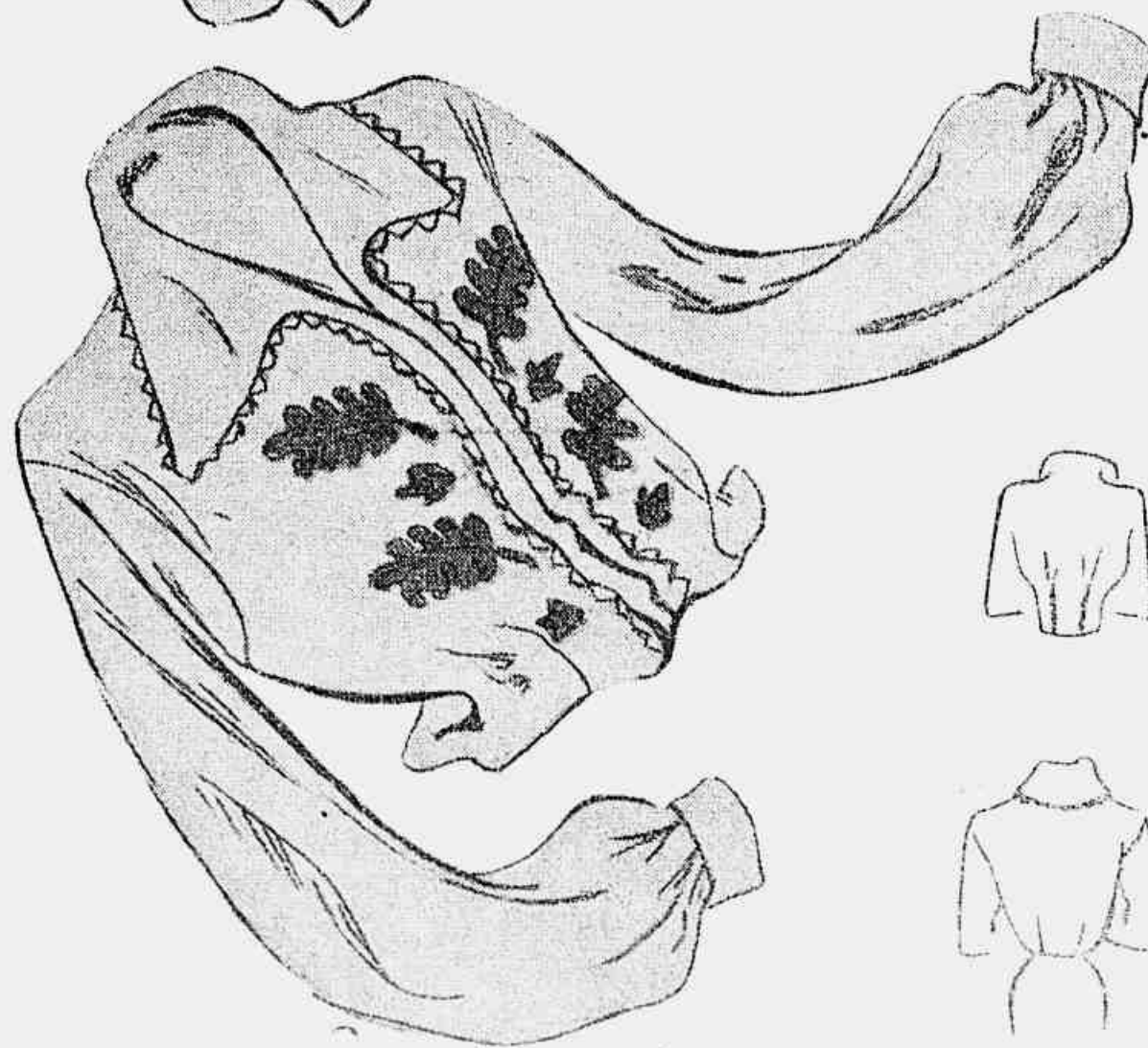
Para cozinhar bem é mistér que se perca algum tempo na cozinha, temperando bem os alimentos, fiscalizando a sua cocção, etc.

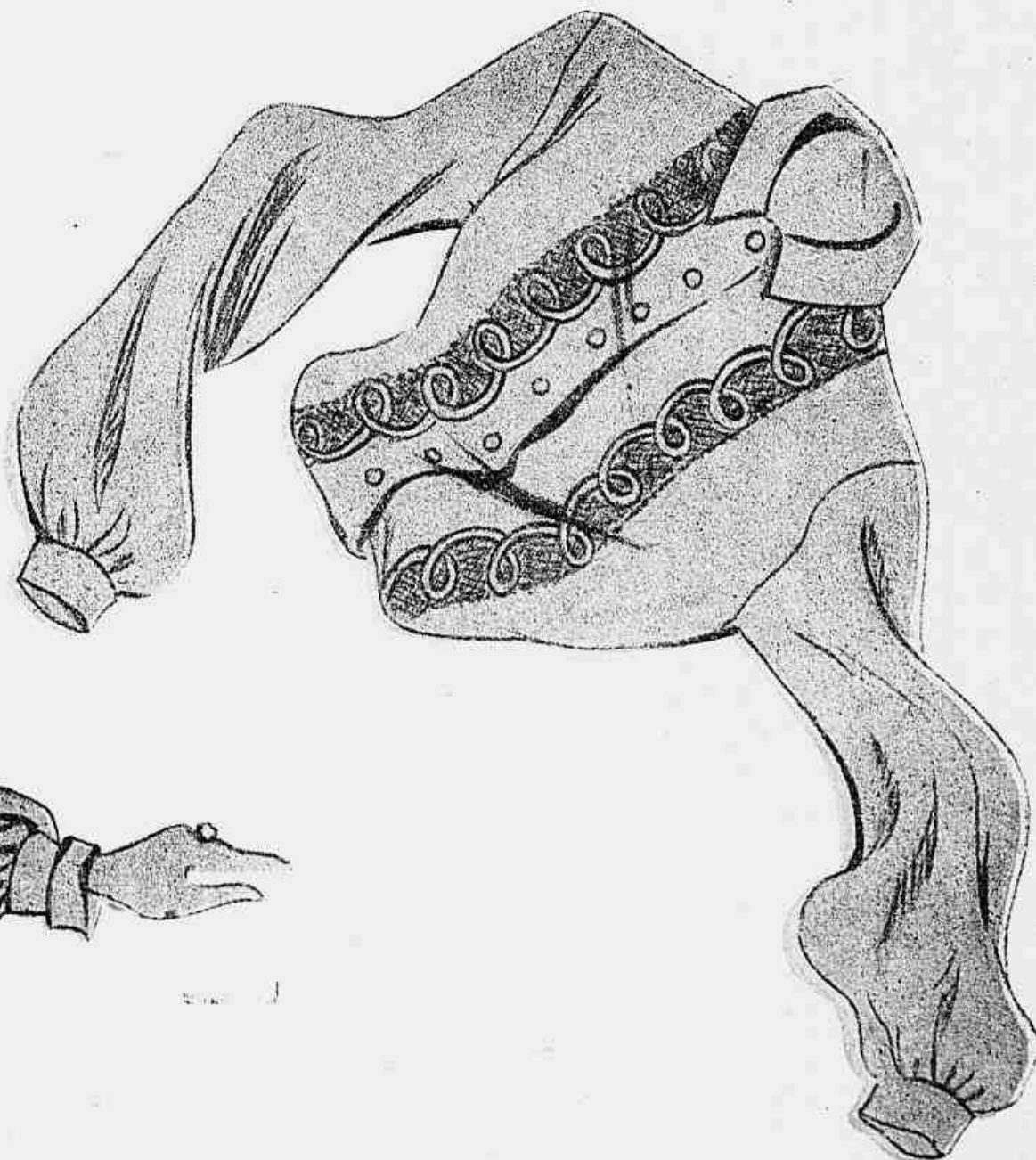
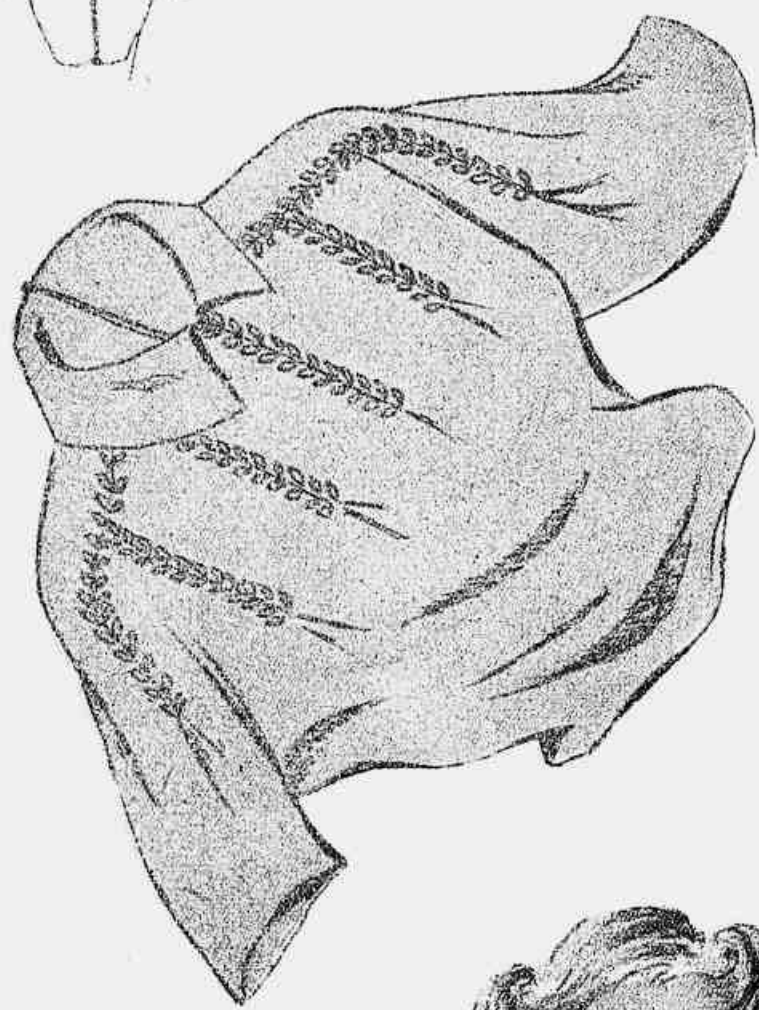
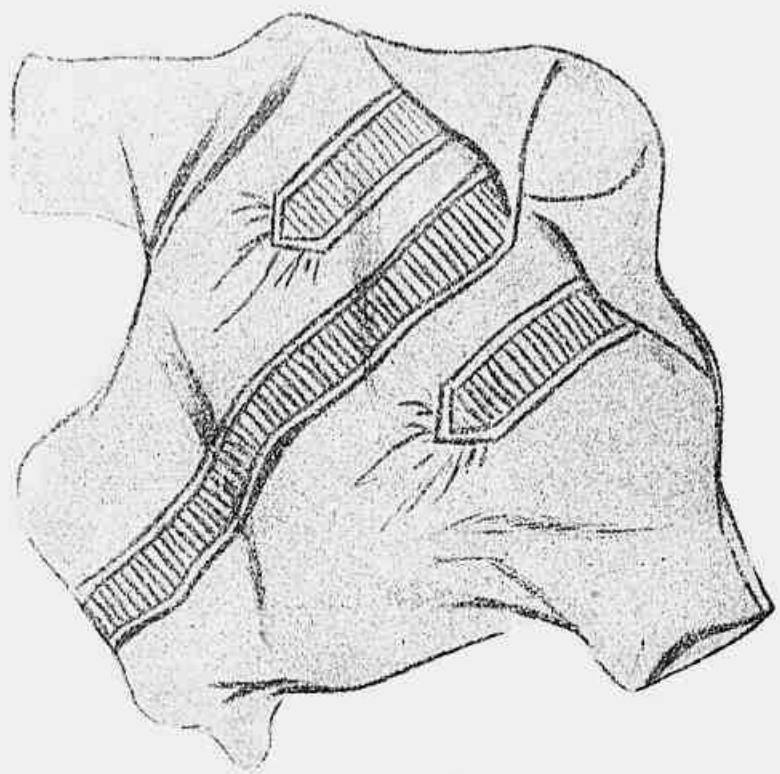


PARA êstes dias de relativo frio, as blusas de mangas compridas são sempre bem-vindas. Estas são de muita elegância e originalidade.



Blusas



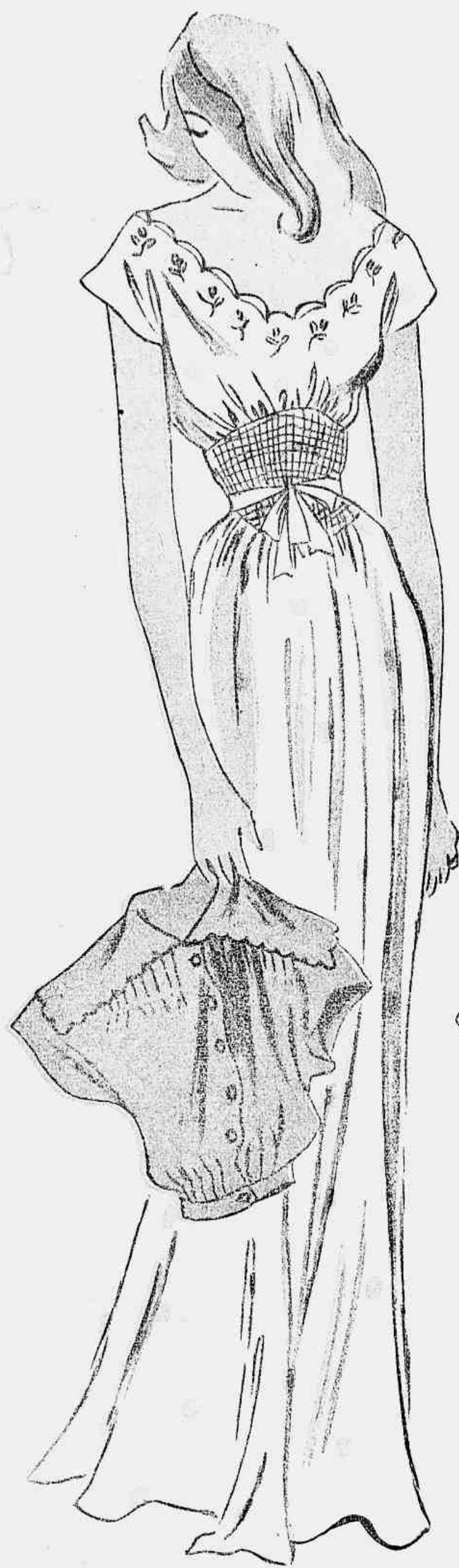
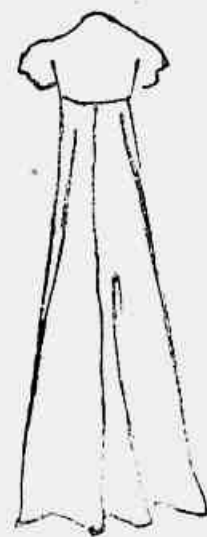
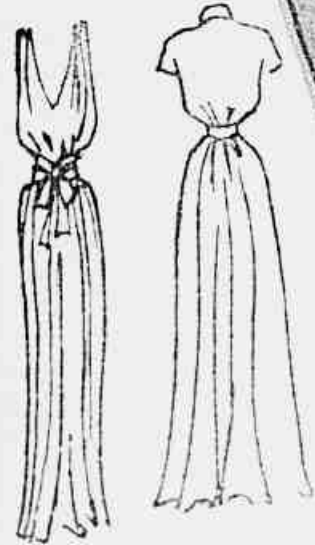
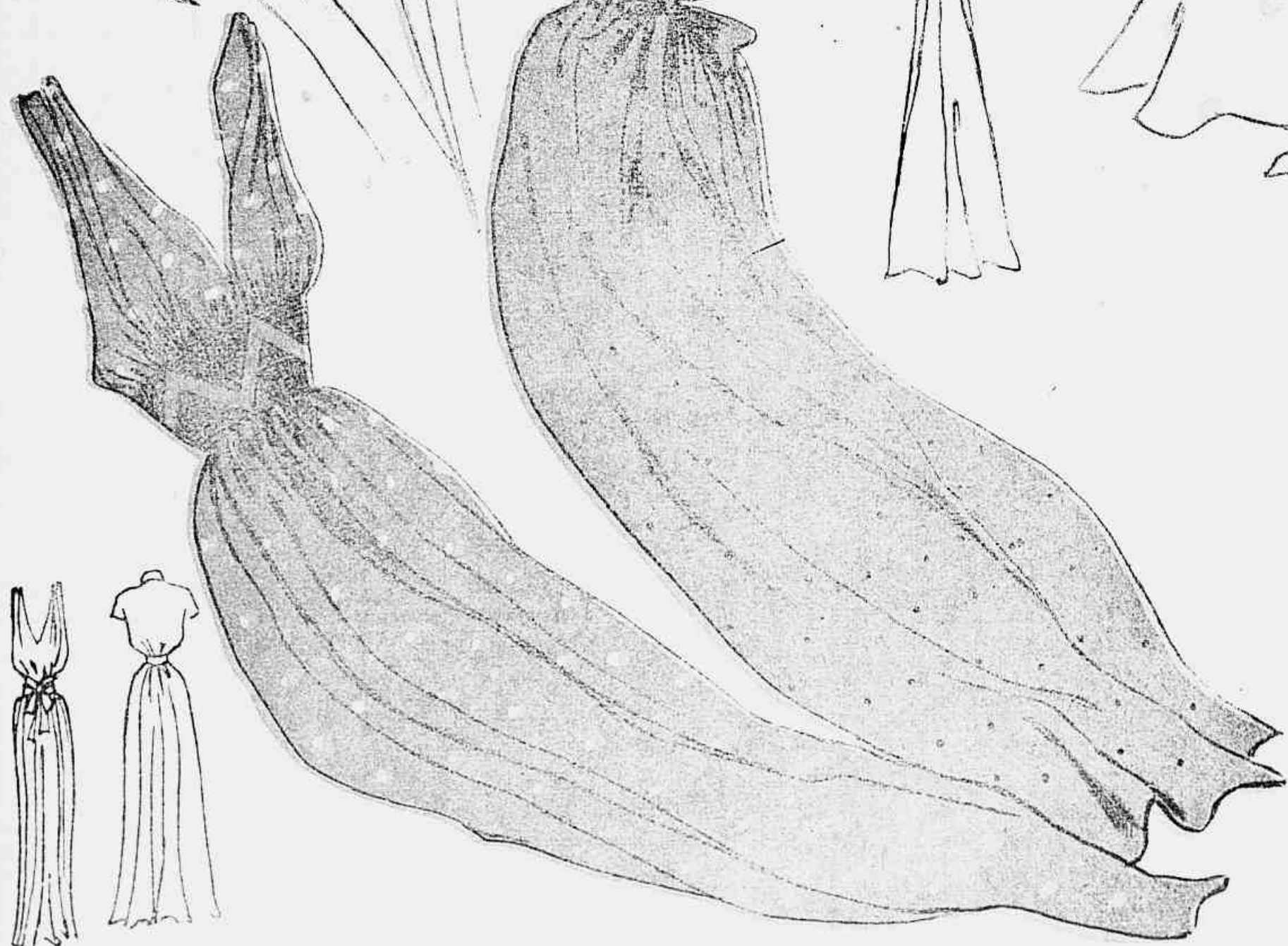


BLUSAS

QUEM possui algumas blusas e duas ou três saias pode estar sempre bem vestida e sempre variando de "toilette". A blusa é uma peça mais do que indispensável em qualquer guarda-roupa, e principalmente quando se trata de blusas elegantes como as que aqui apresentamos.

Camisolas

Elegantes e sugestivos modelos de camisolas estão aqui apresentados nesta página; à direita, blusa de guipure, modelo em mousseline finamente bordado; à esquerda, em cetim com bordado; em baixo, modelo em tule verde claro, com gase e vize na cintura, e modelo em tule rosa com nervuras e laços.



S

E você faz
ques-
tao de um
m o d ê l o t i p i -
camente parisi-
ense, ele aí está
na criação "Império", de
Jeanne Lanvin, no modelo
de Bruyère, todo fechado,
com mangas "presunto",
no de Jeanne Lafaurie em
cetim com flôres aplica-
das ou de Marcel Rochas
com drapeado sobre os
quadris e bordado no
longo e ajustado blusão.



PARA AS

moiras

NA TERRA DE TIO SAM



Jeca — Welcome?! Também não é assim, seu Tio Sam! Comê, a gente come!



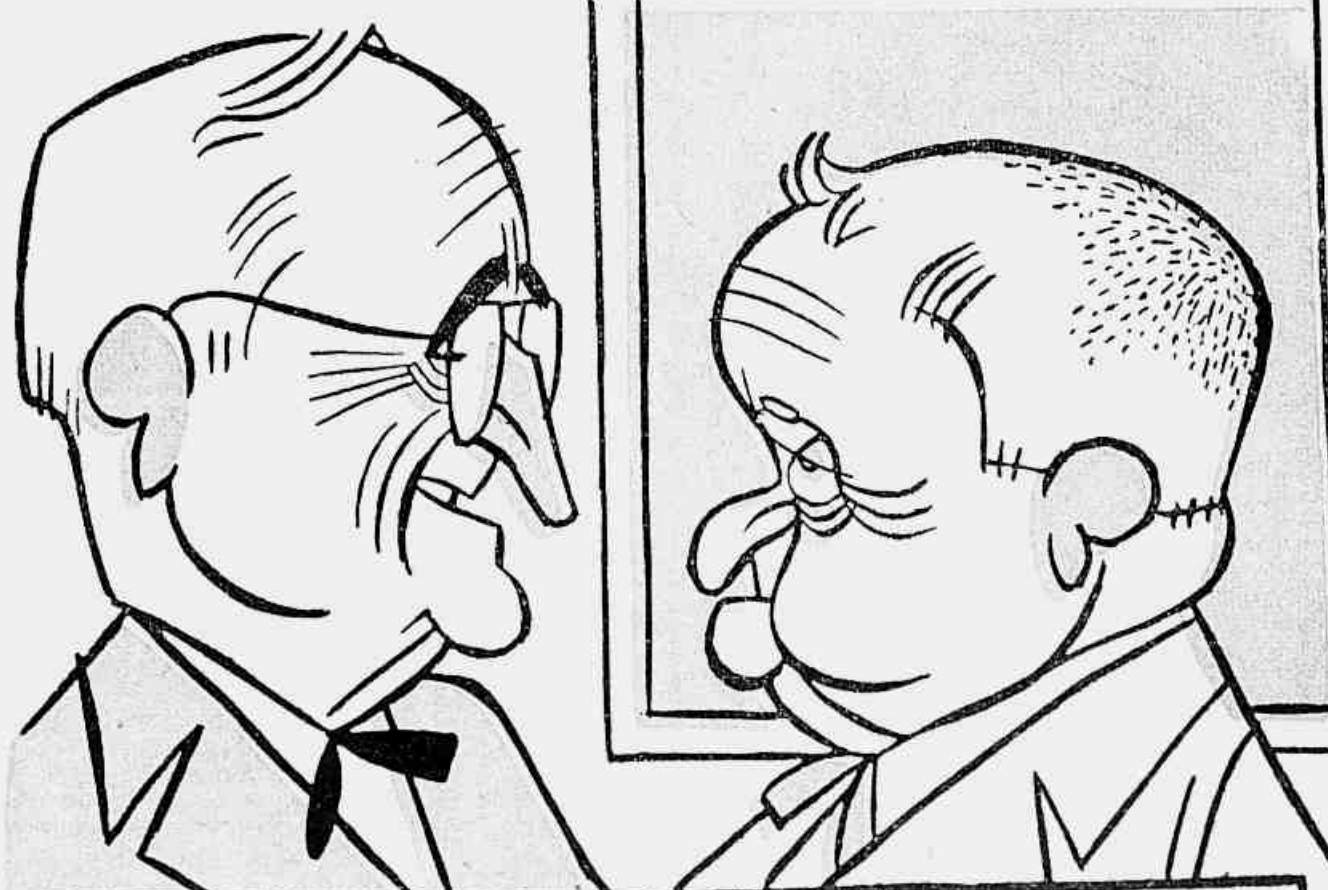
Raul Fernandes — V. Excia. não quer visitar as refinarias?
Dutra — Não. Essa história já me tem dado muita dor de cabeça...



— Será que ele arranja alguma coisa?
— Arranja, sim. Mais difícil era o acôrdo interpartidário, e éle o arranjou.



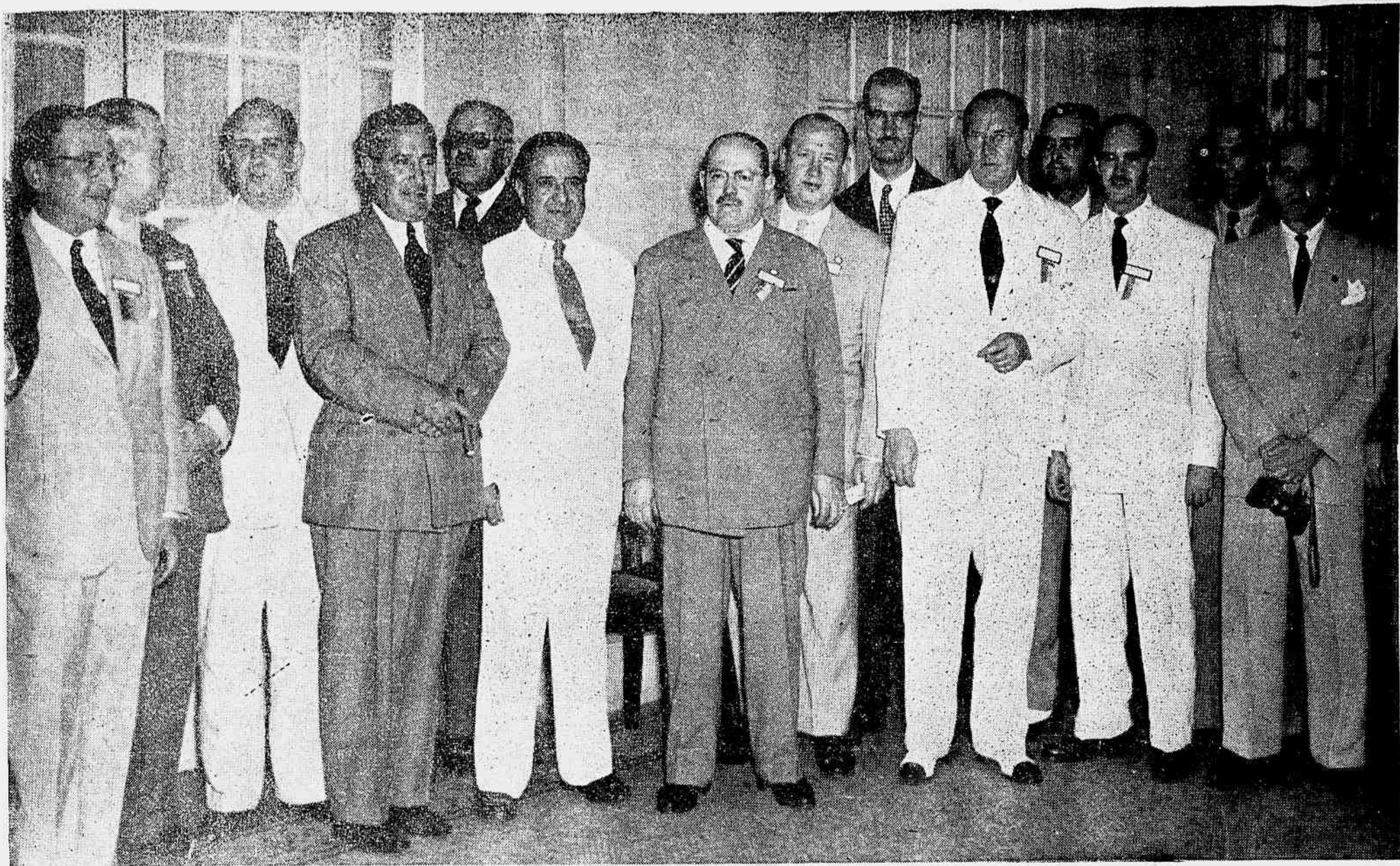
— Não creio que o general Dutra tenha ido buscar divisas! Ele tem tantos bordados e galões!...



A DITADURA

Truman — A nossa bomba atômica destruiu uma cidade em frações de segundo.

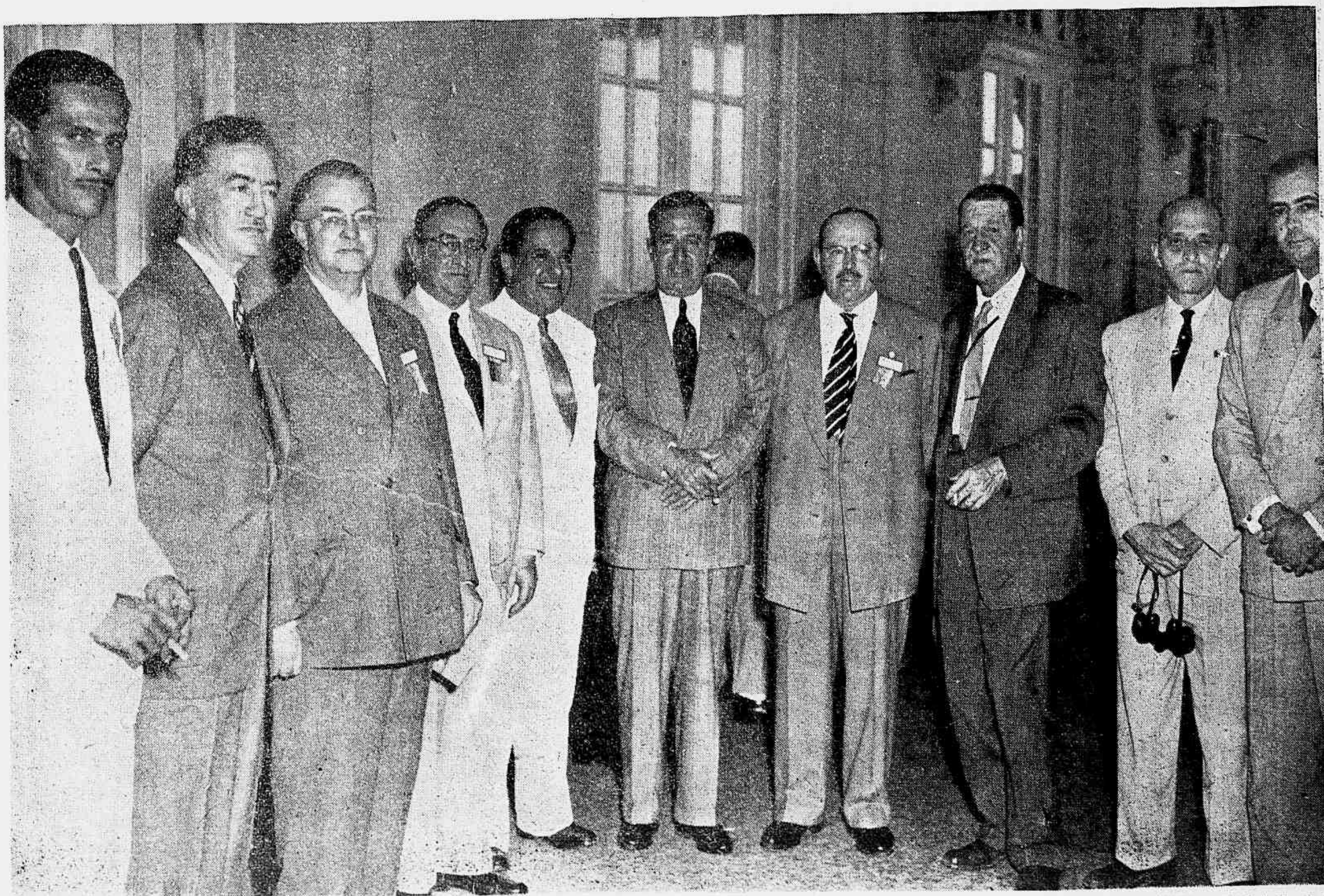
Dutra — A nossa é de ação retardada. De 1937 a 1945 quase destrói o Brasil.



O JOCKEY CLUB AO 3.º CONGRESSO INTER-AMERICANO DE HOTEIS

Ao ensejo da realização do 3.º Congresso Inter-americano de Hoteis, nesta Capital, o Jockey Club Brasileiro prestou delicada homenagem aos seus participantes, dedicando-lhes um dos páreos da corrida de 24 de abril último, e oferecendo-lhes um "cock-tail" no Hipodromo da Gávea. A nossa entidade turfista continúa, destarte, a prestar a sua preciosa colaboração a todos os acontecimentos de relêvo que têm por palco a nossa

metrópole, sendo este um dos mais interessantes aspectos das atividades sociais da veterana sociedade turfista. Nos clichés desta página vemos diversos membros do 3.º Congresso Inter-americano de Hoteis, em companhia do sr. Rubens Antunes Maciel, vice-presidente do Jockey, em fotografias tiradas no Hipodromo, na tarde festiva de 24 de abril.





Desperte seus atrativos femininos usando em seu maquilage social o super-creme "O SEGREDO DA SULTANA", dando à tez um precioso e sedutor aspecto, dissimulando os defeitos e beneficiando a pele.

Líquido, sólido e em bastões para barba



Há ainda para higiene, saúde e beleza da mulher:

Água de Colônia 107

Sabonete 107

Sabão Russo, líquido, vidro de 270 grs.

vidro de 630 grs.

vidro de 1.000 grs.

A VENDA EM TODA PARTE

Indispensáveis em todos os lares

Laboratório do SABÃO RUSSO

FUNDADO EM 1830

MANOEL LUIZ GARCIA

Rua D. Maria, 107 — RIO DE JANEIRO

Aguardem

Em Junho próximo

O Album de "A CENA"

Um rico brinde de «A Cena Muda» aos seus leitores; um presente especial para as férias de junho, com 100 páginas.

Retratos dos grandes artistas da tela, do rádio, do teatro, da música em páginas inteiras, muitas delas coloridas, com biografias no verso.

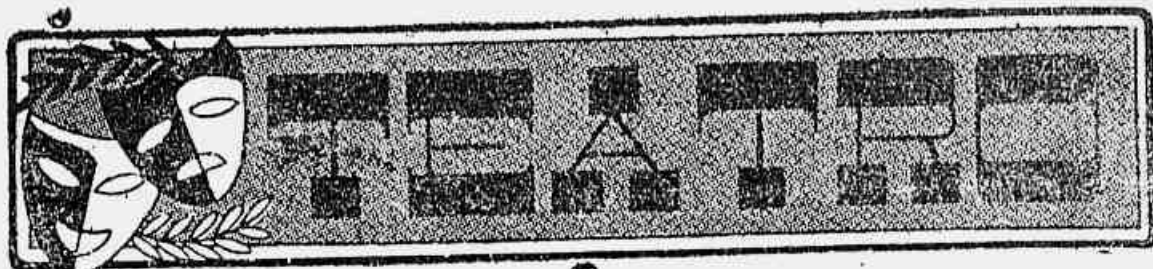
A história do cinema em diversos países do mundo. Mande desde já reservar o seu exemplar.

O maravilhoso album será vendido em todos os postos de venda de revistas do Brasil ao preço de Cr\$ 20,00.

Pedidos pelo reembolso postal ou mediante vale do Correio à

Cia. Editora Americana

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio



JOSÉ FOMM

lada do "Servidor de dois amos". É uma personalidade moderna, com reações de nossa época, um jovem, enfim, igual a milhares de outros que existem no mundo.

Os cenários de "Tragédia em New York", são de Aldo Calvo, cenógrafo italiano, atualmente trabalhando em São Paulo, no Teatro Brasileiro de Comédia. Raimundo Magalhães Jr. traduziu e Ruggero Jacobi a dirigirá.

DO ESTRANGEIRO

Noel Coward está no Théâtre Edouard VII, em Paris, vivendo o principal personagem de sua "Joyeux Chagrins". Este fato é considerado pelo comediógrafo inglês "uma audaciosa aventura", pois está representando em francês, língua que conhece há pouco tempo. A crítica parisiense tem louvado a peça e o autor-ator, fazendo, porém, restrições à adaptação de André Roussin e Pierre Gay.

★

No Hudson Theatre, de New York, está sendo apresentada "Detective Story", uma interessante peça de Sidney Kingsley.

Ralph Bellamy que vive o papel de um detetive, estudou a vida daqueles policiais durante um mês antes de aceitar o "role". Sua interpre-

Lais Peres, que viverá "Ama", no "Romeu e Julieta", é possuidora de uma bela voz e já apareceu na última temporada do Teatro do Estudante, interpretando a "Ama", de "Inês de Castro".

O "Teatro do Estudante" ultima os ensaios de "Romeu e Julieta" no Fenix, onde a 19 próximo inaugurará o "Festival Shakespeare", um dos mais audaciosos programas já apresentados por Paschoal Carlos Magno, seu diretor-fundador.

Santa Rosa, uma autoridade brasileira em assuntos teatrais já tem pronto os cenários e figurinos da bela tragédia dos dois amantes de Verona, revividos por Narto Lanza e Silvia Orthof, os papéis que consagraram Paulo Pôrto e Sônia Oiticica, quando da primeira apresentação do Teatro do Estudante.

Os demais personagens serão vividos por Lais Perez (Ama), Hélcio Fontes (Príncipe de Verona), Antônio de Paula (Montecchio), Natália Daré (Sra. Montecchio), Gilberto Martinho (Capuleto), Maria José (Sra. Capuleto), José Ricardo (Marcucio), Adauray Dantas (Benvolio), Wilson Ribaldo (Frei Lourenço), Rui Borba (Theobaldo), Milton Fernandes (Sansão). E d. Ester Leão é a responsável pela direção.

★

Outro fato que vem despertando interesse nos meios teatrais é a apresentação de "Tragédia em New York", de Maxwell Anderson, pelo Teatro do Doze.

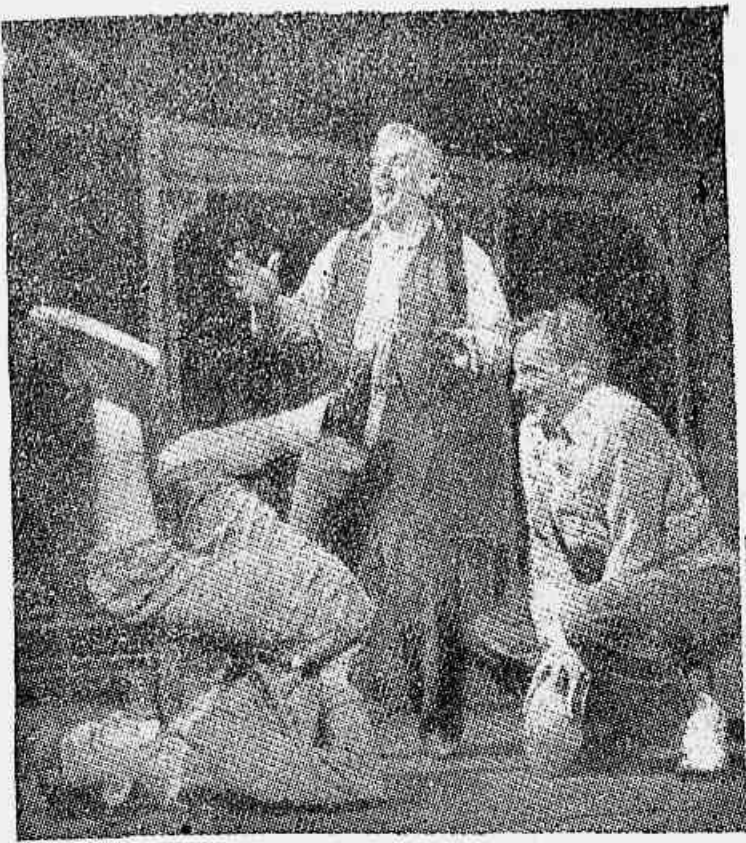
Nesta nova peça, Sérgio Cardoso interpretará um jovem de 17 anos, mostrando mais uma faceta de seu talento impar. "Mio Romagna", o personagem em apreço não tem os gestos dramáticos do melancólico "príncipe dinamarquês" nem a graça bai-

Gilberto Martinho é dos "novos" que vai lançar o Teatro do Estudante. Aprecia a literatura. Já fez pontinhas em alguns filmes nacionais, entre os quais, "Terra Violenta". Nos festivais de Shakespeare desempenhará o sr. Capuleto, em "Romeu e Julieta"; Macbeth, em "Macbeth", havendo perspectivas ainda, de um "rôle" em "Otelo".

tação foi perfeita e a crítica não se cansa de aplaudir. Meg Mundy também participa do "cast" com felicidade.



Cena de "South Pacific", com Ezio Pinza e Mary Martin, vista por Hirschfeld



A alegria da vida de Willy era seus filhos. Aqui, em um retrocesso, ele se lembra brincando com Hap (Cameron Mitchell) e Biff (Arthur Kennedy)



Para Willy, seu irmão Ben (Thomas Chalmers), era o exemplo do homem de fibra. Durante um jogo de cartas com Charley, seu amigo, Willy vê o espectro de Ben dizendo: "Aos 17 anos eu nada possuía, porém, aos 21 anos já era rico"



O desespero apodera-se de Willy quando revive o trágico momento quando Biff o surpreende em um hotel de Boston com u'a mulher. O comerciante tenta conformar o filho, que se sente traído pela desonestidade do pai

N O Morosco Theatre de New York está sendo apresentada "Morte de um vendedor" (Death of a Salesman), a nova peça de Arthur Miller, que já fixou um marco no Teatro Americano. A obra de Miller focaliza o drama de um Vendedor de Brooklin que, ao ver todos os seus sonhos frustrados pela cruel realidade, suicida-se.

Lee J. Cobb, que interpreta o sonhador comerciante, permanece no palco por mais de duas horas, dentro de um clima pesado, com alta tensão e aceleração emocional; corre a notícia que para poder representar na noite seguinte, o astro tem que se deitar logo após o espetáculo. Classificaram essa notícia de exagerada, mas em, uma recente entrevista Cobb declarou que "Willy Loman", o mercador, o obriga a repousar sob a ação de entorpecentes, tal o excitamento de seus nervos. Daí recusar-se a muitas entrevistas, e o classificarem de "excêntrico"; mas é o próprio Cobb quem explica que sua pressão nervosa não permite responder a perguntas como "se dorme com ou sem pijama", ou "se a perda precoce de cabelos favoreceu o acesso no Teatro", etc., perguntas tão frequentes nos desocupados reporteres.

Lee J. Cobb tem apenas 37 anos e seu corpo, agigantado e pesado, favorece a interpretação de papéis mais idosos, como "Willy", que tem 63. Cobb confessa sua grande simpatia pelo personagem de Arthur Miller, que "é uma vítima das implacabilidades da vida moderna", segundo suas próprias palavras.

O intérprete de "Death of a Salesman" nasceu em um subúrbio de New York, onde seu pai trabalhava em um jornal judeu; Cobb, que já tinha grande atração pelo palco, após muita relutância de sua família, foi para Hollywood, conseguindo, na meca do cinema, um emprego como vendedor de rádios. Em 1935 ingressou num Grupo de Teatro e obteve seu primeiro papel como "uma voz".

E rapidamente foi se sobressaindo até ser convidado para o maior papel de sua carreira, isto é, Willy Loman.



Com a mente perturbada, o velho comerciante discute com personagens imaginários em um restaurante, enquanto seus dois filhos tentam acalmá-lo

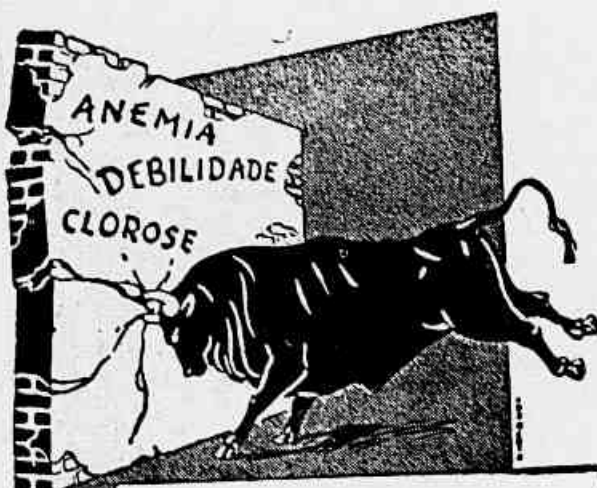
UMA OFERTA EXCEPCIONAL PELO REEMBOLSO POSTAL



Em verniz preto e búfalo branco —
Saltos 5½ e 3½ — Preço Cr\$ 90,00

As remessas pelo REEMBOLSO são acrescidas das despesas do Correio. Os que enviarem vales postais não pagarão as despesas de porte. Os vales postais devem ser emitidos a favor da **FABRICA DE CALÇADOS NILO LTDA.** — Belo Horizonte, e remetidos a **CAIXA POSTAL 5.273** — Rio de Janeiro

A ÚLTIMA PALAVRA EM CONFORTO E ELEGÂNCIA



O grande restaurador dos organismos
DEBILITADOS, CLORÓTICOS,
ANÊMICOS, DESNUTRIDOS
Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA

GRANADO

Preparado com
hemoglobina pura retirada do
SANGUE DE BOVINOS.



JUVENTUDE ALEXANDRE

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para
todo o Brasil: Soc.
Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. Rua da
Carioca, 33 —
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reem-
bolsa Postal um vidro de "BÉL-HOR-
MON" nº

NOME Nº
RUA
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

EUZEBINHO

(Continuação da pág. 22)

rado e trêmulo nem podia falar. Compreendi logo tudo. Desconhecidos esforçavam-se para deter os solavancos de um indivíduo mal encarado. Era o agressor do herói do meu conto. Tacitamente Euzebinho aceitou minha solidariedade e um lenço que lhe emprestei para comprimir o sangue que lhe escorria da orelha. E saímos em silêncio. Quase na escada do tunel do Rocha, Euzebinho volta-se inesperadamente e grita ao agressor já calmo:

— Isto é para você aprender, está entendendo?

A resposta foi uma gargalhada e es-trepitosa váia.

— Vamos, Euzebinho. Pedi eu, seguindo o braço magro dele.

Atravessamos o tunel e num instante caminhávamos na calçada. Sempre comprimindo a orelha com o meu lenço, Euzebinho rompeu o silêncio a brucejar. Que aquele sujeito era um atrevidão! Que aquele "cachorro" tivera a petulância de ameaçar a noiva dele...

— Ah! Você está noivo?

— Sim... Mas deixe-me explicar. Declarar à minha noiva que acabaria com nosso noivado a bofetões. Ah! Escorrei o "cara" ali conforme você viu! E se um amigo meu cumprir o que prometeu: meto-o em "cana"... bufava o Euzebinho.

— Euzebinho, estas coisas, às vezes são intrigas... Quem é a noiva?

— Não são intrigas. São fatos. Foi a própria Rosinha quem m'o contou. Maria Rosa não mente.

Quando atingimos o portão da Limpeza Publica do Engenho Novo, ouvia-se claramente o vozerão do Matoso, o chefe, na sala de ponto.

— Meta falta neste "casaca", se não chegar dentro de cinco minutos.

Batemos os cartões. O "casaca" era eu. Euzebinho, segurando uma bandeirinha vermelha, regressou ao portão. (Euzebinho era bandeirinha). Ainda naquela mesma noite, na calçada externa da repartição, outro amigo segurando-me o braço segredou uma história confusa sobre o Euzebinho.

— Você reparou como o "Ladainha" estava "amarrotado"?

— Qual "Ladainha"?

— Ora essa! Então você não conhece o apelido do Euzebio?

— Ladainha? Porque Ladainha? Que história é essa?

— E' o que dizem, meu amigo... Que uma "dona" insistindo em frequentar as ladainhas em Ramos, e vai d'ali etc., e tal... surge o Ladainha.

— Histórias! Coitado do Euzebinho! — protestei eu.

E o rapaz insistiu muito sobre a lenda de que o Euzebinho havia sido engatado no portão de uma casa em Santa Teresa e lá crescera como filho por bondade de um tal Pimenta. Uma história semelhante à da Simplicia.

Voltei do Rocha. Examinei com mais cuidado o portão que me protegia da chuva e teria amparado o berçinho do engatado... Espiei novamente pelo buraco: lá estava a negra sorumbática ninando uma criança. Talvez outro engatado no bondoso e hospitaleiro portão.

Passou o temporal. Meu espírito continuava incansavelmente agitado como uma dona de casa, num abrir e fechar nervoso de gavetas. Era então profundo o silêncio e negra a noite. Desci a rua Augusta perseguido pela canção dolente da preta sorumbática.

★

— Dona Simplicia, como é mesmo aquela história confusa que a senhora me contou sobre aquele casarão? Repare que ele agora está habitado.

— Ah! Não lhe disse! Pois o menino voltou. Estava registrado como filho legítimo... Mostrou os papéis e tomou posse de tudo. Lá está ele à janela gozando a vista e a casa. Aquilo por dentro é um palácio.

— Pois não morreram todos, dona Simplicia? A senhora não me disse que a tuberculose...

— Não! Morreram a Doquinha e um irmão. Um outro dizem que foi para a Europa e aquele que lá está, fugiu de casa ainda menino. O velho Pimenta

publicou durante muitos meses retratinhos dele nos jornais, como desaparecido. Depois de um certo acidente, o garoto não dormia. Passava as noites olhando o teto do quarto como uma mulher grávida com insônia. Um belo dia, encontraram a caminha dele vazia...

— Dona Simplicia, falta uma camisa! Vamos brigar novamente. Falta uma camisa dona Simplicia! Isto é um absurdo!

— Falta como?

— Falta!! E quer saber de uma coisa? Rua! Não quero mais a senhora como minha lavadeira.

Já sei. Eu trago lavadinha...

— Não adianta! Pode lavar quanto quiser dona Simplicia. E' um "cc" que não sai. Estou saturado. Rua. Por favor!...

E paguei à Simplicia os três mil e quinhentos, daqueles bons tempos da era do mais barato, ou melhor, em que ainda não se dera o dilúvio do câmbio negro.

Passava tão triste todas as tardes por baixo de minha janela, a Simplicia, que resolvi contratá-la de novo. Entrou em meu quarto, toda sorridente, coçando a cabeceira branca e dizendo que o tempo é mau, trazendo a velhice e as correntes da saudade, mais pesadas que as da escravidão...

— Bobagens, dona Simplicia!

— Ah! Sou lavadeira dele... E' ele mesmo!

— Ele quem?

— O dr. Euzebio.

— O que? O Euzebio é doutor?

— Doutor sim. Doutor da Prefeitura.

Que móço "danado"! Roupas caras! Camisas de seda! Ternos de linho branco 120! E é amigo do Prefeito, ainda tem mais essa! Só fala no prefeito. Prefeito para aqui... Prefeito para ali. O Prefeito fez, o prefeito aconteceu... Eu, hein Rosa!

— exclamou a Simplicia tremendo as cadeiras e dando uma gargalhada.

— Respeito, dona Simplicia!

— Ah! Pois eu sei aquela história toda.

Aquêle rapaz é vingativo. E' mau, tem uma "lista negra". Parece um demônio, dentro daquela casa. Só fala em vingança. E dá cada gargalhada! Cruzes! Com uma cara feia, magrelona, quadradona e um bigodinho arrepiado para frente: é ver o Euzebio velho quando móço. Ele fica naquela janela horas a fio, diante de uma vista tão bonita; pois não está vendo nada. O coração está rosnando ódio, como um cão cego e danado...

— Lista negra, dona Simplicia?

— Sim senhor. Lista negra. A vida dele é fazer o mal. Aquêle estrepe magricela, tem odio até na raiz dos cabelos. E tem força, porque frequenta a casa da Rosinha, aliada com gente grossa da Prefeitura.

— Rosinha? Maria Rosa, por ventura, dona Simplicia? O mesmo nome da mulher do Pimenta?

— Ela mesma. A noiva dele. Não é maldade? Tenho certeza absoluta, sou lavadeira dela.

— Dona Simplicia, o que eu queria saber é a história que a senhora me contou do "munjolinho"...

— Pois foi. Eles eram ainda crianças. Estavam brincando ali no quintal daquela casa. Justamente ele, o Dr. Euzebio teria uns onze anos, estava de cócoras, dando os últimos retoques num "munjolinho" de brinquedo. Sabe o que é um "munjolo"?

— Sei, sim. Continue.

— Puxaram uma biquinha d'água lá do tanque. A Doquinha admirava o brinquedo dos irmãos, sentadinha num banco próximo. Quando o "munjolinho" funcionou dando a primeira cabeçada, depois de derramar a água do côco, surge uma barulheira no portão dos fundos! Era o Rogério, empregado antigo da casa, despeitado por intriga do Euzebio. E gritava enfurecido contra o menino, dizendo que ele não era irmão daqueles outros. Que tinha sido engatado ali naquele portão por esperteza do padre Euzebio de Ramos... Euzebinho levantou-se pálido, tremendo os lábios, vacilando os passos, fitou demoradamente um pé de mangueira, caminhou para ela e sentou-se num balcão, cobrindo nervosamente o rosto com as mãos a soluçar. A Doquinha também chorava perto dele, dizendo que era mentira do Rogério... E o "munjolinho" batia, batia, batia...

— Coitado do Simplicia! você não acha?

— Sim. O Rogério foi mau. E espalhou o apelido de "Ladainha". O Rogério está na lista negra e já perdeu o emprego. Outro dia me encontrei com ele. Cotovêles rotos, paletó velho e esverdeado como batina velha de padre. Está na miséria! deu para beber. O que acho também é que esquecer é mais bonito! Ele cresceu, é dr. diz que não, saltando como um louco! Que a diferença maior entre Deus e o homem é que este não perdôa...

II

Euzebinho vivia agitado pelo odio. Passava horas, como disse muito bem a Simplicia, ruminando vinganças, debruçado sobre aquela vista empolgante de toda a zona norte da Cidade. Lá no fundo, a praia de Ramos onde talvez o padre Euzebio imitando o Anchieta, passasse horas a fio, escrevendo versos na lama. Depois, o suburbio da Leopoldina, a igreja da Penha, como uma galinha, chocando promessas na carca do morro. E as fumegantes fábricas de São Cristóvão. A ponte do Retiro Saudoso, preta de corvos que lá disputavam carniça, durante o dia e ao cair da tarde em linha reta voando molemente por um céu vermelho, vinham pisar ali no morro do Casaca de Ferro em ninhos mal cheirosos. Euzebinho não via nada. Ruminava vinganças ao ar livre.

Choramingava os "motivos" perto da penteadeira da luxenta Rosinha e a transferência era certa. Quando a moça relutava, recebia brincos de brilhantes. Maria Rosa, bem lá no fundo de si mesma, agasalhava ainda fagulhas do amor que lhe inspirara a cara quadrada e a magreza do Euzebinho. Nada havia entre eles, além das reminiscências do noivado desfeito. Certa vez, chorou muito a moça e amargamente, encontrando em um livro de Anatole France um tipo que julgou semelhante ao Euzebinho, que sabia "méprizer tendrement les femmes". Fechou o livro revoltada e resolvida a desafiar o "terno" desprezo dele, com violência. Convinceu-se, então, que o Euzebinho, em matéria de amor, era um fracassado precoce; um caso patológico. Mesmo assim, gostava dele. Conheciam-se há dez anos. Euzebinho arranjara-lhe o emprego inicial de escriturária e seguia com docilidade de cúmplice, a vibrar de entusiasmo, a rápida trajetória ascendente de Maria Rosa na Prefeitura.

Na presença da mãe da noiva, desfez o noivado sem se alterar, sem proferir uma palavra rude e retirou-se prometendo continuar amigo da casa.

Rosinha bateu a porta da sala com violência e atirou-se de bruços em seu leito, humilhada a soluçar convulsamente.

— Ora Rosinha, minha filha; antes assim que encontrar um maluco que usa navalha nas horas de raiva...

— Mas é mentira minha mãe. E' calúnia!...

Dona Carmen mudou-se com a filha para um apartamento "chic".

Começaram as promoções do Euzebinho. Ia de vento em pópa. Um ano de separação. Raras vezes, telefonemas, nos quais Euzebinho amparava com "silêncios" os estertores agonizantes do grande amor de sua ex-noiva.

Encontrou-se primeiro com a mãe de Rosinha e por insistência desta, reataram intimidades. O assunto, então, era transferências, exonerações, perseguições... Quase diariamente se encontravam.

O sujeito da brigada do Rocha, um tal de Rui, que Euzebinho e a funcionária a rir, apelidaram: "gostoso do posto 6", estava sendo difícil de transferirem. Rui, esparramava-se na praia de Copacabana até ao meio-dia, fiado em seu "pistolão" da Polícia Especial que o defendia como um tubarão.

Certa tarde, Rosinha telefona espantosa, marcando um encontro às oito horas em seu apartamento. Antes da hora, estava lá Euzebinho, esperando na sala a moça sair do banheiro, simulando interesse pela conversa de dona Carmen.

— Ué! Que calor dona Carmen! — exclamou ele espalhando-se numa poltrona.

— Tire seu paletó, dr. Euzebio. Tire seu paletó!

Euzebinho obedeceu agradecendo. Pendura o paletó numa cadeira e levanta furtivamente as mangas da camisa até ao meio dos braços. Com um olhar es-

quisito, a passos lentos vem a mãe de Rosinha aproximando-se do rapaz, segura-lhe o braço, estafeta os olhos numa tatuagem que Euzébio tinha no cotovelo direito, dá um guincho teatral e cai sentada numa poltrona.

— O que foi? O que foi dona Carmen. — retruca Euzébio sacudindo os ombros da velha.

— Ai! Ui! Jesus! Bem que eu andava cismada! Que horror! — bufava a senhora, cobrindo o rosto com as mãos.

— O que foi dona Carmen? Que cena grotesca! Vamos, explique-se!

— Dr. Euzébio, o senhor é meu filho!...

— História! Tolices, minha senhora! Faça "éclair" nesta boca! Filho como? Que coisa estúpida! Romance piégas! Patacodadas! Lá quero saber de mãe numa idade desta?!... Não sinto nada pela senhora! Vamos levantar-se, beba água doce ou vá para o inferno, que para mim é a mesma coisa...

— Meu filho, perdoe-me. Foi a miséria!...

— Não me chame de filho, dona Carmen, pelo amor de Jesus crucificado! Não me chame de filho! Farei cenas... Saltarei a janela! — disse ele, dando passos impetuosos em direção à varandinha do apartamento.

— Não, Euzébio, não!...
— O que foi? Que gritos são estes?
— interveio Rosinha aparecendo à porta da sala, envolvida apressadamente num roupão.

— Rosinha!...
— Cale-se minha senhora, por favor, cale-se! — gritou Euzébio, pálido a vestir o paletó.
— Mas o que aconteceu? — insistiu Maria Rosa.

Dona Carmen chorava baixinho, com as mãos apertadas contra os ouvidos.

Já na porta e de chapéu enterrado na cabeça, Euzébio voltou-se e perguntou aos berros:

— Minha senhora, responda-me só uma coisa: foi o mesmo pai?

— Sim. — fez a velha balançando tristemente a cabeça.

A passos largos Euzébio atingiu rapidamente a avenida Mem de Sá. Subiu ao quarto de um amigo e expôs sua situação infeliz a bracejar furioso. Durante quinze dias tramou um plano secreto: nem que custasse muito dinheiro, enviaria a velha para longe: para Corumbá.

E assim, Euzébio vivia agitado pelo ódio. Passava horas, como bem dizia a Simplicia, ruminando vinganças, debruçado sobre a vista empolgante de toda a zona norte da cidade.

— Ah! Hoje não, estou para conversar, dona Simplicia.

— Por que?

— Por nada. As piores tristezas, são essas sem causa: são pesadas, profundas, sombrias!... É o "spleen" dos pobres Simplicia; sabe o que é "spleen"?

— Agora, eu então é quem direi: tolices, moço! Bobagens! Olhe, trago novidades. Imagine o senhor, a semana passada a mãe do Euzébio esteve lá no casarão vermelho. Foi um escândalo! Não quis a velha, nem como empregada. Expulsou-a repetindo sempre: Rua! Rua! Rua! Fiz o sinal da cruz quando ouvi aquilo. A empregada, que o sr. não conhece, a Vicência, quando avistou a velha descendo a rua Augusta, chamou-a ao portão dizendo: entre aqui, dona Carmen. Dr. Marcos vai chegar. Tudo se arranjará, é outro homem, outro coração! Pois a velha não aceitou. Desceu calada e triste a rua como uma sombra. E o dr. Marcos chegou mesmo.

— Que dr. Marcos?

— O irmão dele que estava na Europa, na Suíça!

— A senhora não me disse que tinham morrido todos?

— Não! Que um deles tinha ido se tratar na Europa. E o dr. Marcos voltou; todo certo, fez uma operação no tórax (Toracoplastia) mas voltou: está lá. Eu assisti à conversa animada deles. Depois de se abraçarem, andando de um lado para outro, dr. Marcos dizia:

— Meu caro Euzébio pois cá estou eu. Vim atrás de dinheiro. Não poderei viver neste clima. Sou, meu caro amigo e irmão, uma sombra em marcha para o suicídio.

— Tudo arranjaríamos, Marcos, não desespere. Venderemos a fábrica...

— Dr. Marcos, — continuou a Sim-

plícia — diante daquela oferta, andava animado e agitado de um lado para o outro, esfregando as mãos magras. Num dado momento, retirou-se para uma sala próxima a procurar não sei o que. E de lá, continuava conversando com dr. Euzébio. Foi quando eu cheguei à sala para me despedir. Vi dr. Euzébio retirar de cima do piano uma garrafa de bebida e um cálice. Sentado na poltrona enche o cálice e bebe. Acredite o senhor, não durou meio minuto. Arregalou os olhos para mim... Corri a gritar:

— Dr. Marcos! Dr. Marcos, aconteceu alguma coisa ao rapaz!

Dr. Euzébio só teve tempo de soprar baixinho no ouvido do irmão:

— Marcos, minha mãe: rua tal número 43.

— E morreu, Simplicia?

— Morreu. Sem querer, bebeu o veneno do outro. Morreu com os olhos arregalados e a mão no estômago...

— Simplicia... Para você não dizer que nunca lhe dei nada, leve estas duas camisas para seu filho, sobrinho ou neto

A VIDA DE LORD KELVIN

(Continuação da pág. 7)

com altivez: "A cada homem as roupas que melhor se adaptam às suas atividades e temperamento". A vida era simples questão de temperatura.

Observava constantemente os objetos próximos com o intuito de melhorá-los — não apenas em seu próprio interesse, mas para o público em geral. Certo dia, olhou para o seu jantar com súbita inspiração. Por que não aplicar os seus estudos do corpo humano ao aquecimento e refrigeração dos alimentos? Em temperatura elevada, as moléculas da matéria são extremamente ativas. A baixa temperatura, são extremamente inertes. O calor acelera as reações: o frio retarda-as. Do outro lado do canal, na França, Pasteur demonstrara que é possível destruir os germes a temperaturas muito elevadas, e que assim podem ser preservados os alimentos pelo processo da ebulição. E agora ocorria a Thomson na Inglaterra que os germes também poderiam ser destruídos a temperatura muito baixa, preservando-se as substâncias alimentares pelo processo do resfriamento! Tal era o utilitarismo paradoxal do espírito de William Thomson.

Ao atravessar os campos de manhã cedo, observava como o orvalho contribuía para resguardar a vegetação contra o frio da noite. E este simples mecanismo protetor lhe sugeriu o princípio da mais moderna das artes — a refrigeração. Assim, dois cientistas contemporâneos utilizaram, quase simultaneamente, o calor e o frio em proveito da saúde humana. As gerações futuras iam nutrir-se, em grande parte, de uma dieta de líquidos pasteurizados e sólidos kelvinizados.

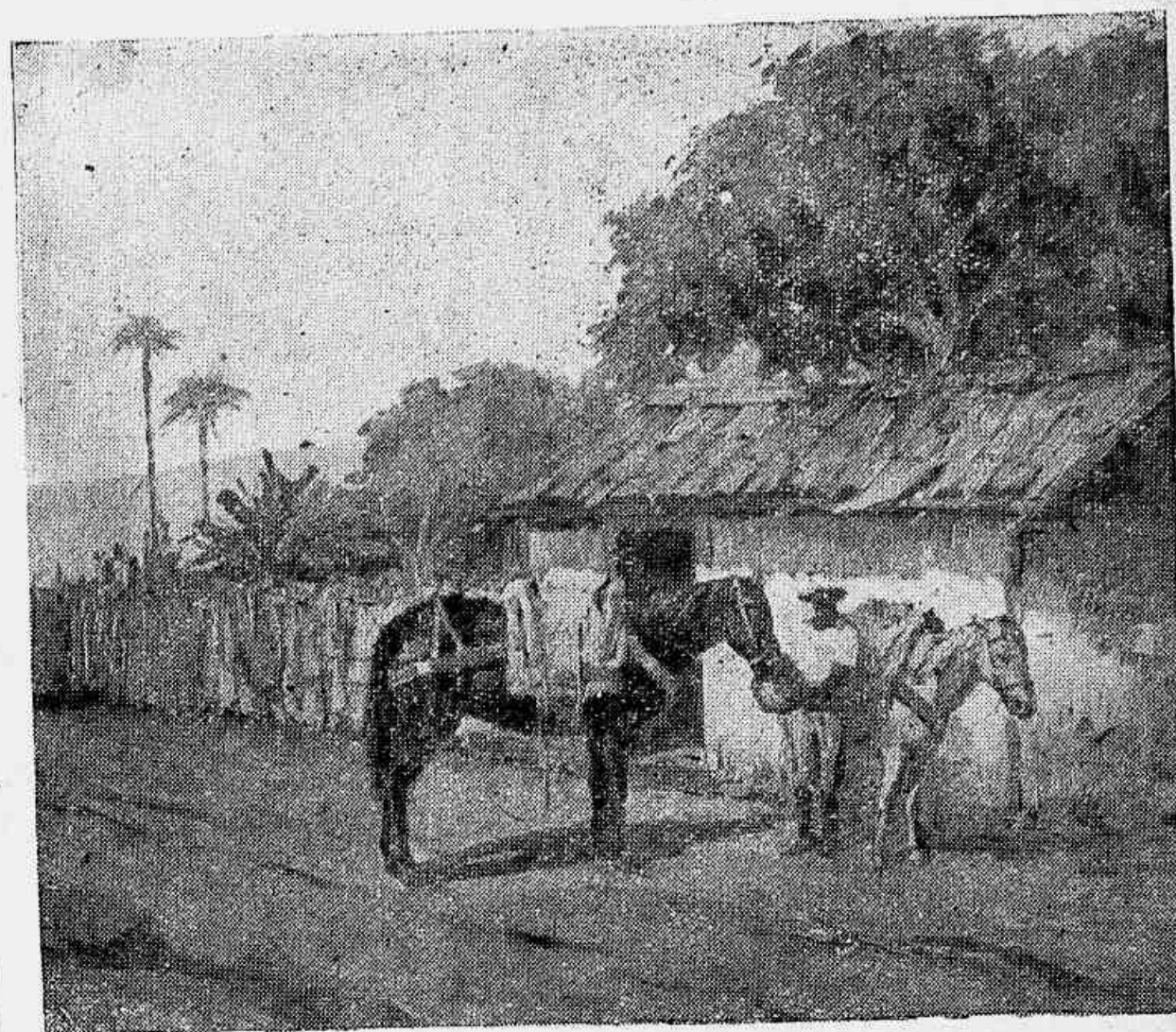
Mas o físico inglês foi mais afortunado que o químico francês. Enquanto os franceses quase levavam Pasteur à sepultura, os ingleses davam um título de nobreza a Thomson.

E assim "William Thomson" — como o chamavam os seus amigos escoceses — tornou-se o primeiro Barão Kelvin. O rei admitiu-o no seu conselho, e as pessoas dirigiam-lhe rapapés. Mas "William Thomson" continuou a ser o mesmo homem honesto, franco, enérgico e brincalhão. Foi com prazer infantil que ele ouviu anunciarem-no em um jantar, por ocasião de sua visita à América. Retido inesperadamente por um negócio de urgência, demorou a apresentar-se em casa do amigo. Seis e meia, sete, sete e meia — e nem sinal de Lord Kelvin. Estavam todos alarmados, quando as cortinas se abriram de súbito, e o mordomo de cor anunciou com voz ribombante: "Senhoras e senhores, o Lord chegou!" Lord Kelvin tinha sido convidado a visitar a América para servir de juiz na seção científica da Exposição do Centenário em Filadélfia. Passou seis semanas examinando os inventos mecânicos exibidos. Por fim, quando se preparava para partir, um amigo lhe pediu que olhasse uma "engenhoca esquisita" que estava a um canto afastado. Kelvin dirigiu-se àquela mesa. Alguns dos juizes faziam comentários sarcásticos a respeito da "engenhoca", enquanto o inventor procurava mostrar a sua aplicação. Kelvin pegou no aparelho e examinou-o. Nesse momento, aproximou-se da mesa um homem im-

(Continua na pág. 49)



ANGELUS RAVEL



"Na Estrada" — óleo do pintor Angelo Bigi

Realizou-se no "hall" do Liceu de Artes e Ofícios, a exposição de pintura do artista Angelo Bigi, apresentando cerca de 40 obras de arte, incluindo praticamente quase todos os gêneros da pintura clássica.

Angelo Bigi nasceu em Roma, todavia de há longo tempo se acha radicado entre nós, aportando em São Paulo, onde fixou residência, em 1909. Mais tarde transferiu-se para o Rio, dando início a uma série de trabalhos de decoração, em que se destacam alguns murais, de excepcional fidelidade e reveladores do artista nato que é Angelo Bigi, como por exemplo

o interior do Hotel Avenida, em cujas paredes pode-se contemplar obras admiráveis do pintor italiano. No interior do Estado de Minas Gerais, Angelo Bigi conta também vários trabalhos de decoração, inclusive o Teatro Central de Juiz de Fora, a Matriz da cidade de Manhuassú e mais recentemente a decoração do interior da linda igreja de Piranga, também no Estado montanhês.

Dentre as obras expostas no "hall" do Liceu, reproduzimos o seu óleo "Na Estrada", que mereceu louvores de quantos visitaram a mostra de arte de Angelo Bigi.



"Lavadeiras do Leblon" — outra obra de Angelo Bigi

N O momento em que escrevemos esta crônica sôbre assuntos aeronáuticos, oferecendo aos leitores da REVISTA DA SEMANA fatos e coisas da moderna aviação civil, cumprimos o dever sagrado de reverenciar a memória de um dos maiores nomes de nossa história aeroviária, tragicamente morto, em Paris, a 12 de maio de 1902: — Augusto Severo.

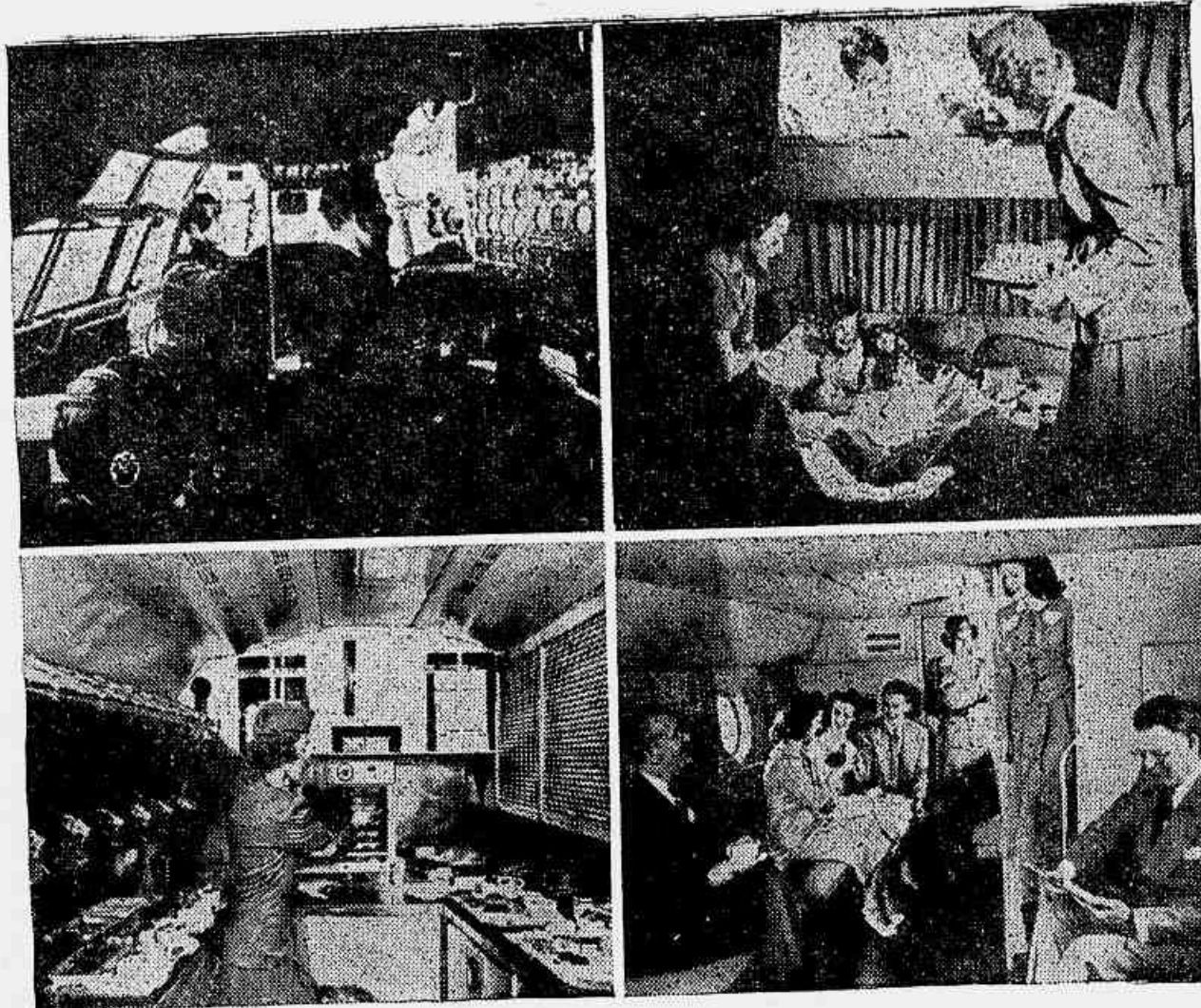
Esse pioneiro da conquista dos ares fez com "o mais leve que o ar" o que Santos Dumont conseguiu com "o mais pesado". Augusto Severo sacrificou tudo para dar à humanidade um engenho voador revolucionário e que depois o mundo inteiro admirou no "Graf Zeppelin".

Morreu na experiência do "Pax", quando sobrevoava a Avenue du Maine, a uns quatrocentos metros de altura, perecendo ao seu lado o mecânico Georges Sachet.

Foi Augusto Severo o verdadeiro inventor dos balões semi-rígidos, um brasileiro intrometido, audaz, visionário, mártir da aviação e da ciência. Merece a veneração do país como um grande patriota que tanto dignificou sua pátria, aqui e no estrangeiro.

PELAS estradas do CEU

ANDRÉ MAX



A vida a bordo de um "cruzador estratosférico" da Pan American World Airways, atravessando o Atlântico em sete horas

O QUE É UM "STRATO-CRUISIER"

Durante sua primeira viagem entre os Estados Unidos e a Europa, realizada há pouco tempo,

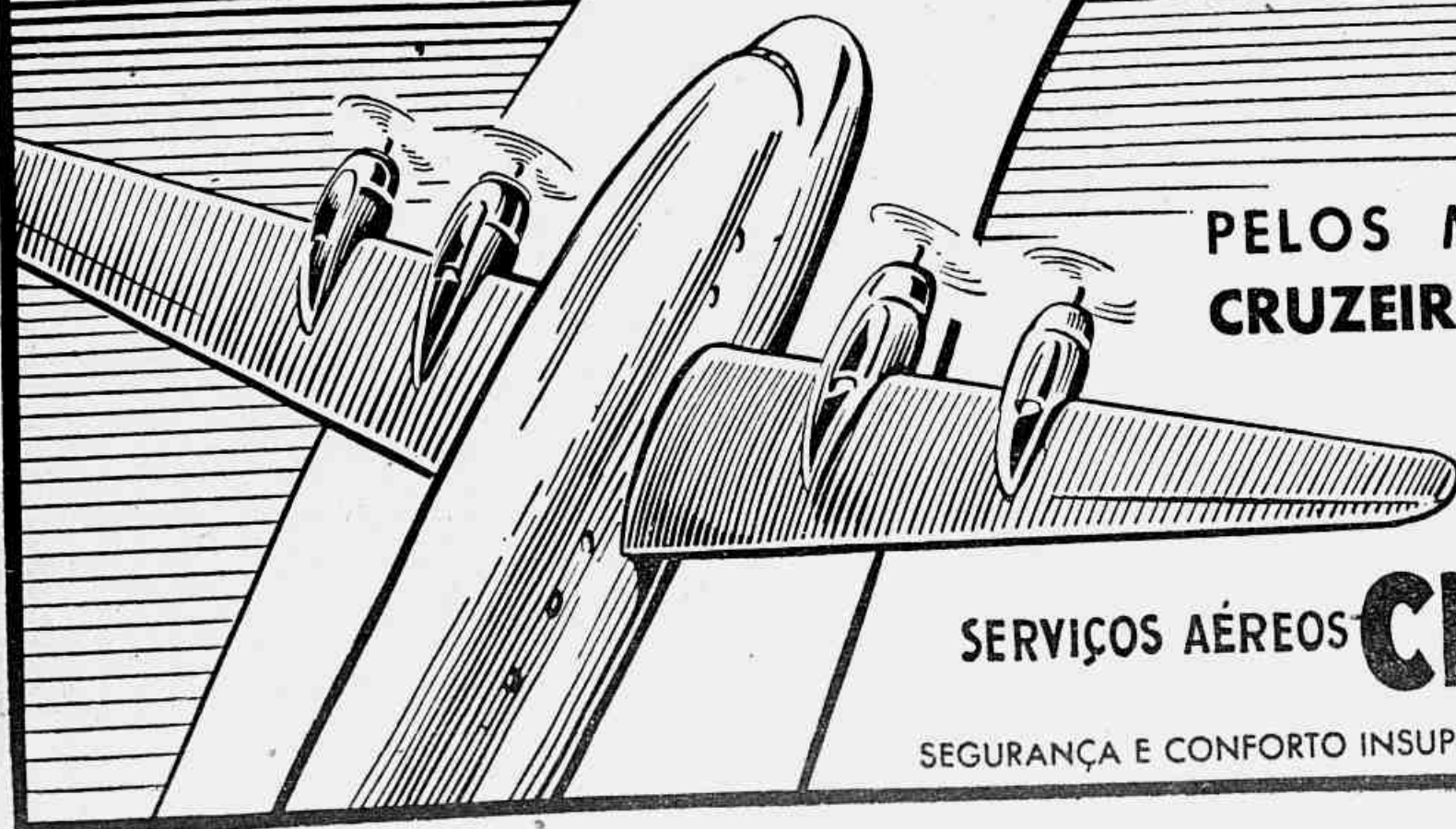
foram colhidas as fotografias aqui expostas, a bordo do clipper "América", com que a Pan American World Airways iniciou as operações de sua nova frota de "Boeing-Stratocruisier", que são os mais modernos e possantes transaéreos do momento.

Esse enorme navio dos espaços é o primeiro recebido pela PAA, tendo transposto o oceano em sete horas, conduzindo 59 passageiros e tripulação.

Todo conforto é encontrado no interior da aeronave, conforme se pode depreender dos quatro flagrantes, da esquerda para a direita e de cima para baixo.

No primeiro se verifica a amplitude do espaço na cabine de comando, com larga visibilidade do exterior; a segunda mostra a cozinha e a copa do "strato-cruisier", dotada, inclusive de material para servir três vezes aos passageiros, sem necessidade de substituição; na terceira, se vê a acomodação que uma pequena família pode obter a bordo, e, na quarta, o salão de estar onde se reúnem os passageiros para conversar e admirar os panoramas oferecidos durante a viagem.

A qualquer ponto do Mundo



PELOS MAGNIFICOS AVIÕES DA
CRUZEIRO EM TRÁFEGO MUTUO COM
GRANDES EMPRESAS
ESTRANGEIRAS

SERVIÇOS AÉREOS **CRUZEIRO do SUL** LTDA

SEGURANÇA E CONFORTO INSUPERÁVEIS AV. RIO BRANCO, 128 - INF. 42-6060



Cleó de Souza (Barbacena) — Aprovado o seu conto "Reliquia".

J. F. R. (Aracaju) — Não pôde ser aproveitado o seu trabalho "Um Homem de Bem", por estar muito curtinho.

E. A. da Silva (S. Paulo) — Muito bons os seus contos "O Mudinho" e "As Estrelas Ajudam a Rezar". Quanto ao outro ("Que Estranho, O Gosto de Água"), não foi aprovado. Evite o estilo declamatório.

C. A. G. (Vitória) — Muito fraquinho o "Ressaca".

P. V. (S. Roque, S. Paulo) — Seu trabalho "O Imperativo da Consciência" não foi aproveitado. Evite contos políticos.

D. G. (Pôrto Alegre) — "Uma Entrevista com o diabo" não foi aprovada por estar cheia de erros de português. O diabo desta língua...

Carlindo Cerqueira (Juiz de Fora) — Muito interessante o conto "O Professor de Virtudes". Vai sair.

Y. M. (Rio) — Sua produção "Jacirema" está prejudicada pelos excessos de lirismos, coisa que aborrece o leitor.

E. R. (Uruguaiana) — "O Menino Buty", além de muito curto, não tem bom português. Procure aperfeiçoar sua grafia, sua sintaxe, seus conhecimentos de regimes e concordâncias.

O. R. (João Pessoa) — "Terra de Espinho" não é um conto literário. Refunda a história e lhe dê substância, finalidade que possa despertar interesse.

Silveira Junior (Itajaí-Sta. Catarina) — "Nosso Dedé foi para a guerra" está aprovado. Continui.

R. W. (Bagé-R. G. do Sul) — Não foi possível aproveitar "O Desventurado Rubens". Procure consertar a grafia e a sintaxe.

José Arcanjo de Moura (Rio) — Aprovado o seu "Iluminado".

Olivia Ferreira (S. Paulo) — Lamentamos não ser possível atender sobre a publicação daquelas histórias. Ignoramos se existem albums.

Antônio M. Santana (Ribeirão Preto-S. Paulo) — Vamos verificar o que há com "Aconteceu na Primavera" e, em seguida, daremos informação.

A VIDA DE LORD KELVIN

(Continuação da pág. 47)

nente. Era Dom Pedro, imperador do Brasil. Estendeu a mão para o inventor. — Encantado em tornar a vê-lo, professor Bell.

— Obrigado, Majestade.

— Diga-me, o senhor fez novos progressos com o seu telefone?

— Se Vossa Majestade quer fazer o favor de segurá-lo e escutar, eu irei até o outro lado da sala e direi algumas palavras.

Alexander Graham Bell dirigiu-se à outra ponta do fio. Dom Pedro tomou o instrumento na mão.

— Santo Deus, isto fala!

— Dá-me licença de experimentar? — Era Lord Kelvin. E, depois de encostar o aparelho no ouvido: — Sem dúvida que fala! E a coisa mais assombrosa que eu vi na América!

E voltou à Inglaterra decidido a apresentar a "mais assombrosa" das invenções ao público britânico. Foi recebido com uma torrente de insultos por parte de todos os jornais e revistas do país. "O inventor do pretense telefone é um impostor — um ventríloquo — um charlatão". O London Times dedicou uma coluna inteira à explicação "científica" das razões por que a voz humana jamais poderia ser transmitida por um fio elétrico. Mas Kelvin persistiu. E finalmente convenceu o público britânico a escutar a nova voz.

V

Sua infatigável energia levava-o a tomar parte ativa em todos os empreendimentos científicos. Interessando-se nas pesquisas magnéticas e elétricas de Faraday, encontrara oportunidade de traduzir na prática as teorias do seu predecessor. Fora nomeado conselheiro técnico da companhia organizada por Sir Charles Bright e Cyrus Field para lançar o cabo transatlântico entre a Inglaterra e a América. Foi o galvanômetro — ou detector de agulha — aperfeiçoado por Kelvin que "recolheu" a quase imperceptível corrente elétrica que se escoava do cabo submarino após uma viagem de mais de duas mil milhas. E foi o sifão registrador — ou pena elétrica — inventado por Kelvin que finalmente "escreveu" a mensagem cabográfica, traçando uma linha sinuosa numa folha de papel.

Uma linha sinuosa numa folha de papel, — nada mais. Kelvin era um cientista prático. Ria-se dos arroubos dos poetas que entoavam rapsódias aos seus "milagrosos" inventos. Encarava a vida como um ensaio de lógica, não como uma obra de arte. Um dia os seus amigos levaram-no a ouvir uma sinfonia de Beethoven. Ficou muito impressionado. Sacou do seu canhoto de capa verde — enchera centenas desses cadernos com os seus apontamentos. "Pense-se que coisa complexa é o resultado de uma orquestra a tocar", escreveu. "Pense-se no suave e gradual aumento e decréscimo de pressão... Uma curva única, traçada à maneira da curva do prego do algodão, descreve tudo o que o ouvido pode captar..."

Linhas e curvas e ângulos de energia — tal era o conceito que tinha do mundo

esse cientista de espírito vigoroso. De espírito vigoroso e coração meigo. Kelvin passou dezessete anos cuidando de uma esposa inválida. Todas as manhãs carregava-a nos braços para a sala do pavimento inferior, e todas as noites levava-a para a cama. E quando ela morreu, o marido ficou inconsolável por algum tempo.

Mas a natureza fere com uma mão e acaricia com a outra. Três anos depois de perder a esposa, Kelvin encontrou uma segunda mulher. Foi um namoro estritamente científico. Ele conheceu-a na ilha da Madeira, aonde fora superintendente a construção de um cabo submarino da Inglaterra ao Brasil. Ensinou-lhe a arte da telegrafia. Durante dezesseis dias, trocaram-se inúmeros pontos e linhas de amor — ele no navio em que estavam reparando o cabo, ela na sua casinha à beira da praia. Finalmente, quando o navio se ia afastando, Kelvin escreveu no código tão bem compreendido por ambos: "Voltarei para buscá-la". E ela respondeu: "Esperarei".

VI

Envelhecendo, começou a queixar-se que o tempo corria muito depressa para ele. "Um segundo é curto de mais; precisamos de unidades mais longas". Passava diariamente várias horas ditando. Uma secretária aqui, outra secretária além, cada uma tomando apontamentos sobre assuntos inteiramente diversos. Depressa, depressa, depressa! Os anos voam! "Os que vivem devagar, criam os seus próprios obstáculos". Kelvin tinha planejado trabalho suficiente para dois séculos, e o seu problema era "terminá-lo numa única existência". Sempre dando ordens, manifestando opiniões, "dissecando" idéias — até que o seu papagaio, o dr. Hookbeak, lhe gritava esganicadamente da gaiola: "Lord Kelvin! Lord Kelvin! Cale a boca!".

E agora ele se aproximava do fim do caminho. Uma vida inteira de teorias e invenções, só para ser varrida para a sombra por teorias mais recentes e invenções melhores. Guilherme Roentgen, Henri Becquerel, Pierre e Marie Curie — que campo vasto e fértil haviam desbravado para as investigações futuras! Que revolução tinham operado na concepção científica do mundo! Como era inadequada a concepção de Kelvin, em confronto com a deles! O velho cientista sorriu ironicamente por ocasião do quinquagésimo aniversário da sua posse na cadeira de professor de Glasgow. Os amigos enumeravam as realizações de sua vida — a nova bússola, insensível às oscilações causadas pelo fogo de artilharia, o sinal sonoro que premuniu os marinheiros contra os rochedos ocultos, a máquina que habilitava a prever as marés, o instrumento que registrava a força de uma corrente elétrica que passa por um fio, dúzias de inventos práticos para determinar mais exatamente os pesos e medidas, e assim por diante. Simples brinquedos de criança. "Não sou realmente um inventor. Sou apenas um sonhador, que adormeceu nos braços do passado".

Três anos depois desse jubileu, Kelvin renunciou à sua cadeira na Universidade de Glasgow. Os diretores disseram-lhe que teriam prazer em conservar os seus serviços, mas ele sacudiu a cabeça. "Nada de sentimentalismos, por favor. Eu já dei de ser útil".

Dirigiu a palavra aos alunos pela última vez. "E crenga minha que, quando um homem vai envelhecendo, os quadros contemplados com mais prazer junto à lareira são aqueles que lhe trazem à memória os seus tempos de estudante... Enchei toda a minha vida de quadros alegres, claros e límpidos".

E assim abandonou a cátedra. Mas não a universidade. Enquanto lhe restasse alento no corpo, não poderia romper o último laço que o ligava a Glasgow. No princípio do ano letivo de 1899, o idoso sábio de setenta e seis anos entrou na sala de inscricção da universidade juntamente com os alunos do último curso e registrou o seu nome — Lord Kelvin, Aluno Pesquisador. Por fim se tornara bastante sábio para abster-se de ensinar. De ora em diante se limitaria a aprender.

E então o mais sábio dos mestres, a Morte, veio buscar esse aluno em seu octogésimo terceiro ano e conduziu-o ao Grande Laboratório para o último Experimento.

(Do livro "Vidas de grandes cientistas".)

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLETT-ZEFERINA
A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marrom e havaiana.

De ns. 33 a 38 - Preço: Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiro, fivela niquelada. Elegante Anabela de borraça. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilha, havaiana e marrom, solado de borracha. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borraça.

Preto e marrom. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 165,00

Modelo CASTELO

Ótimo para homens elegantes. Inteiro de sola de borraça, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 120,00

Modelo SIDNEY

Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiro e fortíssimo. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00



E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia.
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte

VARIZES
E HEMORRÓIDAS
Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Publicidade para a
"Revista da Semana"

em São Paulo:

Tratar com
JARBAS DE FREITAS

GALVÃO

★

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º And. Sala 217

Fone: 8-6718

A VIDA DE PASTEUR

(Cont. do núm. ant.)

E a sua paciência teve o prêmio merecido. Os sericultores experimentaram o remédio que indicara — e por toda parte conseguiram uma boa safra. Os agradecidos plantadores do Alais erigiram uma estátua em sua honra. Mas o que mais o orgulhou foi "a honra de ter aliviado, à custa de sacrifícios pessoais, uma desgraça que ameaçava a minha pátria".

V

Os sacrifícios pessoais deixaram gravada a sua história no rosto pálido e rugoso, e nos olhos tristes e severos de Pasteur. Os esforços empregados no interesse dos seus semelhantes eram recompensados com um salário insuficiente. E, por sua parte, ele não pedia mais do que lhe davam. Uma vez, ao visitar Napoleão III e a imperatriz Eugênia, os monarcas se mostraram surpresos ante a sua incapacidade de tirar vantagens financeiras dos trabalhos científicos. "Na França", respondeu Pasteur, "um cientista se rebaixaria trabalhando com o fito no lucro pessoal". E foi sem visar o lucro pessoal que ele empreendeu uma série de experiências sobre as enfermidades do vinho. Em um único ano, a indústria vinícola francesa perdera milhões de dólares em consequência do misterioso "azedamento" do produto. Depois de cuidadosa investigação do assunto, Pasteur descobriu que esse azedamento era causado pela ação de bactérias no líquido em fermentação. Agora, o problema era destruir as bactérias sem prejudicar ao mesmo tempo a qualidade do vinho. Empregou várias substâncias antissépticas, mas sem resultado. Então experimentou aquecer o vinho a diversas temperaturas — e fez uma descoberta sensacional. Elevando a temperatura do vinho a 55 graus centígrados (cerca de 131 graus fahrenheit), podia preservar a qualidade do produto e, ao mesmo tempo, destruir o veneno das bactérias.

Tal foi a origem do processo, hoje universalmente adotado, da pasteurização — processo que não se aplica apenas ao vinho, mas também a muitas outras variedades de alimentos e bebidas sujeitas a deterioração, particularmente o creme e o leite. Se o mundo hoje desfruta mais alto nível de saúde que o conhecido em gerações anteriores, não pequena parte do mérito deve ser atribuída à paciência de Pasteur no estudo da fermentação do vinho.

VI

"Ajudar a humanidade" era o objetivo principal da sua vida. Pasteur alimentava a esperança de uma época de melhor saúde, aspirações mais elevadas, e maior compreensão entre os homens. "A cooperação moral pela ciência internacional". Mas em 1870 o kaiser Guilherme I e o seu chanceler do punho sangrento proclamaram uma doutrina diferente — "a glorificação da força e a extinção da justiça moral". E o exército de ambos começou a pôr em prática essa doutrina.

Quando o exército alemão invadiu a França, Pasteur ofereceu os seus serviços ao país, mas a paralisia parcial inabilitava-o para a luta. Mostrou, contudo, o seu desprezo à loucura militar germânica devolvendo um diploma honorário de Doutor em Medicina, que recebera da Universidade de Bonn. "Obrigame a consciência", escreveu ao diretor da Faculdade de Medicina, "a pedir-vos que risqueis o meu nome dos arquivos da vossa universidade e receba de volta este diploma, como sinal da indignação provocada num cientista francês pela barbárie e hipocrisia daquele (o kaiser Guilherme) que, para satisfação do seu criminoso orgulho, se obstina em dizimar duas grandes nações". E a resposta de Bonn veio redigida com a arrogância característica do agressor: "M. Pasteur — o signatário, atual diretor da Faculdade de Medicina de Bonn, cumpre com o dever de revidar ao ultraje que ousastes cometer contra a nação alemã na sagrada pessoa de seu augusto imperador, o rei Guilherme da Prússia, trazendo-vos a expressão do seu máximo desprezo... P. S.: Desejando conservar isentos de mácula os seus arquivos, a Faculdade devolve inclusa a vossa carta".

Pasteur observou com amargura as depredações praticadas pelo exército invasor, cuja norma de procedimento, formulada por Bismarck, era "não deixar aos habitantes do território ocupado senão os olhos para chorar".

Além da mágoa causada pelos sofrimentos gerais, Pasteur tinha também um motivo de ansiedade pessoal em seu filho, que se alistara no exército francês e agora combatia sob as ordens do general Bourbaki. Chegou-lhe aos ouvidos a notícia de que Bourbaki sofrera desastrosa derrota e que o seu exército fugia acossado pelos alemães. O valetudinário cientista e sua esposa partiram em busca do filho — esperando, contra toda esperança, encontrá-lo ainda no número dos vivos. Deixaram Arbois numa velha e desconjuntada carruagem — o único veículo disponível no momento — e seguiram, pela campanha coberta de neve, a rota do exército em retirada. Por toda parte, as estradas estavam juncadas de cadáveres. Por toda parte, soldados feridos e doentes, com as roupas a cair em frangalhos do corpo enregelado, mendigavam alimento e um cobertor para agasalhar os ombros. E por toda parte um ançião aflito repetia constantemente a mesma pergunta: "Não viu o sargento Pasteur?". E a invariável resposta era um gesto negativo. Ninguém sabia se o sargento Pasteur estava morto ou vivo. "Só o que lhes posso dizer", acrescentou um dos soldados transviados, "é que dos mil e duzentos homens do seu batalhão de caçadores, restam apenas trezentos".

Escassa probabilidade de tornarem a ver o filho...

Mas, por fim, luziu um raio de esperança. A carruagem quase desfeita acabava de entrar em Pontarlier. Um grupo de soldados tiritava junto a uma fogueira. "O sargento Pasteur? Sim, vimos-lo ontem... Ainda está vivo, mas muito mal... Talvez possam encontrá-lo no caminho de Chaffois..."

Saíram de Pontarlier na direção de Chaffois. Pelo ca-

minho gelado, rodava um carro. Dentro dele, sobre um feixe de palha, jazia um soldado coberto com um capote esfarrapado. Estava muito escuro para distingui-lo as feições. O ansioso cientista dirigiu-se ao condutor do carro. "Não viu o sargento Pasteur?".

O soldado ergueu a cabeça.

— Foi! Mãe!

Restabeleceu-se das feridas, reincorporou-se ao regimento, e sobreviveu à guerra. Um grão de conforto na vida amargurada de Pasteur.

VII

Depois da guerra, Pasteur continuou a sua voluntária missão de vencer a enfermidade. Em suas pesquisas sobre a peste do bicho-da-seda e a fermentação do vinho, descobriu um princípio fundamental — que em cada um desses casos a moléstia resultava da presença de microrganismos, ou germes, venenosos. Por que não aplicar esse princípio no tratamento das moléstias humanas?

Pasteur andava particularmente interessado em aplicar as suas idéias à cirurgia. A mortalidade consequente às operações cirúrgicas era apavorante. Na grande maioria dos casos, a decisão de operar um paciente equivalia a uma sentença de morte. "A ferida aberta", como advertiu Pasteur numa reunião da Academia de Medicina, "fica exposta a milhões de germes, provenientes do ar, das mãos do cirurgião que realiza a operação, das esponjas que banham a ferida, dos instrumentos que a tocam, e das ataduras que a cobrem".

Quando os membros da Academia Francesa ouviram essas palavras, sorriram consigo mesmos, sacudiram a cabeça e continuaram a matar os seus pacientes com os "bons métodos antigos". Na Escócia, contudo, houve um homem que escutou a advertência de Pasteur. Era Joseph Lister, professor de cirurgia na Universidade de Edimburgo. Seguindo o conselho de Pasteur, submeteu cada objeto relacionado com a operação — as suas mãos, os instrumentos cirúrgicos, as esponjas, as ligaduras, e até a área circunvizinha — a uma cabal desinfecção pelo ácido fênico. E com esplêndidos resultados. Dentro de dois anos, tinha reduzido a mortalidade nos seus casos cirúrgicos de noventa por cento a quinze por cento.

Sem embargo, os cirurgiões da Academia Francesa continuavam resistindo obstinadamente à teoria da desinfecção de Pasteur, mesmo em face dos resultados obtidos por Lister na aplicação dessa teoria. Era uma idéia nova e, portanto — argumentavam — uma idéia má.

Quanto a Pasteur, estava pronto para aceitar e defender qualquer idéia — especialmente no terreno da medicina — desde que fosse corroborada por fatos suficientes. "Os fatos relativos à cirurgia demonstraram, sem sombra de dúvida, que mais de um paciente morre pela ação deletéria do Infinitamente Pequeno". E assim Pasteur lançou uma cruzada para eliminar uma dupla fonte de infecção — o micróbio físico, que atacava o corpo humano, e o "micróbio mental", que tolhia o espírito humano. "Obrigá-los, ei a ver, mesmo contra a vontade", — dizia repetidas vezes, referindo-se aos adversários. "Eles têm que ver!". Certo dia, um membro da Academia de Medicina dissertava perante os colegas a respeito da febre puerperal (ou das parturientes) — uma doença que, só no Hospital da Maternidade de Paris, matara trezentas mulheres em 1864. O conferencista expunha as suas idéias sobre a causa dessa febre, quando uma voz o interrompeu:

— Qual, histórias! Não é nada disso a que o senhor se refere; são os médicos e enfermeiras os responsáveis pela febre puerperal. Eles matam as mães transportando o micróbio das pacientes infectadas às sãs!

— E pode dizer-me — perguntou sarcasticamente o conferencista — que aspecto tem o seu micróbio?

Pasteur dirigiu-se ao quadro-negro, tomou um pedaço

de giz, e rapidamente esboçou os contornos de um organismo em forma de cadeia.

— Pronto, é este o aspecto do micróbio.

A reunião se converteu em tumulto. Os médicos mais velhos teimavam que Pasteur era um intruso, um amador, um homem que absolutamente não entendia de medicina e que devia voltar para os seus preparados químicos e cadinhos. Os mais moços, entretanto, escutaram-lhe as palavras. Pouco a pouco foram implantando seus métodos de esterilização, até que, segundo observa um dos biógrafos de Pasteur (L. Descours), "os hospitais de maternidade cessaram de ser as antecâmaras da morte".

VIII

Pasteur continuou a confundir os reacionários, atrair vitupérios contra si, e travar as suas batalhas científicas pela preservação da vida. Graças ao seu metódico processo de repetida experimentação, descobriu o princípio da imunização de uma pessoa contra a forma violenta de uma enfermidade pela inoculação de uma forma benigna do mesmo mal. Este singelo método de transformar um vírus em vacina tem salvo um número incalculável de vidas.

Efetuada a primeira aplicação dessa descoberta no combate à praga do carbúnculo — uma febre mortal do baco — que ameaçava exterminar os rebanhos ovinos e bovinos da França. No decorrer de suas pesquisas nesse terreno, foi obrigado, como sempre, a combater não apenas contra a virulência da praga, mas também contra a virulência igualmente pertinaz dos preconceitos humanos. Em uma das sessões da Academia de Medicina, Pasteur acusou os seus adversários de malevolência e estupidez. Neste ponto, um dos médicos, o dr. Jules Guérin, pulou da cadeira e arremeteu contra Pasteur. Um outro membro da Academia conteve o belicoso médico, mas a reunião findou num tumulto geral.

No dia seguinte, Guérin desafiou Pasteur a um duelo. Mas Pasteur rejeitou o desafio. "A minha missão é curar", disse, "e não matar".

E então veio o mais dramático episódio da sua missão de curar — a famosa batalha contra a hidrofobia. Havia alguns anos que ele vinha ensaiando a inoculação da saliva de cães raivosos em coelhos sãos. De quando em quando variava as experiências, sujeitando diretamente os coelhos às mordidas dos cães hidrófobos. Certa vez, um enorme buldogue, embora enfurecido pela dor e com a boca a espumar, negou-se obstinadamente a morder o coelho introduzido na sua gaiola. Seria preciso extrair a saliva da boca do cão e injetá-la no coelho, decidiu Pasteur.

Amarraram firmemente o cão sobre uma plancha e Pasteur, com um tubo de vidro na boca, inclinou-se para o animal. "Esse", escreveu um espectador, "foi o momento supremo da vida de Pasteur". Calmamente, como se ignorasse que estava cortejando a morte, sugou para dentro do tubo a pegonhenta saliva. Então, depois de ter recolhido suficiente quantidade de veneno no tubo, virou-se para os seus ajudantes. "Bem, senhores, agora podemos continuar a experiência".

Alguns meses depois desta experiência um menino alsaciano, Joseph Meister, foi mordido por um cão hidrófobo. Sua mãe, a conselho do médico local, levou-o a Pasteur. Ali estava a oportunidade de experimentar num ser humano o soro anti-rábico, que tão bons resultados produzia em animais.

Pasteur, contudo, hesitava. Como poderia ter certeza que o seu remédio produziria efeito? Não estava dentro do possível que a inoculação, em vez de preservar a existência da vítima, introduzisse nela uma forma ainda mais violenta da enfermidade? Estaria ele justificado em correr esse risco, principalmente em se tratando da vida de outra pessoa?

Resolveu arriscar. E venceu. A noite seguinte à última inoculação foi uma noite de insone terror para Pasteur, mas de sono tranquilo para a criança. Passaram trinta e um dias, e não se apresentou nenhum sintoma de recaída. O menino estava completamente curado. Pasteur vencera a hidrofobia.

IX

Apesar de numerosas distinções tardias — eleição para a Academia, a Cruz da Legião de Honra, medalhas, fitas, diplomas, banquetes, ovações, desfiles — Pasteur continuou a ser um modesto pesquisador da verdade. Sua popularidade atual espantava-o tanto como o antigo descrédito. "Não compreendo por que fazem tanto estardalhaço por minha causa". Escolhido pelo governo para representar o seu país no Congresso Médico Internacional de Londres, entrou em St. James's Hall no meio de uma tempestade de aplausos. Ignorando que as aclamações eram dirigidas a ele, virou-se para os seus acompanhantes. "Deve ser o príncipe de Gales que está chegando. É pena que eu não tenha vindo mais cedo".

Voltou a Paris e ao seu trabalho no Instituto Pasteur — um hospital construído em sua honra e destinado a combater as moléstias infecciosas. E ali passou o resto dos seus dias no "humilde esforço por dilatar as fronteiras da vida", de acordo com a sua expressão.

O seu septuagésimo aniversário foi comemorado como uma data nacional. Pasteur assistiu a uma solenidade em sua honra na Sorbonne. Estava muito fraco, entretanto, para poder agradecer pessoalmente aos delegados que tinham vindo de vários países a fim de tomar parte na comemoração. Pediu a seu filho que lesse o discurso por ele. "Senhores... vós me proporcionais a maior felicidade que pode ser experimentada por um homem cuja fé inabalável é que a ciência e a paz hão de triunfar sobre a ignorância e a guerra... Nunca vos deixeis desanimar pela tristeza de certas horas que passam pelas nações... Tende fé em que as nações hão de aprender a unir-se, mas para a destruição, mas para a cooperação, e que o futuro pertencerá, não aos conquistadores, mas aos salvadores da humanidade..."

Foi a derradeira mensagem de Pasteur ao mundo

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS!

Por que V. S. deve usar o **OLEO MAC BIR**



O **OLEO MAC BIR** devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTÉM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo **Reembolso Postal**
Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00
Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS



SEDE PRÓPRIA DA «METRÓPOLE»
RUA DA ASSEMBLÉIA, 51 - 10.º e 11.º

OPERA NAS SEGUINTE CARTEIRAS:

VIDA, INCÊNDIO,
TRANSPORTES
(MARÍTIMOS E
TERRESTRES),
AUTOMÓVEIS,
ACIDENTES
PESSOAIS E
ACIDENTES DO
TRABALHO



FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS
OS ESTADOS DA UNIÃO

RUA DA ASSEMBLÉIA, 51 - A 10.º e 11.º and.

(SEDE PRÓPRIA)

FILIAL DO DISTRITO FEDERAL

AVENIDA RIO BRANCO, 110 1.º

CHURRASCO

Havia no grupo dos gaúchos do "35" um trovador. Assim são chamados os cantores típicos do Rio Grande — verdadeiros poetas natos — que cantam de improviso. Se o cantar é uma saudação, ou a narração de uma história qualquer, toma o nome de "trova". Se é uma discussão entre os dois trovadores — um fazendo perguntas ao outro ou picando-se mutuamente — tem a denominação de "porfia" ou "desafio". O desafio é curioso porque o trovador deve iniciar seu canto com as últimas palavras ditas pelo adversário. E assim vão-se contrapontando, até um deles errar o verso, não poder completá-lo ou não ter resposta para uma pergunta feita. Não é necessário dizer que, quando se encontram dois grandes trovadores, o desafio se prolonga por horas e horas. É um verdadeiro "torneio de inteligência", para o qual é necessário haver um dom especial, que parece ter vindo desde o berço. As vezes deparamos com campeiros rudes, sem instrução alguma, cantando sem cessar o que lhes brota da alma, com uma perfeição e inspiração encantadoras. Já outros trovadores, mais cultos, podem nos apresentar preciosidades poéticas que deixariam "de rédea no chão" muitos de nossos intelectuais. Tornou-se conhecida a resposta dada, em trova, por Pereira Fortes, um dos cantadores da beleza do pampa, quando lhe perguntaram o que era o Infinito.

Não tenho curso de escola,
Mas satisfaço a assembléia...
O infinito é o grande pampa
Onde ando campeando a idéia.
É o campo azul, sem porteiras,
Alambrados, nem cancelas,
Onde a lua-cheia para
O seu rodeio de estrelas.

Explicando alguns termos regionais: "campear" é procurar; "alambrados" são as cercas de arame que dividem as fazendas; "parar rodeio" é reunir todas as rézes, num tópo de cochilha, para ali proceder-se à faina campeira.

Mas deixemos de divagações e voltemos à nossa ilustre visitante. Encontramos Marina rodeada pelos associados do "35", todos trajando as roupas que costumam usar nos serviços campeiros. Marina, curiosa, indaga sobre tudo. Quer aprender a dar os nós de lenço típicos, os quais apresentam as mais variadas formas. Não simples, no Republicano, Crioulo, Assis Brasil, Farroupilha, de Três Galhos, etc. Uma das gaúchinhas, em gracioso vestido de chita, narra à visitante como vivem as camponesas do sul, seus afazeres e diversões. E a reunião se torna cada vez mais animada. Mas eis que, ao acorde longo de uma cordeona, rompem os violões, e alteia-se uma voz forte, gritante. É o trovador Vitor Melo Ferreira:

E eu já vou sair cantando
Como canta a caturrita:
Dando um viva a todas moças,
A esta vestida de chita;
Viva a Dona Margarida,
Por sua filha tão bonita!

Explicaram a Marina que o gaúcho cantava de improviso. Cléia Barros achegou-se mais para perto da música. Fez-se completo silêncio. E o trovador continuou. Saudações a Marina. Cléia Barros "és uma glória do Rio Grande". O prazer que a carioquinha dava aos gaúchos com a sua presença. Vida campeira. Desdidas de gaúcho. E não cessava aquela torrente de rimas, meu Deus! Se não fosse um significativo sinal de um dos companheiros, o trovador cantaria a tarde inteira. E, naquela ocasião, o cheirinho do churrasco estava mechendo com o apetite dos ouvintes: quando o estômago fala, os ouvidos ficam surdos. De sorte que, com um viva ao Distrito Federal, o trovador suspirou um ponto final. Palmas! Muito bem! E já surgiram os espetos com o churrasco quentinho. As facas pularam da bainha, procurando os pedaços mais lindos do assado. Ofereceram a Marina, "para começar", um espeto com carne de costela.

— Onde está o garfo, gaúcho? — pediu a mais bela carioica.

— Que garfo nem nada, prenda... — foi a resposta. — Há um ditado muito conhecido que diz: "Costela? Unha com ela!"

E Marina seguiu o ditado às mil maravilhas...

CANINHA DE SANTO ANTONIO

E a festa se prolongou pela tarde afóra. Marina ficou conhecendo muita coisa dos hábitos e costumes gaúchos. Envergou o traje típico dos campeiros rio-grandenses. Passeou a cavalo, pelos arredores, avistando os arranha-céus de Porto Alegre ao longe. Dansou as ranchinhas, chotes e mazurquinhas do sul. Ouviu as canções mais populares do Rio Grande, cantadas em coro, sobressaindo a voz-encanto de Cléia Barros. Lá pelas tantas, um gaúchinho aproximou-se de miss Distrito Federal e apresentou-lhe um copo feito de chifre:

— Sirva-se...

— Que é isso? — indagou, surpresa, a lourinha.

Explicaram-lhe que, entre os muitos utensílios que o gaúcho sempre leva consigo, nas viagens, encontramos um copo de chifre, às vezes apenas ornado com desenhos a fogo, outras vezes ricamente bordado de prata.

Neste copo o gaúcho mata a sede, nas cavalgadas. Possui uma rolha fixa, também de chifre, de maneira que ali pode ser guardado qualquer líquido, sem perigo de perdê-lo.

— Sirva-se... — repetiu o gaúchinho.

— Mas o que é que há aí dentro? — perguntou Marina, mais desconfiada ainda.

Com uma risada gostosa, o garoto explicou:

— Água que passarinho não bebe...

Era a famosa caninha de Santo Antônio da Patrulha, célebre nos contrabandos para o Uruguai. Marina não quis provar.

— Mas é das boas, dona...

Um momento de dúvida. O gaúchito subiu a uma pedra e levou o copo até os lábios da carioquinha, insistindo mais uma vez:

— Não sabe o que está perdendo...

— Bem, já que insiste...

Marina deu um gole. Uhn!... Uma caretinha de quem não tinha gostado. Mas... provou outra vez, para se certificar se não tinha gostado mesmo...

— Não prove a terceira vez, moça — aconselhou o garoto, contente pela façanha. — Isto sobe que nem água do Camaqui em chubarada de agosto...

★

O sol ia se atirando por sobre as águas do Guaíba quando a festa terminou. Um dos rapazes, em nome do "35", ofereceu à Marina um "souvenir" do Rio Grande. Em miniatura, ali estavam, trançadas em finíssimo couro, as armas típicas do gaúcho: o relho, o laço, e as boleadeiras (arma constituída por três bolas de pedra unidas por cordas, com as quais os campeiros derribam animais em disparada).

— "Que estas armas não sejam abandonadas por ti, Marina, é o nosso desejo — disse o gaúcho. — Estas boleadeiras, aliadas à tua beleza, poderão derrubar e prender quem quer que seja. E' com este relho que, aqui no sul, sabemos ensinar a quem feriu nossa honra. E o laço, que tens agora em tuas mãos, levará o coração gaúcho fortemente amarrado ao coração do povo carioica".

Marina, com sua graça sem par, agradeceu a homenagem. E já se ia retirando, quando, mais uma vez, parou. Lá no fundo, encostado ao tronco de uma figueira, o trovador, abraçado a um violão, continuava cantando:

Adeus, linda carioquinha!
Por tudo, muito obrigado!
Aos nossos irmãos do Rio,
Leva um abraço apertado;
Cá na terra ou lá no céu,
Contem com este criado...



STANDARD
CR\$ 150,00

FEDERAL
CR\$ 200,00

INCA
CR\$ 300,00

AMERICA
CR\$ 200,00

CAPITAL
CR\$ 300,00

BRASIL
CR\$ 350,00

ANEL ZODAICO

Com signo e pedra do teu mês de nascimento que interpreta todo mistério da astrologia.

Em prata com ouro e todo em ouro com platina. Única privilegiada por lei.

Fábrica de Jóias AZTECA

Rua Regente Feijó, 18, Rio

PARA TODO O BRASIL PELO REEMBOLSO

PROCURA-SE REVENDEDORES

Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um anel

Modelo Data do nase. Medida

Nome

Rua

Cidade (correio local)

Estado

R.S.

MEDIDA DO DEDO

4 7 0 3 19 21 24 27 30

Cortar e enrolar no dedo.

UMA CARIOCA NOS PAMPAS

(Continuação da pág. 35)

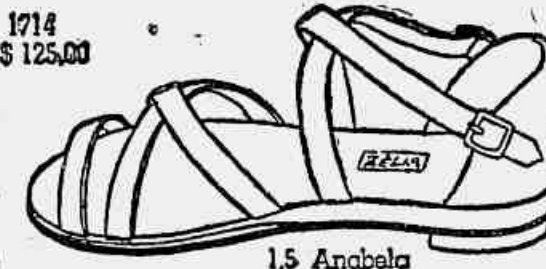
Depois dela, tocou a este modesto reporter o prazer de saborear a célebre bebida dos pampas. E enquanto ia sorvendo-a, a tragos calmos, recordei — não sei porque! — as estrofes de Vargas Neto:

"Quando ela toma um gole antes de mim,
E deixa a boca como uma flôr colorada
Na haste branca da bomba,
E fica assim... sem dizer nada...
Depois, que mate bom!"

Sempre ouvi dizer que o mate excita a imaginação...
Bebida estranha...



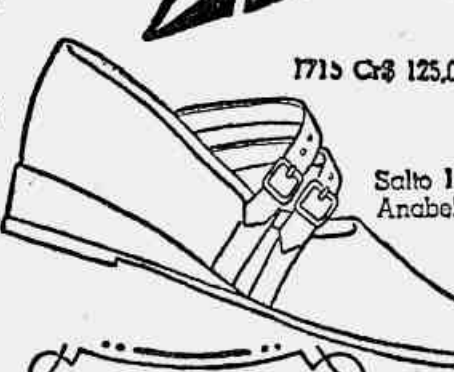
1714
Cr\$ 125,00



1.5 Anabela



1692
Cr\$ 180,00



1715 Cr\$ 125,00

Salto 1,5 Anabela



1718
Cr\$ 180,00



1711
Cr\$ 100,00

Calçados ZELIA

Temos em camurça e peiça em diversas cores

Aceitamos encomendas pelo Reembolso Postal

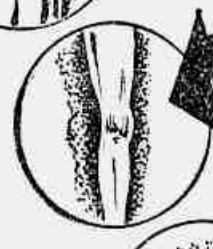
★

Av. Gomes Freire, 29-sob.
Telefone 22-2753 — RIO

NOME

ENDEREÇO

CIDADE EST.



ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN

Nº 6

A MULHER

SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

QUE SERA' QUE
ELE FARIA?



LIVRAR-ME-EI
DESTAS ROUPAS



FUGIU E NÃO PUDE VÊ-LO DIREITO...



SCARLET NÃO ESTAVA EM CON-
DIÇÕES DE PERSEGUIR O ASSASSINO



ESTE HOMEM É
UM ASSASSINO
BRUTAL E
SEM ESCRUPULOS!

LEMBRO-ME AGORA, UM MENINO
ESTAVA COMIGO, TERIA TAMBÉM
SIDO ATROPELADO

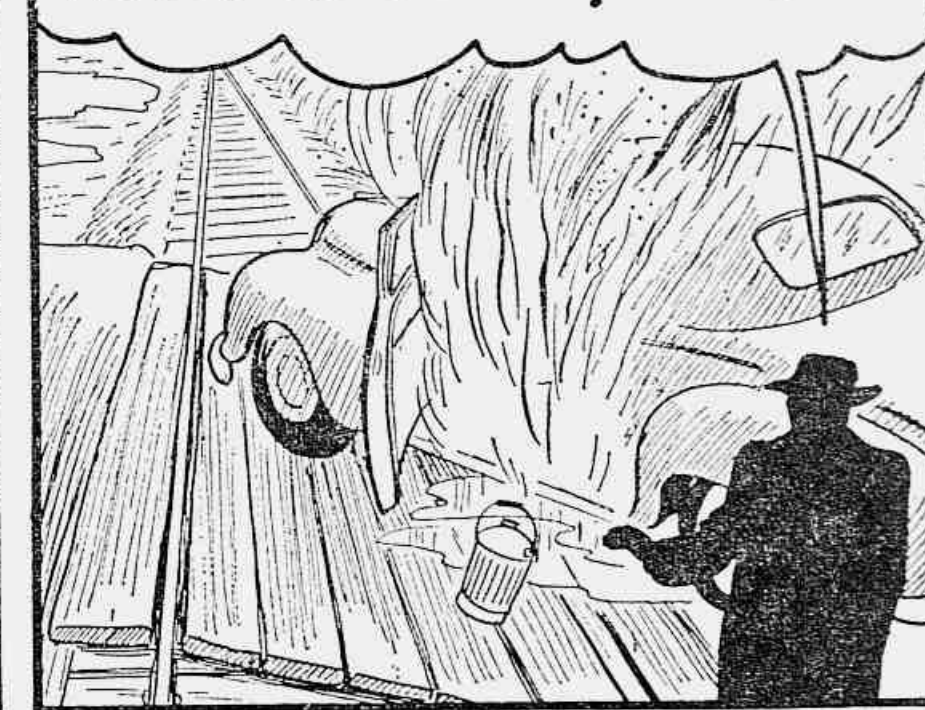


SCARLET FICA VISIVEL OUTRA VEZ
APERTANDO O NERVO DO PULSO.

EU TIVE MUITA SORTE. ERREI
QUANDO ROUBEI O CARRO.
TENHO PENA DOS DOIS
INFELIZES.



PRECISO DESTRUIR O CARRO.
ADEUS AO CRIME!



NUNCA QUIS SER CRIMINOSO.
AMO O PALCO.
NINGUEM SUSPEITARA'.



A MINHA UNICA PISTA É ESTE
RECORTE DE JORNAL SOBRE
UMA "TROUPE" DE ARTISTAS



NÃO NOS TERIA ATIRADO NA
CALDEIRA SE NÃO NOS
JULGASSE
MORTOS.



O CARRO FOI ENCONTRADO,
NINGUEM ACUSOU O DESA-
PARO DE UMA CRIANÇA.



A BIBLIOTECA

(Continuação da pág. 6)

ro ato que se refere à Biblioteca e que consta de seus registros é do ano de 1810. Era no tempo em que para se consultar os seus livros tornava-se indispensável o consentimento real, quer dizer, no tempo em que era acessível a apenas meia dúzia de privilegiados.

Três acontecimentos, porém, tiveram grande repercussão na vida da grande coleção. Um foi a sua organização, em 1876, do que resultou passar a dispor de pessoal capaz para seus serviços. Os outros dois foram a Exposição Camonianna de 1880 e a Exposição de História, em 1881.

E' difícil falar nas obras raras, nos exemplares únicos, naqueles artisticamente trabalhados, encerrando uma multiplicidade de experiência nas artes, nas ciências, na arquitetura, na escultura, na pintura, na história, na literatura, uma riqueza inimaginável ao primeiro relance. E' um nunca acabar, pois em mais de dois milhões de publicações, têm que existir milhares de obras raras e de valor, por este ou aquele motivo. Basta dizer que não existe um catálogo completo de todas as obras, o que constitui uma grave falha e traz dificuldades à administração. Mas, trata-se de um problema que, naturalmente, mais dia menos dia, será superado, como o tem sido muitos outros. Lembremo-nos de que a Biblioteca vem do tempo em que ler à noite não era uma das coisas muito agradáveis, uma vez que não havia luz elétrica, coisa anunciada para breve a inauguração nas salas da biblioteca aí por volta de 1885. Hoje, tal problema parece, aos que desconheciam aqueles tempos, uma banalidade sem maior interesse. O que constitui, propriamente um tremendo "abacaxi" para a administração atual e, no passado também, são os livros fora de seus lugares. Em geral, são livros praticamente perdidos, pois, torna-se impossível achá-los, quando deles se necessita. E essa é a dor de cabeça de qualquer administração, para não falar dos pobres bibliotecários.

UMA AMOSTRA DAS RARIDADES EXISTENTES

Mas, não podemos deixar de dar uma ligeira amostra de que gênero são essas raridades. Ligeira amostra, apenas, pois que seria impossível citar todas, sem organizarmos um verdadeiro catálogo, coisa evidentemente muito fora do objetivo desta reportagem.

O mais importante incunábulo — pois que assim se denominam esses documentos — da Biblioteca, é uma Bíblia, que traz o número 1 no Catálogo dos Címélos da Biblioteca Nacional. Trata-se de uma edição de Moguncía, de 1462, e é a primeira Bíblia que "traz data, lugar de impressão e nome do impressor", impressão que é ainda hoje apontada como uma obra prima da arte tipográfica. Veio para o Brasil com a Biblioteca Real de D. João VI, em 1808 e é a única que contém um valioso autógrafo em torno de uma questão suscitada por causa da venda do exemplar. Aliás, a Bíblia é em dois volumes e há na Biblioteca uma duplicata, não exatamente igual, mas de qualquer modo uma duplicata. Chega, porém, de Bíblia, que sobre esta escreveríamos um verdadeiro volume. Citemos outro documento raro — um autógrafo de Napoleão, numa carta credencial ao conde Défermon para negociar com o plenipotenciário do rei da Westfália. Nem repisemos a existência da Carta de Pero Vaz Caminha, dando notícias do Brasil, coisa sabida, dita e redita, a respeito de que ninguém já terá deixado de ouvir referências, nem falemos de um curioso manuscrito japonês, contendo um romance e ilustrações. Dessas coisas e de outras, quem quiser se informar deve aprender a frequentar a Biblioteca, que terá aí com que se ocupar durante toda uma vida, por maior que ela seja. Existe uma valiosa coleção de Dührer, mas são ninharias diante do número de coisas raras lá existentes. Falemos, apenas, para quebrar a aridez desta conversa, da "História da Sêca do Ceará", edição de 1883, exemplar apresentado como espécimen de arte tipográfica daquela época. E vamos parar por aqui, que jamais terminaríamos as citações e isso tudo quanto dissemos não

passa de gota d'água de todos os oceanos. Remetemos os interessados ao Catálogo dos Címélos ou mesmo ao diretor Josué Montelo ou algum bibliotecário mais paciente.

OS INIMIGOS DA BIBLIOTECA

Inimigos de livros há muitos. Não são apenas os que não lêem ou as traças. Na Biblioteca Nacional outros podem ser mencionados, como os máis leitores, os que rabiscam, anotam e deixam suas observações nos volumes que folheiam, ou os que, de leitores nada têm, e que ali vão debruçar-se e dormir sobre as mesas, só comparáveis com os que rasgam as folhas dos livros ou levam estes para casa e não mais os devolvem. Mas, para a administração da Casa, o leitor que procura nos livros apenas uma recreação ociosa, isto é, aquele que não vê no livro um instrumento de cultura, é também um elemento indesejável. Não tão nocivos, mas simplesmente curiosos são os que ali vão procurar obras que nunca existiram, obras de que ninguém jamais ouviu falar, e que se rebelam contra bibliotecários e demais funcionários por que não podem ver seus desejos satisfeitos.

A fim de recuperar e conservar muitas obras valiosas ameaçadas de se perderem, a atual administração providenciou a instalação de cinco estufas para expurgo e desinfecção de livros e gravuras e a instalação de um laboratório de microfilmagem. O primeiro desses laboratórios já conseguiu salvar 157 gravuras de Dührer, talvez a mais rica coleção do mundo no gênero, no valor cada uma de cem mil cruzeiros. A microfilmagem destina-se a prestar um grande serviço, pois, graças a ela, milhares de obras poderão ser reproduzidas e enviadas a interessados distantes da capital do país, mediante apenas o pagamento do material e do porte. Um volume de duzentas páginas, por esse processo, custará apenas quatro ou cinco cruzeiros. Além disso, a catalogação da Biblioteca constitui um problema em foco e para isso já foram admitidos, recentemente, cinquenta novos funcionários. Mas, esses são detalhes que interessam mais à administração do que propriamente ao público. O que interessa a esse é talvez a notícia de que dentro em breve será inaugurada, ali, a Sala Varnhagem, onde serão reunidas todas as obras sobre o Brasil, o que facilitará o trabalho dos consulentes e dos encarregados de servir o público. E serão publicados os "Anais" e serão reformadas tais e tais coisas, que tais reformas e tais iniciativas constituem os programas das administrações, pois que deles dependem o funcionamento da Biblioteca que — digamos de passagem — se dá até aos domingos.

BIBLIOTECA PÚBLICA E BIBLIOTECA NACIONAL, COISAS DIFERENTES

E eis uma revelação que talvez pareça mais uma questão fomal do que outra coisa: a Biblioteca não é uma biblioteca pública. Sim. Isso quer dizer que ela não é uma casa de livros destinada a "atender à curiosidade média do conhecimento", criando maiores facilidades aos leitores em geral, chegando até ao empréstimo a domicílio. O que ela é, realmente, ou o que desejam que ela seja, os entendidos e administradores e outras autoridades, é uma Biblioteca Nacional, onde não se cogita apenas do leitor atual, mas do leitor que haverá de vir no futuro, futuro de cem, duzentos e mais anos, quando as obras que ela guarda se constituirão em instrumentos de consultas para estudiosos.

Estamos fazendo uma reportagem e não vamos discutir tais distinções, mas parece que num país onde a maioria não pode comprar livros e onde pouco se lê, reservar milhões de livros com vista a leitores futuros parece algo fora da realidade ou do bom senso.

Voltando ao assunto é preciso, entretanto, frisar que a Biblioteca Nacional não perdeu suas características de biblioteca pública, e, daí, o movimento que ainda apresenta, com milhares de leitores de toda espécie que a frequentam anualmente, e não meia dúzia de sábios e eruditos. Felizmente, pois a verdade é que não temos tantos sábios e eruditos e, sim, muitos analfabetos e



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro "Receitas OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.



O Relatório da Companhia Docas de Santos

Acaba de ser divulgado, na íntegra, no "Diário Oficial", o relatório da Companhia Docas de Santos, do exercício de 1948. Nele se contém, acompanhada do balanço financeiro, estatísticas do movimento portuário e documentação das relações entre a Companhia e os órgãos do Governo, informações importantes sobre o desenvolvimento do grande porto e a normalização dos seus serviços. A ampliação das instalações e a nova aparelhagem concorreram decisivamente para evitar qualquer demora na atracação dos navios e facilitar a movimentação, sem nenhum embarco, dos 4.974.369 toneladas de mercadorias que por ali passaram. O programa de obras e aquisições, entretanto, prossegue, devendo no corrente exercício ser adquirido novo material considerado indispensável ao aperfeiçoamento dos respectivos serviços. Além de apresentar o balanço financeiro do exercício e estatísticas das importações e exportações, entradas de passageiros, de embarcações, etc., focaliza o relatório as medidas tomadas pela diretoria em benefício dos empregados, tais como: aumento do pecúlio aos herdeiros dos empregados que faleceram em serviços ativos; aumento de 5 para 10% da porcentagem inicial por tempo de serviço dos funcionários, correspondente ao primeiro decênio, sendo mantida a taxa de 5% para cada período de 5 anos; pagamento, desde abril de 1948, aos horistas e diaristas e um abono aos mensalistas, do descanso semanal remunerado, por acordo com o Sindicato de classe; manutenção de ambulatório para os portadores de tuberculose e suas famílias e ambulatório para acidentados, não obstante haver passado, a pedido do ministro do Trabalho, para a Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Serviços Públicos de Santos, o Ambulatório Gaffrêe-Guinle.

Muitas outras informações relevantes constam do relatório da concessionária do porto de Santos, pelas quais se constata a sua exatidão no cumprimento do contrato respectivo.

muita gente precisando de leitura barata ou de graça. E' verdade que alegam que devido à sua condição de biblioteca pública estão faltando ali muitas obras, como, para falar apenas em livros nossos. "O Mulato", de Aluísio de Azevedo, a primeira edição das "Memórias", de Humberto de Campos, "Verdades Indiscutíveis" e "Pasquinadas Cariocas", de Antônio Tórrès, enquanto "Fogo Morto", de José Lins do Rêgo está se desfazendo, em sua primeira edição, de tanto manuseio. Mas isso mostra que a Biblioteca está servindo aos interessados e que alguém anda lendo esses livros, embora tenham eles desaparecido da biblioteca. Sei que essa não será a opinião de Josué Montelo, mas que hei de fazer senão escrevê-la, se esta é a do reporter e isso ele deve dizer, como parte que é da reportagem... Em todo caso, estou com ele que "todo esse espólio precisa ser tratado com cuidados especiais" para maior rendimento dos próprios interessados, que afinal, somos todos nós, leitores do presente e do futuro.

O QUE NINGUÉM DESCONHECE

Não. Não conhece a Biblioteca Nacional que apenas vê de fora aquele casarão sossegado, onde parece que a vida morre nas escadarias. Ali dentro, há uma multidão de funcionários, que vos servirão se pedirdes uma bíblia famosa, um manuscrito envelhecido pelo tempo, um jornal, cujo papel já desbotou ou um "volante" anônimo que serviu à propaganda política de um candidato qualquer, pois que tudo quanto se edita, livros, jornais, revistas, etc., ali se faz representar. Há também nos seus corredores, nos salões, arquivos, fichários, estufas, laboratórios, indicações, relatórios, uma infinidade de serviços que dizem respeito

ao seu movimento, à sua vida. Seus corredores, suas salas de leitura, suas poltronas, guardam a lembrança de milhares de seres que por ali já passaram, à procura de conhecimento ou de simples distrações. Bacharéis, engenheiros, políticos, médicos, dentistas, doutores de todas as espécies, funcionários públicos, estudantes, às vezes simples namorados, para os quais todo aquele acervo de milhares e milhares de livros não passou de um local para o encontro amoroso, toda essa gente levou ali ou daí trouxe a sua contribuição. Não importa como tenham vivido, o que tenham sido ou que tenham pensado vida a fora. Eles justificaram, de qualquer modo, a existência da biblioteca, a busca de milhares de pesquisadores, de bibliófilos, o esforço de milhares e milhares de autores, de sábios e de cientistas, de todos os quadros da terra, de homens que não os conheceram e de quem eles jamais tiveram notícias. E' mesmo um acervo uma biblioteca, principalmente uma grande biblioteca. E' certo que muita gente desconhece essas particularidades, essas coisas que dizem respeito à vida de uma biblioteca e, desse modo, a essa Biblioteca Nacional, cuja origem devemos a Napoleão, de que foi D. João VI o primeiro diretor. O que ninguém, porém, no Rio de Janeiro desconhece é a fachada daquele casarão, em plena avenida Rio Branco, com suas enormes escadarias. Isso, principalmente essas escadarias, ninguém desconhece. Sim, ninguém desconhece aquelas escadarias que, durante anos e anos, têm servido ao carioca, como pósto de observação nos dias de desfile das formações militares, de jogadores de futebol, ou dos ranchos carnavalescos, e de onde se descortina parte dessa vasta arena que são as ruas de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Ah! Isso ninguém desconhece.



A equipe de profissionais do Torino F. C., desaparecida tragicamente no desastre. Da esquerda para a direita: Castigliano, Operto II, Grezar, Rigamonti, Bacigalupo e Loik. Ajoelhados: Gabetto, Martelli, Ballarini, Ossola e Mazzola

A TRAGÉDIA DE TURIM

FOTOS KEYSTONE

E COOU dolorosamente não só nos meios esportivos como em todas as camadas sociais do mundo inteiro a notícia do acidente ocorrido com o avião que transportava, de Lisboa para Turim, a equipe de jogadores profissionais do Torino Futebol Clube, que esteve recentemente em visita ao nosso País, realizando jogos amistosos no Rio e em São Paulo.

Componentes e reservas do "team" que se mantinha na liderança do Campeonato de Futebol Italiano, o técnico da equipe, de nacionalidade inglesa, além de um grupo

de jornalistas, e a tripulação do aparelho, pereceram nesse trágico desastre, um dos maiores da história da aviação civil da Itália.

O avião — segundo relatam os telegramas — voando a pequena altitude, dentro de um tempo tempestuoso, chocou-se contra a torre da Basílica de Superga, localidade situada nas proximidades de Turim, indo se projetar violentamente no pátio da referida igreja, incendiando-se em seguida.

TETRA-CAMPEÃO ITALIANO

O Torino F. C., com sede na cidade de Turim, ao norte da Itália, na região da Lombardia, era uma das mais fortes equipes italianas, já tendo conquistado por três vezes consecutivas o título de Campeão do Futebol Italiano.

O trágico desaparecimento desses jogadores constitui uma perda irremediável para o futebol peninsular, pois o selecio-

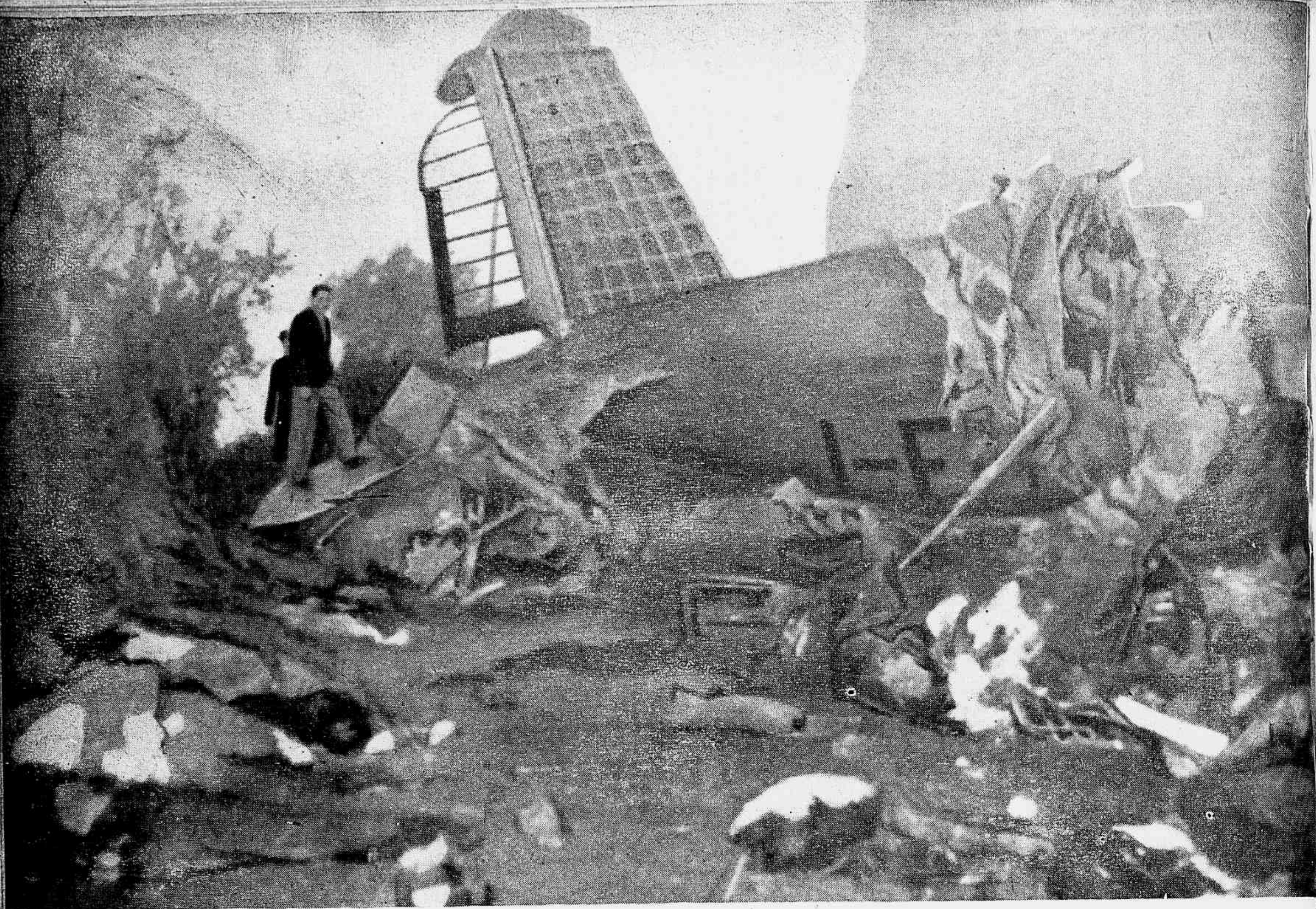
nado nacional, nos postos principais, foi sempre composto por elementos do Torino. Dos onze componentes do seu primeiro "team", seis deles pertenciam ao selecionado que deverá disputar o Campeonato Mundial desse esporte, a se realizar no próximo ano aqui no Rio de Janeiro.

O DESASTRE

Consoante despachos telegráficos procedentes da Itália, o acidente teria se verificado em consequência da chuva e nevoeiro. O aparelho, procedente de Portugal, viu-se

Aspecto do funeral, realizado às expensas da municipalidade de Turim. O lutuoso acontecimento sobrepujou rivalidades, tanto esportivas como políticas. Multidões das zonas operárias de Milão, Bolonha e Turim, acompanharam o féretro dos profissionais desaparecidos



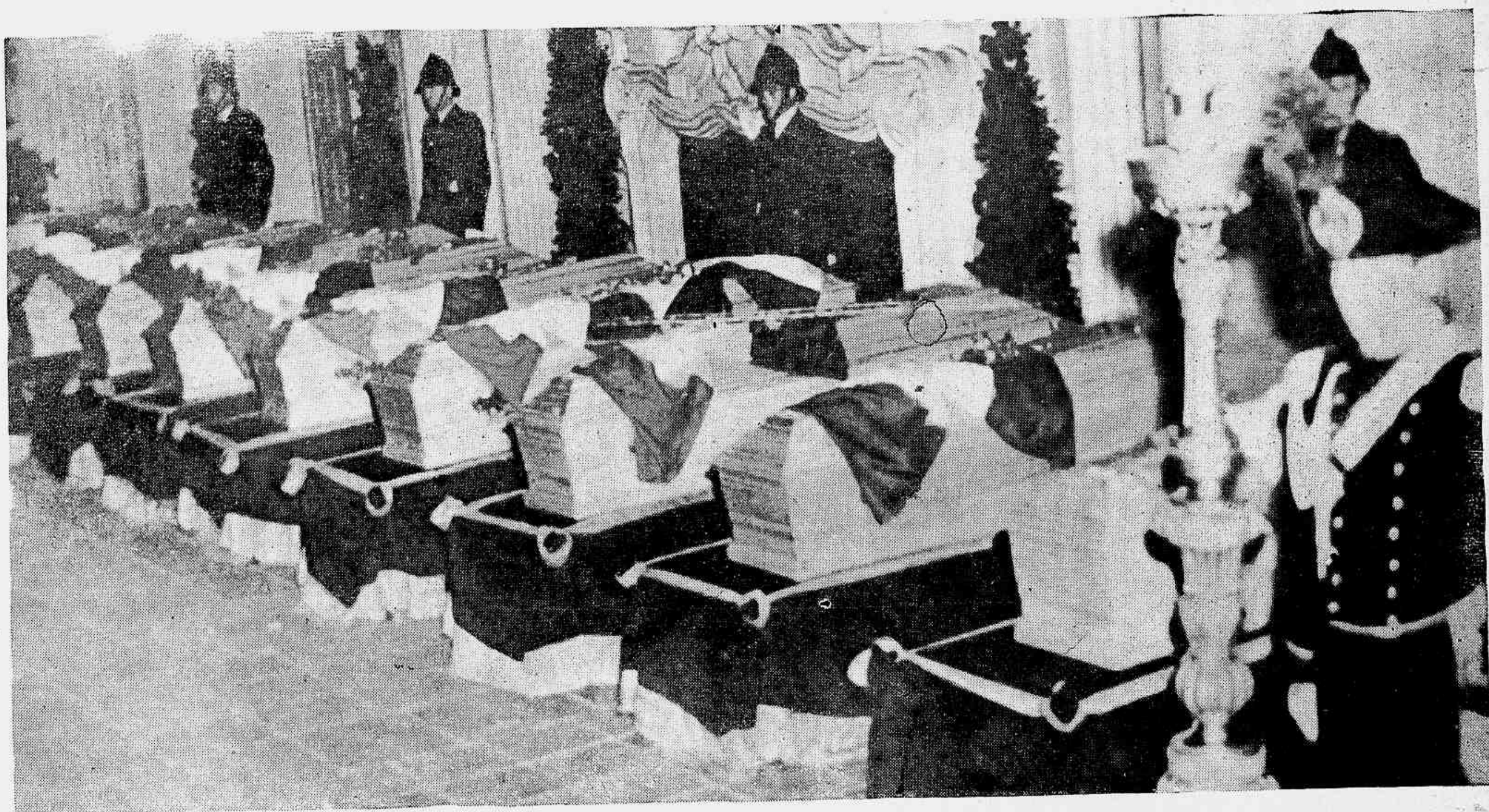


Duas fotos dos destroços do aparelho. Segundo relatam os telegramas, o avião — voando a pequena altitude — com forte nevoeiro, chocou-se violentamente com a torre da Basílica de Superga, nos arredores de Turim, projetando-se ao solo e incendiando-se em seguida.





Identificando os corpos carbonizados. Vinte e dois profissionais, três jornalistas italianos, e toda a tripulação do aparelho que procedia de Lisboa — onde o Torino F. C. realizara a sua última partida de futebol — encontram-se sob esses escombros



Aspectos da câmara ardente no interior do Palazzo Madama, em Turim. A equipe do Torino F. C. — tetra campeã da Itália — contribuiu com seis jogadores para a composição do seleccionado italiano, que deverá disputar o Campeonato Mundial, a se realizar em 1950 aqui no Rio





Membros das famílias enlutadas, em espetáculo pungente de agonia e dor, junto às urnas dos jogadores vitimados. Em baixo, a



progenitora de Ossola, à esquerda, e parentes dos mortos, em visita ao cemitério. Aspecto da multidão postada na entrada do campo santo, onde se encontram sepultados os componentes do melhor clube de futebol da Itália



em dificuldades não muito longe de Turim, nas imediações de Superga, cuja Basílica fica situada numa elevação. Caindo ao solo, o avião foi imediatamente envolvido pelas chamas e todos os seus ocupantes pereceram carbonizados.

A notícia do desastre causou profunda estupefação e grande consternação em toda a população italiana, que, como se sabe, considera o "calcio" o seu esporte nacional.

Nas grandes cidades, as edições especiais eram arrancadas das mãos dos jornalistas. Mais do que qualquer outra informação sensacional, essa catástrofe produziu uma emoção na Itália, e o próprio Senado suspendeu a sessão, em sinal de luto.

OS MORTOS

O quadro do Torino era uma das mais poderosas equipes de futebol do mundo, pois dele fazia parte a maioria dos jogadores que compunham a "Squadra Azzurra", por sua vez campeã mundial. Verdadeiras "ases" desse esporte, como Bacigalupo, Bailarin, Martelli, Rigamonti, Castiglione, Ossola, Mentti, Fadigi e Bongiorno, perderam a vida nesse desastre. O técnico britânico Leslie Livaeski, que durante a guerra treinou corpos de paraquedistas para os "comandos" da Grã-Bretanha, três redatores esportivos que acompanhavam a embaixada do Torino à Lisboa, e tripulação do aparelho desapareceram.

OS FUNERAIS

Os funerais das vítimas tiveram enorme concorrência. A tragédia sobrepujou rivalidades tanto esportivas como políticas. Multidões das zonas operárias de Milão, Turim e Bolonha deslocaram-se para o centro de sua cidade, a fim de acompanhar o entêro, que correu às expensas da municipalidade de Turim. O Papa Pio XII enviou ao arcebispo de Turim um telegrama expressando seus sentimentos pelo triste acontecimento.

LUTO EM SÃO PAULO

Os clubes de futebol da capital paulista, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Comercial e Nacional, em sinal de pesar pela catástrofe aviatória de Turim, resolveram hastear os seus respectivos pavilhões a meio-mastro, como luto oficial, pelo espaço de cinco dias.

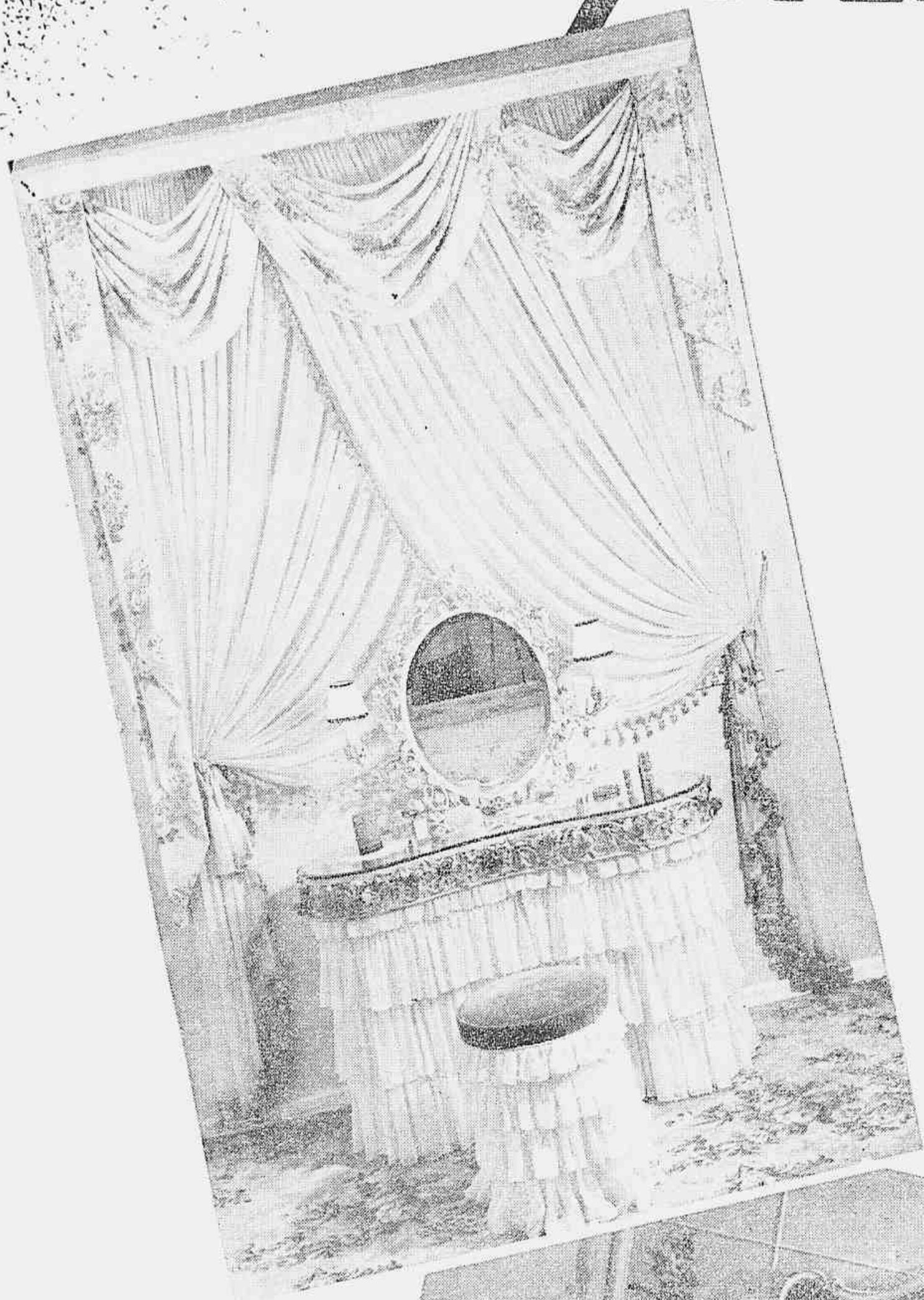
Enquanto isso, organizações esportivas, jornais e estações de rádio da capital bandeirante, mandaram celebrar missa de sétimo dia em intenção dos "cracks" desaparecidos.

O ÚLTIMO JOGO

O Torino Futebol Clube regressava de uma excursão à capital portuguesa, onde havia realizado uma partida, no Estádio de Lisboa, com a equipe do Benfica, na qual foi derrotado pelo "score" de 4x3.

A renda do "match" em apêço revertoria em benefício de um famoso jogador profissional português — Francisco Ferreira — o qual se despedia das canchas. Às vésperas do encontro, os seus promotores verificaram que a renda, até então apurada, não dava para as despesas com a vinda da delegação do Torino. Conhecedores dessa situação, os componentes do clube torinese imediatamente informaram a Francisco Ferreira que estavam dispostos a reduzir a quota que lhes cabia — cerca de 2.000 dólares, em seu favor. Gesto que, embora altamente apreciado, deixou de ser aceito, constatando-se no dia do jogo que o público lotara o estádio, dando margem a que os organizadores obtivessem ainda um pequeno lucro, depois de cumpridas todas as exigências.

INTERIORES

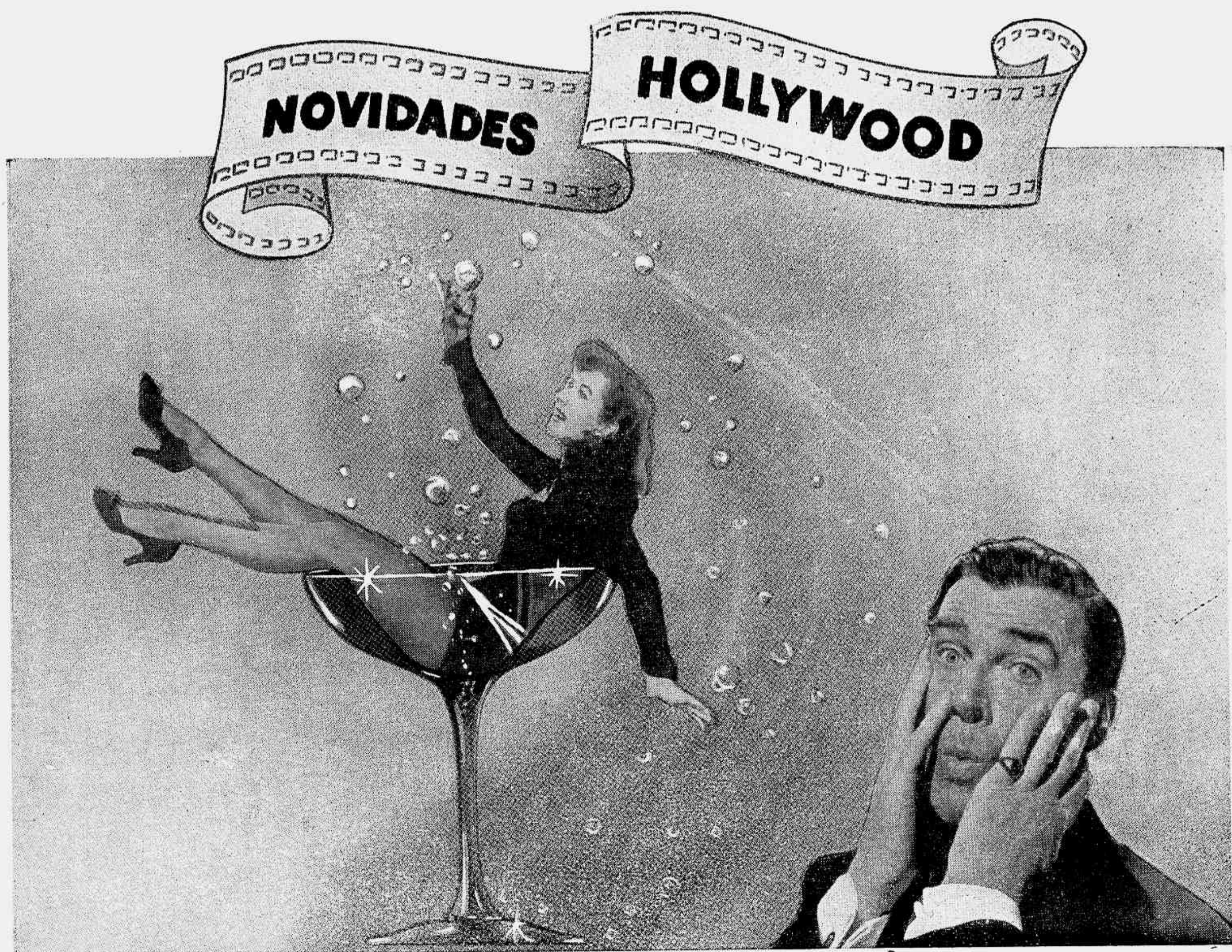


MOVEIS
CORTINAS
TECIDOS
TAPETES
PASSADEIRAS



ASA **UNES**
MARCA REGISTRADA

65 · RUA DA CARIOCA · 67



Hollywood - Calif. Uma inesperada Greer Garson surge no novo filme da Metro-Goldwyn-Mayer — "Travessuras de Júlia". Viva, glamourosa, alegre, em "maillot" de teatro, ela é o "outro lado" da artista que conhecemos em "Adeus, Mr. Chips". Com Greer Garson contracenam Walter Pidgeon, Peter Lawford, Elizabeth Taylor e Cesar Romero.

Hollywood, com seus artistas mundialmente famosos, sugere elegância, bom gosto e requinte. E é particularmente com bom gosto e requinte que esses artistas escolhem os seus cigarros, sempre cigarros capazes de agradar aos mais exigentes, onde entra a mesma alta qualidade de tabaco encontrada, no Brasil, nos cigarros Hollywood. Exija também alta qualidade, prefira os cigarros Hollywood.

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre
o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz